

Um Homem de Brios de Camilo Castelo Branco

ANTES DE PRINCIPIAR

Ainda que o meu romance «ONDE ESTÁ A FELICIDADE?» não tenha valido a indulgente recomendação dos críticos, a fortuna que, às vezes, se apraz favorecer desvalidos, quis que o desamparado livro tenha sido procurado.

Tendo eu visto que cinco análises aduladoras produzem, no máximo, dez compradores, devo dar muitas graças a Deus se se venderam, sem uma análise, vinte exemplares do meu romance. Este raciocínio é concludente.

Talvez se tivessem vendido vinte e um, se as atenções não estivessem todas absortas nas poesias do senhor Faustino Xavier de Novais, que vieram ultimamente provar o verso de Saint-Beuve:

L'art est cher à qui l'aime, et plus qu'on n'ose dire.

Eugène Pelletan, explicando as ocorrências desastradas que impediram fazerem-se conhecidas as MEMÓRIAS DE D. JOÃO, livro excelente de Mallefille, atribui este naufrágio às tempestades das últimas revoluções francesas. No ardor das refregas sociais, quando a liberdade, ébria de sangue, obedecia à inspiração vertiginosa do seu novo pacto social, quem leria as MEMÓRIAS DE D. JOÃO?

Os meus naufrágios devem-se a causas menos calamitosas para a humanidade. É dela todo o proveito, se esquece na estante do editor arruinado um livro, que teve a imprevidência de nascer quando a montanha mugia trabalhada nas dores do seu parto.

Eu tenho visto ratos darem à luz montanhas; um grão de areia encravar o eixo do globo; causas insignificantes produzirem efeitos estrondosos; mas desta vez não me maravilhou o silêncio desanimador com que a crítica recebeu o meu pobre volume.

A época era do meu amigo Faustino Xavier de Novais. As ridicularias mais acessíveis ao olho do vulgo esperavam pena hábil que as moldasse na quintilha salgada da musa popular. Essa aptidão é o raro dom dos que entram os umbrais da imortalidade a rir das coisas e das pessoas deste mundo. É o dom indisputável do senhor Novais. É a máxima do cavaleiro de Oliveira:

Se um homem se puser ao ofício de viver sério, criará malvas à porta.

Eu não posso calcular qual dos meus descendentes, do século XXIII em diante, fará a segunda edição do meu romance: o que posso afirmar é que o senhor Novais está fazendo a segunda, e fará a oitava dos seus versos. Oxalá.

Aí fica uma modesta confissão de que não são capazes todos. Chama-se a isto sacrificar o amor-próprio a bem definir a época em que vivemos, poetas, prosadores, e consumidores. Se alguém descobrir a víbora debaixo destas ervas, deixe-se morder, e morra, que defeca a sociedade dum tolo.

O certo é que desses poucos compradores do meu romance conheço dois que me fizeram o favor de o ler até ao fim, com a louvável intenção de me dizer que o romance não acaba bem, porque, além de... tendo em vista.... sendo certo que.... atendendo a.... o

romance não acaba bem.

Das razões que os meus benévolos censores aduziram, colhi: 1º que o romance acaba mal; 2º que estava em pouco fazê-lo acabar bem; 3º que a baronesa de Amares não devia ficar viva, ou pelo menos com juízo, visto que eu podia matá-la, ou, por grande favor, enlouquecê-la; 4º Guilherme do Amaral não devia fazer o que faz muito boa gente – seduzir, esquecer, comer, beber, dormir, e acordar para seduzir, esquecer, comer, etc.; 5º eu devia dizer o fim que tiveram a baronesa, o barão, o Amaral, o filho adoptivo da costureira, a prima do Amaral, e o poeta. Os assassinos queriam que tudo isto morresse desde 1849 até 1855, em que eu, a pedido dum arquivista de sucessos contemporâneos, escrevi o romance! Há destes leitores sanguinários, que compram um romance como quem aluga uma janela para ver pernear um justicado no triângulo!

Para estes o romance, que visar à exactidão dos costumes, é frio, e não pode acabar bem. Romance sem sarrabulho é coisa triste como o dezembro em casa do lavrador que não matou cevado.

O amor que leva à sedução, a sedução que leva ao fastio, o fastio que leva ao abandono, são alternativas de todos os tempos, nas quais não se repara, nem o espírito se apraz de vê-las escritas em letra redonda, cujo ofício deve ser arrepiar os cabelos, e espremer lágrimas nos olhos rebeldes às muitas dores da realidade desaparecida.

O meu romance, nas cenas mais importantes, é verdadeiro: não podia deixar de ser natural; é natural: não podia deixar de ser frio, embora diga Ponsard: *ce qui est froid, c'est ce qui est faux*. As temperaturas e os temperamentos variam muito entre França e Portugal.

Muitos talentos beneméritos hão-de passar ignorados antes que os quadros da vida, como ela é, substituam os garridos painéis vermelhos e amarelos que os belfurinhos literários penduram no cordel da recomendação jornalística, irrisoriamente chamada crítica literária. Esses muitos terão admiradores sinceros, e eu serei um desses, o mais fraco de todos para coadjuvá-los na sua menosprezada tarefa, mas o mais ardido para seguir-lhes contente os vestígios por onde se desentram do gosto das turbas.

É uma glória não pequena agradar a dois que nos dizem: «o teu livro devia ser lido». Esses dois são decerto os únicos que o entenderam; os outros leram-no.

Eu desejo escrever o romance de modo que o meu leitor – se Deus me deparar um com experiência do mundo, e alma capaz de criar, pela reminiscência de ilusões extintas, novas ilusões – possa dizer: «a vida é isto...».

Se posso espalhar alguma flor sobre a chaga do vício asqueroso, antes quero que os experimentados me taxem de imperfeito nos traços, e que os inocentes vejam as imperfeições sem conhecê-las. Creio que me entenderam; e se não entenderam, eu não sei explicar-me melhor.

Desejo, outrossim, não criar visões de virtude exagerada, porque dou tanto pela imoralidade de Vautrin, como pela resignação de Angélica, como pela paixão suicida da Dama das Camélias. Na natureza não há disto; e eu penso que a realidade é de si tão fértil, que não precisa pedir de empréstimo à imaginação.

E não vejo outro modo de desmentir esta judiciosa sentença de Boiste: *Les romans ne peuvent être que dangereux soit par les exhalaisons du vice et de la corruption, soit par les fantômes d'une perfection idéale*.

Por consequência, verdade e mais verdade. Vivamos neste mundo com os nossos heróis e os nossos leitores, para que o critico citado nos não venha dizer, que *quem tem a cabeça cheia de romances não vive neste mundo*.

Antes de terminar, vou lembrar dois factos aos que se doem do desconceito em que são recebidos os seus escritos, ingratos ao vulgo.

Seja o primeiro a história de *Stendhal*, e seja ele o que a conte:

«...Eu tinha então, como sempre, muito pouca experiência de coisas literárias. O livreiro, a quem eu fizera presente do meu manuscrito, imprimiu-o em papel mau e ridículo formato. Passado um mês, perguntando-lhe eu novas do livro, respondeu-me: – Pode dizer-se que é sagrado, porque ninguém lhe toca. – Eu nem sequer ousara pensar em pedir artigos aos jornais; tal coisa parecia-me ignomínia... O resultado da minha ignorância das condições do mais humilde acolhimento foi encontrar dezassete leitores desde 1822 a 1833.»

Este livro, leitores, era a FISILOGIA DO AMOR. Se não conheceis o livro, é preciso dizer-vos que eu li-o na décima quarta edição.

O outro caso:

Um rapaz bateu à porta dum livreiro e ofereceu-lhe um manuscrito por pouco mais que o valor do papel. O livreiro aceita com cara de protector, imprime, anuncia, e, passados meses, vende a obra a peso, para despachar os vãos das águas-furtadas. O único exemplar saído da estante estava em casa do autor. O livro era SMARRA, que eu li na décima edição. O autor era *Charles Nodier*. Este nome é um dos mais distintos da literatura deste século.

Lembram-me agora mais dois... mais quatro casos, mais vinte, que sacrifico à minha preguiça. Os que aproveitam de semelhantes exemplos, sabem-nos. Resignem-se com eles; e, se a paciência lhes cansar, dêem dois piparotes na arte, e escrevam para esta gente.

É natural que me respondam com Desnoyers: *Le mauvais même a ses labeurs. Ne fait pas du mauvais qui veut.*

Disse.

Vai começar o romance.

UM HOMEM DE BRIOS

I

Guilherme do Amaral, sozinho no seu quarto...

«Quem é Guilherme do Amaral?»

Pergunta sensata que o leitor se digna fazer-me com uma careta não menos sensata que a pergunta.

Guilherme do Amaral, a páginas duzentas e noventa e quatro de outro romance ¹, ficara sozinho no seu quarto, depois que o poeta saiu para entrar no baile da baronesa de Amares.

Decorridos alguns minutos de pasmo, o nosso amigo acendeu o facho da sua razão ilustrada, entrou em diálogo com a sua consciência tranquila, e perguntou-lhe se seriamente aquela baronesa de Amares era a costureira da rua dos Arménios.

A consciência respondeu que sim, e emudeceu envergonhada de outras perguntas que o coração lhe fazia.

O coração! pois é crível a existência de coração no peito deste homem?!

É; eu creio que é. Desgraçadamente estudei quatro linhas de anatomia, outras tantas de fisiologia, e não posso duvidar da existência de um *músculo oco, órgão central da circulação, muito forte, de forma cónica em geral... situado na cavidade torácica obliquamente de cima para baixo, e da direita para a esquerda, dentro do pericárdio*. Esta entranha chama-se CORAÇÃO ².

O que não vi nos meus compêndios foi uma prova convincente de que o coração entretém palestra com a consciência, para poder aqui asseverar-vos que a consciência de Guilherme do Amaral era susceptível de vergonha, Não me arrisco aos percalços desta questão, porque não estou bem certo da distância que vai do coração à consciência, e menos ainda se é possível envergonhar-se esta do que faz aquele. Ao primeiro intuito, consciência, coração e espírito afiguram-se-me entidades que operam unidas, elevam-se unidas, despenham-se unidas, e interessam-se nos júbilos da virtude, ou nas tristezas do remorso. Isto é o que me parece; e se disse heresia metafísica ou teológica, desdigo-me de tudo, menos de que havia um coração no peito de Guilherme do Amaral.

E, de mais a mais, um coração que propunha os seguintes quesitos ao júri da consciência:

1º Este sentir saudosos, que me transporta aos felizes dias do Candal, será o amor que renasce em mim?

2º Este abalo, que me sacode todas as fibras, será a minha reabilitação para a virtude?

3º A aparição de Augusta, alindada pelo prestígio da grandeza a que a elevou o acaso ou o destino, será o meu castigo?

Até aqui não tinha a consciência de que velar o rosto pudibundo. Ao primeiro quesito responderia: É. Ao segundo: NÃO. Ao terceiro emudeceria como a sonâmbula, quando a interrogam sobre segredos que pertencem à Providência.

Mas agora:

4º *quesito*. Haverá no coração de Augusta a saudades dos felizes tempos do Candal?

5º A minha imagem virá colher-lhe as lágrimas dessa saudade?

6º Vendo-me, poderá repelir-me?

¹ *Onde está a felicidade?*

² *Elementos de Anatomia* de Soares Franco, 2º vol., pág. 251.

7º Terá a cruel virtude da resistência se eu cair de joelhos a seus pés?

8º Vencida, poderei ainda ter dias de contentamento?

A consciência não podia tolerar este cínico interrogatório. Veio a RAZÃO substituí-la. Amaral quis fechar os olhos da alma a essa visão terrível. Abriu-lhos o espinho do remorso.

Devia assim falar-lhe essa insubornável mensageira de Deus:

«Deixaste Augusta no Candal, quando seguiste tua prima. Em vez do coração que lhe roubavas, deixaste-lhe para cada mês um punhado de ouro, que ela desprezou. Fizeste-lhe sentir que o dinheiro é a recompensa dos sacrifícios de certas mulheres. Levaste-a pela mão até à porta da sentina onde a sociedade despeja as suas fezes. Não voltaste nunca para o horizonte, onde a deixavas, os olhos húmidos. Correste livre onde te chamava uma vingança providencial, contando as migalhas que lhe deixavas do teu sobejo ouro. Se o ouro te não sobrasse, deixá-la-ias sentada entre a fome e o abandono. Augusta não pode ter saudades do Candal. Se a lembrança lhe vem de lá, como ave nocturna, espancar a luz que lhe alumia o santuário das suas virtuosas afeições, deve ser bem negra essa lembrança!

A tua imagem virá nessa recordação, assim como o corisco vem no relâmpago, e o veneno na ponta do punhal ervado. Terás feito correr o pranto dos olhos dela; porém não será esse o pranto da saudade. Ver-te-á nos lábios um sorriso desprezador, e ela mesma, forte da sua virtude, rir-se-á do teu sorriso.

Se te visse, não saberia repelir-te, porque a tua presença lhe faria na alma a impressão da morte. Serias para ela a ressurreição do ódio, amortecido pelo tempo, e ser-te-ia inútil procurá-la segunda vez.

Se caíesses de joelhos a seus pés, essa mulher cairia de joelhos também, pedindo a Deus virtude para perdoar-te.»

A razão condenara, e Guilherme do Amaral apelou para o tribunal da vaidade. A vaidade, assoprada pelas inspirações do cinismo, afrontou a razão. A luta prolongou-se durante a noite. Muitas vezes Amaral, fechando os olhos, quis transigir com as eventualidades, protraindo para ocasião oportuna o plano reflectido que o seu orgulho, irritado pelos desprezos da razão, lhe segredava.

Às quatro horas da manhã uma carruagem parara no *Hotel de Itália*, e bateram à porta do quarto de Amaral.

Era o poeta, voltando do baile.

– Vim perturbar-te o sono suavíssimo da manhã? – disse o hóspede risonho.

– Não pude ainda adormecer! Muito estimei a tua vinda... Imaginas que horas de inferno têm sido as minhas?

– Não sei como tu acendes esses infernos, Amarai! Eu imaginava-te um homem incombustível... Cada vez conheço menos o coração humano! Pensava eu que um homem da tua vida não tinha sequer o calcanhar vulnerável, como o capitão de Homero. Essa tua insónia deve-se ao conhaque, enquanto a mim...

– É estúpido o gracejo! Deixa-me só. Quero chamar-te sempre amigo... Não me dou voluntariamente aos teus estudos bárbaros. É singular o bom humor com que vens atormentar-me!

– Queres dizer-me que entre em conversação grave e séria contigo? De muito boa vontade.

«É, pois certo que viste Augusta. Não duvidas que a costureira é a baronesa de Amares...

– Não duvido... e daí?

Daqui não cabe mal uma pergunta já feita:

Que tencionas fazer?

- Não sei...
 - Retiras hoje de Lisboa, não é verdade?
 - Não firmei ainda as minhas resoluções... Não sei porque deva retirar-me de Lisboa. Creio que ninguém me persegue.
 - A honra... obriga mais que uma perseguição.
 - A honra! eu não me desonro estando em Lisboa.
 - Se não é a honra, seja a generosidade. Compreendes-me?
 - Perfeitamente... É generosidade respeitar Augusta. E quem te disse a ti que eu quero inquietá-la?
 - Ninguém mo disse; mas eu peço que te retires de Lisboa. Se te não pedem comigo a honra e a generosidade, seja o sentimento que eu julgo inextinguível no coração mais estragado: seja a caridade.
 - És sempre o mesmo homem das palavras solenes... Senta-te aí, dá-me um charuto, conversemos, como há cinco anos, na hospedaria da *Águia de Ouro*, sobre a minha cama. Eu então falava-te duma pobre rapariga da rua dos Arménios, a quem dei uma esmola para enterrar a mãe: fala-me tu hoje da baronesa de Amares, que será capaz de dar um prémio a quem me tire de Lisboa, pelo menos a alma; pouco importa que o corpo fique no cemitério dos Prazeres...
 - Vou-te reconhecendo no teu estilo. Estás entrando na plenitude do teu carácter. Assim, assim, meu Guilherme do Amaral... Que queres que eu te diga?
 - Falaste com ela no baile?
 - Não.
 - Não! porquê?
 - Quando lá cheguei, a baronesa de Amares tinha saído do baile.
 - Saído do baile! Às dez horas da noite! Deu-se algum motivo?
 - Queixou-se duma agonia, fez chamar uma carruagem de praça, e saiu. Diz-me tu: trouxeste passaporte?
 - Trouxe.
 - Está em teu poder?
 - Está; tomaram na barreira o meu nome, a minha naturalidade, etc., e entregaram-mo.
 - Está explicado o motivo. Deves hoje sair de Lisboa.
 - Mas não está explicado para mim. Augusta soube da minha chegada?
 - É crível que sim. A baronesa tem uma amiga íntima. Conhece-lhe a vida, conhece-te, sabe tudo que eu sei e tu sabes. Esta mulher viu talvez o teu nome que entrou, primeiro que em outro qualquer, no gabinete de seu marido... Revelou-lho no baile, e seguiu-a, logo que ela saiu. Mais uma razão... Conheces agora a necessidade de sair de Lisboa? Caridade, Guilherme do Amaral! Dá-lhe essa indemnização à pobre mulher por tudo que ela foi para ti. Se Augusta aqui estivesse, pedia-te de joelhos. Evita-lhe a humilhação dolorosa de ta pedir. Em ela sabendo que saíste de Lisboa, abençoa a tua resolução. Será esse o único meio de lhe seres menos odioso...
- Guilherme do Amaral pensava.
- Não duvido sair de Lisboa – disse ele – mas dir-me-ás para onde. Eu não quero sair de Portugal, e, ainda que quisesse, há uma privação respeitável que me estorva. Só vendendo mais uma parte da minha casa é que posso viajar.
 - Escusas sair do país, vem comigo para o Porto, de lá iremos à província, tornaremos ao Porto, e viverás como vive muita gente boa.
 - Devo ter muitos inimigos no Porto – redarguiu Amaral sorrindo; – bem sabes que provoquei a moral portuense, mostrando-me num camarote com Augusta, por causa de quem cortei todas as minhas relações.

– Isso esquece, contanto que tu proves à moral portuense que tens ainda doze mil cruzados de renda. Não caias na ingenuidade tola de dizeres que voltas meio arruinado. Eu encarrego-me de fazer publicar nos jornais esta local:

«Acha-se felizmente entre os seus numerosos amigos portuenses o excelentíssimo senhor Guilherme do Amaral Tinoco de Albuquerque e Frias, distinto cavalheiro da Beira Alta, e mancebo de estimáveis qualidades. Sua excelência volta dum viagem recreativa, e em toda a parte deu da terra, que se gloria de o chamar seu filho, uma alta ideia. O rico proprietário, depois de demorar-se entre os seus amigos alguns meses, vai à província ensaiar sistemas agrícolas que estudou, com a rara penetração que todos lhe conhecemos, na Bélgica e na Suíça. Podemos hoje rectificar uma notícia que más informações propalaram a respeito de sua excelência. O senhor Guilherme do Amaral não casou em Londres, como se disse.»

«A redacção, como vês, não tem nada original; e vesti-la de novas formas seria matar-lhe o efeito. Sobre este rascunho farei dez variantes, e, ao mesmo tempo, o jornalismo portuense levará o teu nome, com o prestígio antigo, a todas as casas que respeitam os teus velhos doze mil cruzados.

«Seria duvidar da tua esperteza industrial-te no papel que deves representar no Porto. Já te lá vi desempenhar um mais difícil com a maestria dum Talma. A coroa cômica, os aplausos estrondosos, que te deram no jantar do barão da Carvalhosa, foram triunfos dos que seguem até à campa a reputação dum artista da tua força. Está-me a parecer que queres dormir?!

– Não quero dormir. Estou a ouvir-te, e sinto-me bem. Transporto-me àqueles nossos «cavavos» da *Águia de Ouro*. Eram todos neste estilo. Como eu era feliz! E no Candal? não te lembras dos sorrisos finos com que Augusta mostrava compreender as tuas críticas apimentadas da santa maledicência dos rapazes, que fazem consistir toda a sua felicidade no dom de fazer rir à custa das ridicularias sérias? Que tempo, e que mudança! Então era tudo espontâneo em mim, excepto quando eu punha a máscara para caçoar com a humanidade. Hoje, a minha natureza é a melancolia e a desesperação. Se me quero rir, tenho de pedir ao cinismo sarcasmos, zombarias ultrajantes, e argúcias torpes, que me vertem metade do seu fel no coração...

«É tu, meu caro poeta, és o mesmo homem que eu conheci! atravessaste cinco anos insensivelmente. Não desejaste vencer a distância, que te separa do túmulo, durante essa longa caminhada da vida... Tens ainda as tuas doces ilusões...

– As minhas doces ilusões! – interrompeu o poeta. – Onde vai isso, meu filho? Esqueceste que eu fui, faz hoje sete anos, o autor das quarenta e oito poesias, a razão de poesia por semana? Neste tempo, onde estavam já as minhas ilusões? Convertidas em experiências umas; outras, diluídas em lágrimas, que ninguém me viu chorar; e uma só de entre todas, a primeira, espero encontrá-la no céu. Conheceste-me um pouco inclinado a sorrir do infortúnio. Viste-me uma jovialidade parecida com a dos primeiros anos de preocupações pueris; mas isso, que não eram ilusões, perdi-o.

«Mudei muito,, meu amigo, e tu tiveste grande influência nesta mudança. Habitaste-me a pensar com amargura. Com a tua ingratidão à costureira fizeste-me ser mais compassivo do que era. Mostraste-me a sociedade mais asquerosa do que ela realmente me parecera, e do que realmente será.

«Antes de te conhecer, fugia de estudar o mal, na certeza de que ele viria abrir-me os olhos com a violência da dor, sem procurá-lo eu. Depois que fui chamado para a cabeceira da pobre senhora, que eu me afiz a contemplar como um tesouro de felicidade, e chamado... para vê-la tão desgraçada... olha, Amaral, não te culpei, não te condenei... pareceste-me verme de mais para o peso de tamanha responsabilidade; mas ergui o pensamento conspirado contra Deus, e perguntei-lhe se eras tu a obra perfeita da

criação, e Augusta a mulher predestinada desde o paraíso para companheira do homem.

«Em mim fazem mais impressão as desventuras dos outros, do que as minhas. Fui sempre assim: as tristezas misteriosas dum rosto pálido de homem faziam-me imaginar romances dolorosos; e essa palidez quase sempre me saía uma doença de fígado ou de estômago. Quando me contavam a desgraça duma rapariga, como Augusta, enlutava-se-me o coração, e toda a minha arte de falsificar o semblante era pouca para esconder as lágrimas. Esconder, sim... bem sabes que entre certos homens de certa ilustração a sensibilidade é uma vergonha... Um sucesso destes impressionava-me ainda mais se eu não conhecia a vítima. É porque a minha imaginação criava um anjo despenhado, um anjo perfeito sem as máculas da realidade que eu não conhecia. Se, porém, uma mulher, na condição de Augusta, me era mais ou menos conhecida, achava sempre nela alguma falta que arrefecia a minha compaixão. Mulheres abandonadas e resignadas não vira nenhuma. Levantem-se com honra do abismo onde as lançara o homem, e onde a sociedade não ousou cuspir-lhe, não conhecera uma só, até que recebi, obra de tuas mãos, Guilherme do Amaral, o meu perfeito modelo de amargura, a mulher que tantas vezes descera do mundo das quimeras a verter lágrimas nos meus romances. Era a costureira da rua dos Arménios...

– Sim: sei onde vais... – atalhou Amaral. – Não será possível obter da tua generosidade alguma coisa mais que essas reminiscências impertinentes?

– Foste tu que as despertaste, Guilherme. Quem falou no Candal, e nos finos risos de Augusta?

– Fui eu; deixa-me ser eu só... Basta que eu me castigue. Mas falemos de Augusta... é preciso falar. É para mim uma mulher ressuscitada com todo o prestígio que lhe deu uma morte gloriosa. Nunca foram interrompidas as tuas relações com ela?

– Nunca.

– A riqueza que um desgraçado acaso lhe deparou não a faz soberba?

– Não. Cada vez mais humilde. O marido engrandeceu-se, e ela seguiu-o nos exteriores dessa magnificência de que ela se serve para chamar a atenção dos infelizes que lhe pedem consolações.

– Mas... é possível que ela ame o artista que nós conhecemos?...

– Porque não há-de amar?! O artista foi a providência daquela mulher. Ama-o como um emissário que Deus pôs a seu lado. Depois que a deixaste, o único homem que podia protegê-la, sem exacerbar-lhe a desonra, era ele. E demais, a baronesa de Amares, amando tudo que é infeliz, ama seu marido, que muitas vezes se lastima por não ter uma alma que entenda os enlevos da alma de Augusta. Ela consola-o, e convence-o de que é feliz.

– Mas não é...

– E se não é, que proveito tiras tu de que o não seja?! Parece que folgarias se ela fosse desgraçada!

– Folgar... não. É que não posso conciliar uma alma que eu formei, com os instintos baixos daquele Francisco que me desfechou um bacamarte no Candal...

– Justamente, aquele Francisco de *instintos baixos* que respeitou a tua vida, preferiu matar-se, a ver-te possuidor da mulher que lhe desarmou o braço com um gesto imperioso.

«Quantos heroísmos conheces destes? A tua ilustração e elevados instintos aconselhar-te-iam a virtude do suicídio?

«Olha, Amaral, nós os homens, que nos julgamos inteligências de gravata, somos ridiculamente arrogantes da nossa superioridade. Imaginamo-nos criaturas privilegiadas com dois sentidos mais que o homem simples, sincero como a natureza o produziu, e nu dos enfeites da arte, que formam uma segunda natureza, com a qual falseamos todas as

propensões ingénuas da primeira. É bem tola a nossa soberba! O coração de Francisco valia mais que o teu. Tu fizeste da costureira uma rara mulher. Deram-se três razões para isso. Primeiro o fastio dos prazeres comuns a homens pretendidos da sociedade. Depois o dinheiro, que te facilitava a compra de todos os luxos da civilização, e todas as riquezas do espírito. E ultimamente o capricho de artifício. Sem dinheiro, meu amigo, não terias feito nada. Augusta, logo que despisse o seu único vestido de gala – inocência e beleza –, não poderia enfeitar-se com outro diante de teus olhos saciados.

«Ora o amor do artista era o amor do pobre, sem caprichos, sem precisão de premunir-se com o prestígio para socorrer-se no tédio da posse. Valia bem mais que o teu o amor do pobre; não valia, Amaral? Diz que sim. O teu sorriso é ainda uma falsificação do teu carácter. E se queres dizer que não, guarda para ti a resposta, e falemos no que importa.

– Pois sim; falemos no que importa. O que tu queres é provar-me que a baronesa é feliz? Deixá-la ser, estimo bem que o seja. Mas, se me concedes ao coração um resto das velhas virtudes que morrem no princípio da vida, acredita que me penaliza a ideia de que sou um homem aborrecido a Augusta. A minha chegada a Lisboa, sem que ela me odiasse muito, não a faria sair dum baile onde entrava tão radiosa de contentamento.

«Que receia de mim? Eu nada perdi do meu antigo amor-próprio. Sou incapaz de entrar em partilhas de amor com o tecelão de Lordelo. Que esteja descansada. Poderia ser para mim um objecto de respeitoso culto, se a viesse encontrar na rua dos Arménios fazendo suspensórios. Mover-me-ia à compaixão se a encontrasse mulher sem alma e sem memória da sua queda à mercê do primeiro que passa. Na posição em que a encontro, engrandecida pelo dinheiro que o acaso lhe deparou, desprezo-a, acho-a trivial, mulher que vai a bailes provocar os risos dos que lhe conhecem o nascimento. O medo que o meu nome lhe causou, que é senão o receio de ser conhecida a sua história?

«E porque não há-de ser? Que privilégio é o dela sobre muitas outras miseráveis do seu jaez?»

Estas injuriosas tiradas, que decerto indispõem a leitora contra o caluniador da baronesa, faziam rir o poeta.

O riso irritava o rancor de Amaral, e os ultrajes redobravam. Queria ele encobrir, sorrindo, a cólera que lhe fuzilava nos olhos, quando o poeta o interrompeu:

– O ciúme! O ciúme!

– O ciúme?! – atalhou mais enfurecido Guilherme.

– O ciúme, sim. Tens dito infâmias que daqui a pouco te custam remorsos; mas acredita, Amaral, não fazes mal com elas à pobre senhora. O que pode afligi-la é a paixão que as produz: é o ciúme.

– Estás brincando! Sou uma alma bem pequena e bem aviltada na tua imaginação... Quero dar-te uma prova bem significativa da indiferença com que me retiro dessa mulher: Hoje vou para o Porto.

– Pois iremos ambos.

– Como queiras. Se vens para me dispensar consolações, rejeito-as, não as preciso.

– Nem eu tas ofereço, meu amigo. Vou, porque preciso ir, e prefiro a tua companhia à da minha sombra... São sete horas da manhã. Devemos sair às dez.

«Eu vou dar alguns passos, e se, não queres fatigar-te, trarei dois passaportes.

– Como queiras. A menos demora possível.

– Até logo.

II

O poeta, que continua a ser inominado, não disse tudo o que sabia ao seu amigo Amaral.

É certo que, apenas entrara no salão do baile e soubera a repentina retirada da baronesa, seguiu-lhe os passos, entrou pouco depois que ela se recolhera ao quarto, e viu o barão consternado, sem poder explicar a razão por que sua mulher pedira que a deixasse só.

– Pois não foi uma dor que a fez sair? – perguntou o poeta, afectando uma delicada ignorância.

– Parece-me que não. Ali há grande desgosto, que só o senhor poderá saber. Estava capaz de lhe dizer que o senhor está aqui...

– Se quer ter a bondade...

O barão voltou contente, dizendo que sua mulher mandara entrar «seu irmão» como ela denominava o seu velho amigo.

– Vá, meu amigo – acrescentou o barão – e se for coisa que eu possa saber, eu dou tudo quanto tenho para lhe dar remédio.

Como vêm, o barão era ainda o bom homem da rua dos Arménios, dizendo as coisas com a lhanza rústica da sua alma ingénua. Amiga fortuna era a dele, que o enchera de favores, sem lhe esvaziar do coração as riquezas naturais, que tantas vezes saem para entrarem os gozos mascarados!

O poeta foi encontrar a baronesa sobre um divã, com a face coberta de lágrimas, apertando com as mãos a fronte. Apenas ela o viu na antecâmara do seu quarto, caminhou para ele, apertou-lhe a mão e balbuciou como em segredo:

– É sempre o meu anjo nas aflições... Vejo que sabe tudo. *Ele* está cá decerto?

– Está... e que importa?

– Importa muito... é preciso que eu não o veja.

– Não verá, senhora baronesa, mas... o caso não vale a pena de tamanho sobressalto...

– Não vale a pena? Oh! Meu Deus! pois acha que devo encontrar-me com ele?!

– Encontrar-se com ele era muito possível sem que daqui se seguisse consequência funesta. Se me pergunta o que deve fazer, respondo-lhe que faça o que até aqui tem feito: indiferença. Estar Amaral em Londres, em Paris, ou em Lisboa, que tem isso com a senhora baronesa? São duas pessoas que se conheceram, e com o tempo esqueceram-se reciprocamente as feições, de modo que se encontram, e não se reconhecem.

– O meu amigo, que maneira é essa de julgar-me! Eu não esqueci assim as feições desse homem. Todo o meu ânimo e todas as virtudes – deixe-me ter esta fraqueza – com que conto, para ser até ao fim da minha vida o que sou desde que me dei à vontade de meu marido... Não posso falar... tenho o coração apertado por uma angústia horrível...

– Vossa excelência queria dizer que todas as suas virtudes não bastam para encarar Guilherme?

– Sim, sim...

– E que sentimento será o que a perturba tanto?

– Não sei...

– Recordações do amor que...

– Não sei... não tenho querido interrogar-me...

– Pois conversemos. Entre nós, minha querida amiga, um segredo é uma falta de lisura. Eu estou afeito a conhecer a sua alma melhor do que a minha. Deixe-me poupá-la

a revelar-se; quero ver se adivinho... Falemos de Amaral...

– Não...

– E se eu lhe disser que ele...

– Falou em mim?

– Falou: era bem natural falar. Chegou ontem...

– Sei que chegou ontem, e veio só... deixaria a...

– A mulher? é o que vossa excelência quer perguntar-me. Guilherme do Amaral não casou.

– Não casou! – exclamou ela, estremecendo.

O poeta sorriu de modo imperceptível.

– Está solteiro. Eu, também me espantei quando o vi só, e o espanto converteu-se em riso, quando ele me recitou a comédia do seu noivado... É uma história de rapazes...

A animação de Augusta arrefeceu de repente. Vejamos como se explica o incêndio e o arrefecimento.

Será custoso, mas tente-se. Em dois segundos passou-se tudo isto no coração da baronesa, mas em frases rápidas que se traduzem em muitas palavras:

«Guilherme não casou; teve saudades de mim, e o remorso venceu a alucinação. Viria talvez chorar comigo, quando soube que eu casei. Ficou cinco anos para esquecer-se e eu que nunca o esqueci... não ousarei chorar com ele? Se eu estivesse livre poderia ainda ser feliz?»

Esta Intima pergunta coincidiu com as gélidas palavras do poeta: *quando ele me recitou a comédia do seu noivado... É uma história de rapazes...*

O interlocutor conheceu a mudança. Se o coração falasse no pulso, dir-se-ia que o poeta, ao tomar-lhe inesperadamente a mão, quisera surpreender-lhe as pulsações que paravam arrefecidas pelas últimas palavras ditas de propósito. Augusta sentiu que era adivinhada, e corou. Se era o corar do pejo, se da ira contra si, por ser tão flexível ao toque duma ilusão, não o saberia dizer ela, nem o poeta decifrar.

– Amaral – prosseguiu ele – viajou quatro anos, e vem, ao que parece, infeliz.

– Pobre?

– Pobre não, se a pobreza mais amarga não é o tédio da vida, a desesperança, e o desconforto.

– Nunca me disse que ele lhe escrevera de lá...

– É que nunca me escreveu.

– E não sabe se eu vivo...

– Sabe que vive...

– Como?

– Como realmente vossa excelência vive, querida de todos, respeitada pelas suas virtudes, e senhora de muitos haveres que a Providência depositou em suas mãos para alívio dos infelizes.

– Oh meu amigo! – exclamou ela com energia súbita – eu tenho tanta precisão de fazer-lhe perguntas... Não me crimine...

– Não crimino. Quer perguntar-me como ele ouviu a sua história?

– Sim... – murmurou ela como num gemido convulso.

– Primeiro inventei uma história em que vossa excelência, depois da sua saída do Candal, se mantivera honrada na desgraça, até que a fome venceu a resistência da virtude, e a levou pelos cabelos, de lamaçal em lamaçal, à extrema degradação da alma e do corpo.

– Meu Deus! – exclamou ela. – Que horrível história a sua! De que serviu essa invenção, que me faz arrepiar os cabelos!?

– Serviu para lhe dizer por fim que a desgraçada Augusta, impelida ao abismo

pelo pé de Guilherme morrera sobre uma enxerga da caridade.

– Jesus! e depois?

– Estudava eu a fisionomia de Amaral, e senti não sei que júbilo de ver-lhe lágrimas. Seria este júbilo o de ter mentido? Era, decerto. Vaidade de encravar um espinho de remorso em coração de pedra, essa seria vá e sem proveito... Chorava, pois, e eu...

– Desmentiu-se, não é verdade?

– Desmenti, mas com solenidade digna da mentira. Convidei Amaral para um baile...

– Que baile?

– Espere, senhora baronesa. Convidei-o para um baile, como diversão às ideias tristes que o preocupavam. Resistiu, mas aceitou. O baile era aquele onde vossa excelência entrou há pouco...

– Como! ele esteve lá?!

– Esteve no pátio... viu...

– Viu-me?!

– Viu entrar a baronesa de Amares. Não sei dizer-lhe o que apareceu na fisionomia dele. Foi-me preciso ameaçá-lo, quando não bastava a resistência para retê-lo.

– Que queria ele?

– Nem ele o saberia. Talvez desvanecer a dúvida que o atormentava... Vossa excelência subiu, e Amaral entrou comigo na sege. Conte-lhe então a história verdadeira...

– E ele...

– Ouviu-a num espasmo estúpido, a julgá-lo pelas perguntas que me fazia.

– E agora?

– Não entendo bem a intenção da sua pergunta.

– Que devo eu fazer?

– O que vossa excelência deve fazer, a sua consciência lhe responda. Importa mais saber o que fará Guilherme. É natural que saia amanhã de Lisboa. Se sair, é de crer que satisfaça a vontade de vossa excelência.

– Se Deus o permitisse...

– Permitirá. Eu vou falar-lhe.

– Agora?

– Sim, minha senhora.

– Dir-lhe-á que falou comigo?

– Não direi, se vossa excelência convém que não tem nada a fazer-lhe saber.

– Decerto, não tenho... mas, meu amigo, deixa-me abrir-lhe todo o meu coração?

– Que pergunta!

– Eu não tenho ódio a Guilherme. Cinco anos da minha vida, empregada em ser boa para os que sofrem, faz que eu perdoe ofensas que, talvez, recebi por vontade superior à de Amaral. Estou habituada a querer bem a todos; não posso querer-lhe mal a ele. A ofensa dói-me ainda... a ferida, depois de cinco anos, escorre sangue... não é o esquecimento que perdoa, é a resignação, é a caridade, é a prática da oração divina: *perdoai-nos, Senhor, as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores*. – É um grande favor que Deus me conceda esta benevolência. É para todo o mundo que ma dá: pedir-lhe-ei sempre que as lembranças do passado me não sejam espinhos de rancor contra alguém... Meu irmão, chama-me fraca? eu não me ofendo. Se me chamar mulher sem dignidade... e sem vergonha... magoa-me com a injustiça.

– A injustiça é vossa excelência que ma faz, julgando-me inferior à compreensão

da sua nobre alma.

– Pois perdoe-me... Eu queria dizer-lhe...

– Que não pode odiar Guilherme, e que, se o mundo fosse melhor do que é, talvez pudesse encará-lo...

– Não, não! Eu não quero dizer tal! – interrompeu ela animosamente. – É muito diferente o meu pensamento. Vê-lo... Deus me livre! Deus me poupe a semelhante experiência! Queria dizer-lhe que se Guilherme é infeliz, e voltou a Portugal... por não ter meios...

– Já lhe disse, senhora baronesa, que Amaral é independente.

Dir-se-ia, sem receio de ilusão, que a baronesa sofreu com esta seca resposta do poeta! Tudo enigmas em certas organizações de mulheres, estremadas do vulgar!

Augusta encontrava em si, sem descair da sua virtude, um só acto com que provar a Amaral que lhe não era a ela no mundo um homem estranho. Manifestação única do seu amor, não extinto, ao homem que a enriquecera de dons espirituais, que tão amarga lhe fizera a vida, essa vontade de ser-lhe útil na desgraça, era um sentimento em que ela convertia todos os outros, reprovados pela consciência.

O poeta viu o que o pejo escondia. Conheceu a máscara da generosidade com que o amor se denunciava, porque é ele um deus ou um demónio de tantas faces que nunca pôde escondê-las todas.

A mulher ilude menos, quando quer iludir-se.

Na baronesa de Amares, este sentimento caritativo por Amaral poderia atribuir-se a duas causas: a religião como conselheira do perdão das injúrias. A outra causa é um contraste da primeira: vontade de humilhar com uma generosidade soberba o homem, cujas esmolas repelira.

Não era alguma destas causas. Havia no rosto de Augusta um sinal que indicava uma terceira: eram as lágrimas.

Nas lágrimas parecia dizer:

«Coloquei-me numa situação em que não posso perdoar, como se perdoa, quando se ama, ou quando se amou com toda a alma, e por toda a vida.

Eu queria, sem me desvirtuar aos olhos de Amaral, fazer-lhe sentir que era eu a mulher da sua felicidade. Queria achá-lo só, só e abandonado de todos neste mundo, para lhe dar a minha mão invisível, e trazê-lo ao coração de modo que ninguém o visse, que nem ele mesmo se conhecesse existindo lá. Queria avivar-lhe todas as saudades daquele tempo, todas e tão ardentes que o matassem, não podendo eu sobreviver-lhe. Queria que ele dissesse: – Houve uma só mulher para mim: tirei-a da ignorância, ensinei-a a sentir o amor, a gemer no abandono, a morrer com honra, e a condoer-se da desgraça... Criei-me um anjo para toda a vida... – Queria, meu Deus, dizer-lhe que nunca pude esquecer-lo, e que todos os dias – vós o sabeis, Senhor! – vos pedia que me deixásseis sofrer a minha saudade sem macular os deveres de mulher casada...»

O que mais significavam as lágrimas da baronesa é enigma, que não pode ser averiguado à luz do coração do homem. Entre os dois corações há duas linguagens extremamente diversas. Pertence a mulher de alma e inteligência, transfigurar-se uma hora, na condição da baronesa, e entendê-la. Se, todavia, a perfeita versão das lágrimas é qual eu a suspeito, bom é que as intérpretes guardem para si o segredo, assim como eu guardaria, se o decifrasse.

O confidente de Augusta, ouvia os passos do barão de Amares na sala imediata.

– Seu marido – disse ele, indeciso na resposta que daria ao barão – há-de perguntar-me quando eu sair, o que se passou entre nós.

Augusta, surpreendida por uma advertência que não tinha feito a si própria, ficou perplexa e silenciosa como esperando um pretexto da invenção do seu amigo.

O poeta, não menos enleado que ela, ergueu-se, deu passos sobre passos na antecâmara, retorceu o bigode, e tornou a sentar-se desconsolado da sua esterilidade de imaginação.

– Que se há-de dizer a meu marido? – interrogou a baronesa.

– É preciso mentir?

– Se é preciso mentir!?

– Sim, minha senhora, pergunto eu se é preciso dissimular uma causa ao repentino desgosto que vossa excelência escondeu de seu marido. Se a sua dor fosse criminosa... mas eu julgo-a tão inocente, quanto é possível ser. Seu marido escusa de ignorar o que não ofende a sua honra. Quem, como ele, sabe o passado, não pode admirar-se, e, menos ainda, ofender-se do presente. Aqui não há vergonha que deva esconder-se. É muito simples a questão: vossa excelência soube que estava em Lisboa um homem, que amou tanto, quanto seu marido sabe que esse homem foi amado. A presença de Guilherme não revive o fogo apagado pelas lágrimas, que seu marido viu chorar; mas remexe as cinzas, que ainda encerram uma faúla de saudade... É esta a questão.

– Meu marido não saberá compreender o que eu sinto – atalhou a baronesa.

– É de crer, porque vossa excelência sente, e não sabe bem o que sente. Seja o que for, as intenções não põem nódoa, e seu marido se lhe disserem que sua mulher, depois de cinco anos, chorou, sabendo que está em Lisboa o homem que tanto a fizera sofrer...

– Sofre comigo, e não terá uma palavra ofensiva que me dê.

– É inútil a mentira nesse caso.

– Mas eu não tenho a coragem de lhe dizer a verdade.

– Dir-lha-ei eu... verdade inteira, não... a verdade como eu queria que ela fosse...

– Explique-se, meu amigo. Que sinto eu que lhe desagrade?

– Vossa excelência sente quanto basta sentir para perdoar a Amaral. A mulher ofendida por ingratidão só perdoa quando quer esquecer a perfídia, recebendo, como recompensa do que sofreu, novas provas de affecto.

– É um engano, é uma calúnia. Isso quer dizer que eu perdoe a Guilherme para ser amada?

– Não é tanto... Eu penso que vossa excelência quer ser amada, perdoando... amada não direi bem... admirada, adorada como se adora a virtude, daquela adoração que a caridade cristã lhe permite, ainda que o adorador tenha sido um amante pérfido. Não é assim?

– Já lhe disse: não odeio Amaral.

– Entre o ódio e amor está o desprezo; decerto o não despreza.

– Não... já lhe disse quanto pude...

– E eu abuso das suas revelações, fazendo-lhe ainda uma pergunta: Deseja que Amaral se retire de Lisboa?

– Desejo-o... de todo o meu coração.

– Vou retirar-me, senhora baronesa: farei que a sua vontade seja cumprida. É natural que eu não possa despedir-me partindo para o Porto amanhã.

– Já? pois nem adeus me vem dizer?

– Se sair antes do meio-dia, a hora é inconveniente para procurá-la. Vossa excelência precisa repouso.

– Não deixe de vir a qualquer hora, não?

– Virei, minha senhora.

O poeta encontrou, a seu pesar, o barão que, abstraído nas suas conjecturas, passeava numa vasta sala à luz única dum castiçal, que se refrangia na cintilante comenda. Se eu não temesse mesclar graçolas em assuntos graves, notaria que o apoquentado barão apenas chegou, pôs-se em forma de alfange a puxar pelas botas de

verniz, que lhe tinham causticado as proeminências calosas de tal modo, que não é fácil decidir qual das dores o excrucia mais, se a do joanete, se a da alma.

É certo que tirando as botas, não tirou a casaca, nem a gravata branca de três baterias. A comenda brunida e luminosa não ousava, ainda assim, eclipsar o amarelo dos chinelos, longos e confortáveis como convinha aos pés anfractuados do bom Francisco, a quem aquela Ana do Mouro da Rua dos Arménios chamava tolo, pacóvio, patacão e outras que tais lisonjarias de que há-de dar contas a Deus.

Tolo ou esperto, o barão de Amares era um pobre homem, com todas as virtudes inatas duma ignorância inofensiva.

Enquanto sua mulher e o poeta falavam na meia voz das revelações, o barão foi três vezes, pé ante pé, colar o ouvido na fechadura, mas não colheu duas palavras juntas. Era inocentíssima a intenção desta espionagem. Para o barão sua mulher era impecável. Qualquer que fosse a causa extraordinária da tristeza de Augusta, nem sombra de má suspeita entrou no espírito de seu marido. Bem longe estava ele de associar Guilherme do Amaral aos intervalos escuros de sua mulher! De tantas vezes que a viu refugiar-se na solidão do seu quarto, proibindo a entrada a todos, nem uma só lhe fez conjecturar causas menos gratas ao seu pundonor e ao seu coração.

Incapaz de entendê-la e entretê-la, o barão conhecia a insuficiência do seu espírito, ideia que raras vezes visita a consciência dum barão. Lastimava-se de não poder, por adiantado em anos, aprender o que sua mulher aprendera em livros, únicos que ele imaginava seus rivais. Tinha o bom siso de conhecer que Augusta escolhia palavras de fácil inteligência quando se queria fazer entender por ele; ao passo que nas salas, ou em conversação com damas e cavalheiros de elevada educação, exprimia-se em frases que o barão não entendia. Outra qualidade tinha ele, que é quase sempre negativa nos estúpidos de ambos os sexos: não imaginava que pudesse com o seu grande amor satisfazer necessidades dum espírito sublime como o de Augusta. Adivinhou até que sua mulher vivia menos pelo coração que pela inteligência.

O leitor quer que se lhe diga o que respondeu o poeta à ansiosa pergunta do barão que o esperava. Eu também estou morto por lho dizer; mas darei, primeiro, uma prova do muito que o prezo, dando-lhe conselhos, que me não pede, e que, por mos não pedir, têm mais valor. E, receoso de que mos não agradeça, declaro que os ofereço ao sexo delicado por excelência, de seu natural reconhecido, às damas que tão incensadas são pela barata mirra dos poetas, e tão mal servidas têm sido da sincera e esmerada atenção dos filósofos.

O que eu queria dizer-lhe vai em máximas para que as interessadas, que sabem ler e entender, as arquivem na memória.

Homem que pensa, que estuda, que trabalha debaixo da influência tenaz duma ideia, que cisma na imortalidade que pode dar-lhe a ciência, ou no dinheiro que pode dar-lhe um livro tal homem só serve para marido depois que o reumatismo lhe faz ver o celibato à luz da higiene.

Homem que se furta um ou dois meses à canseira dos livros, para amaciar a aridez do espírito nas frivolidades da vida – embora se preocupe imaginando belezas no amor, única frivolidade suportável – tal homem o que faz é enojar-se um ou dois meses para depois entrar na vida que deixou, abraçar a ciência, esposa legítima que desdenhara, e recordar com tédio as vulgaridades em que se amesquinhou. Este homem não serve para mulher nenhuma.

E nenhuma mulher serve para este homem.

Porquanto:

A mulher de medíocre inteligência (escrevo em Portugal) é entre nós o que, à míngua de sinceridade e não de palavra, se diz «mulher esperta». A mulher esperta é o

ente mais defeituoso que se conhece aos olhos do homem que, noutra altura de ideias, lhe vê em baixo a sua insignificância. Esta mulher serve só para um homem extremamente ignorante, ou tolamente fátuo. Se ignorante, crê que é o marido da princesa Magalona; se tolamente fátuo, cuida que, por ser o osso do osso e a carne da carne, é também o espírito do espírito de sua mulher.

Não assim o homem que encaneceu a meio caminho da vida sobre os detestáveis *in-fólios*, e as tiras eternas da composição literária.

Onde está a mulher que possa prender, falando, a atenção do homem, perdida nos mundos etéreos da imaginação? Fora das três ou quatro frases do amor, que se dizem com todos os comentários e variantes em vinte minutos, onde irá ela cevar a ponta da língua magnética? Como suavizará a palestra conjugal de todos os dias, se o marido despegado das coisas terrenas não compreende as vantagens do carvão de pedra sobre o de choça, nem se lhe dá do vestido da vizinha, nem quer saber se João namora Joana há sete anos?

As mulheres faladoras, santo Deus! Que zanga eu tenho às mulheres faladoras, e mormente às que fazem ostentação do palavreado incansável como duma veia de recursos nunca exausta!

Porque é que certas mulheres falam tanto? Acho que é porque não sabem nada. Eu já li... se me lembrasse aonde... Parece-me que sei onde foi... Cá está o livro... É justamente nesta página. Ora vejam:

«Nota-se que a razão de tanto falarem as mulheres é não saberem nada. Esta máxima, que ao primeiro intuito parece um paradoxo, é, não obstante, muito verdadeira. Não tendo elas coisa alguma no espírito, tudo o que lhe toca os sentidos ocupa-as, e converte-se em matéria de seus entretenimentos. O que vêem, o que ouvem, o que as rodeia, prazeres, tristezas, coisas domésticas, cujo conhecimento a gente dispensa da melhor vontade, intrigas, desavenças, etc., são fontes inesgotáveis para elas. Não lhes falta motivo de palavreado, contanto que se fale em bagatelas. Pelo contrário, as pessoas que sabem muito, e têm a cabeça cheia de factos, de acontecimentos, de histórias, e de mil coisas curiosas, não se aventuram a falar tão facilmente: o que lhes vem de pronto à ideia não lhes parece coisa de valor para ser dita... antes querem calar-se, que palrar trivialidades»³.

Ora, enquanto se trabalha na reabilitação da mulher, a fim de que ela seja igual ao homem nos estudos, nas ideias e nas aspirações – será possível remediar de algum modo os inconvenientes desta geração faladora? Não é. Uma mulher não se cala nunca sem intervenção miraculosa do céu. Já Corneille sentiu esta necessidade, e sentiu-o no tempo da marquesa de Rambouillet, em que as mulheres eram filósofas, juristas, naturalistas (mais do que o necessário), e até astrólogas!

Foi assim que ele disse:

*...Quand une femme a le don de se taire,
Elle a des qualités au-dessus du vulgaire:
C'est un effort du ciel, qu'on a peine à trouver;
Sans un petit miracle il ne peut l'achever.*

E para que chegue ao conhecimento de todas, vai uma versão desengraçada dos quatro versos:

³ Bellegard, *Lettres curieuses de Littérature et de Morale*.

Mulher que tem o dom de se calar,
 Tem méritos acima do vulgar:
 E um esforço do céu, que raro achais,
 E, sem milagre, não se fez jamais.

Nem fará. Depois do céu, quem mais pasmosos milagres faz é o amor. Pois nem o amor consegue estancar a fecundidade palavrosa da mulher que se ama... ou que se quis amar: coisas muito diferentes.

O homem pensador é necessariamente taciturno. A mulher faladora não consegue atordoar-lhe o espírito, mas faz-lhe nos ouvidos a traquinada intolerável duma matraca. A matraca afugenta do coração todas as quimeras do amor.

Não vos caseis com homem pensador, mulheres que falais um momento antes de pensar o que direis. O amor – se vo-lo pode inspirar tal homem – fará que não fecheis olhos, velando-lhe a doença; fará que lhe sacrifiqueis os haveres, a reputação e a vida; fará tudo que humanamente pode fazer um anjo de sacrifício, mas não vos fará calar.

O feudo mais pesado que uma tal mulher pode impor a um homem, é – a obrigação de ouvi-la.

A ofensa que tal mulher nunca perdoa é – a insolência de ouvi-la sem escutá-la. Vejam num dicionário a diferença das duas palavras. Escutar é querer ouvir.

Uma bela mulher, capaz de extremos, tentou a franqueza do amante que, em vésperas de matrimónio, lhe disse: «não fales tanto». A noiva pesou estas palavras, reflectiu, calculou as suas forças, chorou, atormentou-se, e disse: «não me casarei: é impossível calar-me». Para que me não tomem isto como anedota, é preciso dizer-lhes que esta mulher foi acerbamente ferida no seu orgulho. O orgulho da mulher faladora, uma vez ferido, é incurável. O orgulho da mulher é a sibila de todos os seus segredos.

Uma mulher bonita entretém, silenciosa.

Perguntei uma vez a um meu amigo:

– Aquela mulher sabe falar?

– Com os olhos – respondeu ele.

Era verdade. A natureza, para a não fazer perfeita, dera-lhe a língua. Conforme ia falando, a magia dos olhos perdia-se. Por fim, dez erros de gramática em doze frases de murmuração sobre a vizinha fronteira, fizeram-me cair lá de cima da altura onde eu subira procurando a fonte de luz que se lhe irradiava dos tão lindos olhos!

.....

O romance passou dos outros para mim! Se assim vou, começo a contar a minha vida... Haviam de rir-se e chorar muito.

Se rirem e chorarem, há-de ser à custa do barão de Amares, que está passeando na sala, à espera do poeta, com a sua comenda, com a sua gravata, e com os seus chinelos.

Tomara eu a alma dele no corpo da mulher benfeitora que me há-de amparar estes derradeiros dias da decrepitude!...

III

Estava eu agora cismando no capítulo anterior, sem atinar o porquê daquelas coisas, que eu tive o descoco de chamar máximas, e recomendar, com pedantesca importância, à memória das leitoras!

A que viriam ali as mulheres faladoras, e os homens de letras gordas, como entes que as mulheres não podem trazer ao grémio da civilização?

Parece-me que andou por lá travessura da musa tola, a musa de muitos amigos meus, que se me fila às vezes às abas do casaco, e não há remédio senão deixá-la funcionar meio capítulo.

Eu creio que disse absurdos superiores a todo o elogio. Ataquei o sexo fraco pelo órgão único da sua fortaleza: a língua. Com isso o que fiz foi atizar a fúria da eloquência em muitas línguas que respeito. Querendo corrigir um erro, incitei-o, provocando murmurações que me hão-de custar caras, se as benévolas leitoras retirarem a este livro a sua protecção.

Mas eu creio que não tenho uma leitora só das que falam muito, porque as grandes faladoras não lêem nada.

A senhora, que está lendo este romance, é necessariamente um anjo. Além de todas as virtudes insignificantes, como juízo, honestidade, generosidade, amor do próximo, amor de seu marido (que às vezes é o menos próximo), amor do género humano em geral, da sua cadelinha em particular, além de todas estas virtudes de segunda ordem, a leitora tem necessariamente a suprema, a virtude por excelência de falar pouco, não é verdade?

Para mim é caso averiguado que a minha leitora é das pessoas mais qualificadas e espirituosas que eu conheço. Está morta por me dizer em duzentas e cinquenta palavras que a mulher palreira é um ente insuportável. E capaz de me asseverar que entendeu a filosofia das minhas máximas, e viu que elas frisavam com o barão de Amares tão ao certo como o espírito do barão de Amares se ajustava com o de sua mulher.

Se isto fosse verdade, estava salvo o capítulo, e eu pedia a um amigo que me chamasse *La Bruyère* ou *Stendhal* na primeira revista literária.

Nada: não vou para aí. Estou ainda em que disse larga cópia de tolices, e melhor fizera eu se me metesse de luva branca e coleirinho-guilhotina, pelo «mundo-patarata» dentro. Este *mundo-patarata* é uma feliz concordância dum meu amigo zombeteiro, que me encarregou de tirar do caos de asneiras o mundo das bagatelas.

Declaro que não sei. Se eu soubesse, era um destes homens que vos inçam às salas, venerandos pais de famílias, devassando os vestidos de vossas filhas para anunciarem ao país que as vossas filhas eram rosas e túlipas, lírios e camélias, passando-vos assim diploma de excelentes jardineiros.

E o mais é que vos não desagrada a reputação. Se vos encarecem a mercadoria, imaginais uma boa venda do género, e a cada pantalão que descobris na rua, com o chapéu um pouco arreado para a nuca, colete branco, cadeia grossa, e luvas de gema de ovo, julgais ver um amador das vossas camélias, que vem refocilar-se, na brancura da flor, do muito que lidou com negras.

É uma excelente coisa um jornal, e um tolo à testa da secção destinada ao movimento das salas.

«Não diz nada a respeito das senhoras no *Clamor Público*». Dizia não sei a quem uma enfadada candidatura que por aí está à mercê do primeiro galeão de piratas.

Falar a respeito das senhoras é embonecá-las no jornal.

Esta quer que lhe ponham pérolas na boca, aquela esperava pelo menos que lhe

dessem duas pinceladas de nácar nos beiços; aquela outra desnudara o colo esperando que a gazeta lho mudasse em alabastro.

Como conhecem os alarves para os quais se enfeitam, julgam-se letra desacreditada na praça dos leilões, se a imprensa periódica as não inscreve nos fundos de cotização.

Estas são das tais que falam muito, e com uma destas teria o barão de Amares corrido em linha recta ao encontro do seu destino. Com a outra, bacoreja-me – e mais ainda não vi todo o manuscrito, que me foi confiado – que a natureza das coisas faz grande desmancho na natureza contrafeita das pessoas.

Vamos indo com a lógica dos acontecimentos. Quando o poeta saía da antecâmara de Augusta, o barão veio-lhe ao encontro, já da outra sala, e perguntou:

– Então que há de novo? Disse-lhe o que, tinha?

– Disse, sim, senhor. Se quer, passemos ao seu quarto, e falaremos.

Entraram no quarto do barão, e tiveram um longo diálogo, que vai em resumo:

– Deve saber, senhor barão, que está em Lisboa uma pessoa nossa conhecida, cujo nome, só o nome fez o abalo que viu na senhora baronesa.

– A apostar que é Guilherme?!

– Justamente: é Guilherme do Amaral.

– E ela falou com ele?

– Nem sequer o viu. E, se o visse, não lhe falaria.

– Por isso estou eu; minha mulher sabe o que lhe convém, e não é capaz de me desonrar.

– Faz-lhe inteira justiça.

– Então para que se aflige ela?

– Porque não tem a precisa desfaçatez para ver diante de si o homem que lhe recorda um mau passo no princípio da vida.

– Isso já lá vai. O passado, passado. E o senhor que lhe disse?

– Eu, pouco mais ou menos, disse-lhe o que o senhor barão lhe diria.

– Mas... sabe o senhor que...

– Fale, senhor barão.

– Lembra-me se andará por aí saudades dele!

– Nada... é incompreensível essa saudade...

– Eu sei cá! Minha mulher casou comigo assim como quem quer acabar uma obra que tem de acabar. Lá minha amiga, isso conheço que é do coração; mas, por mais que eu diga e faça, não sai daquela tristeza que o senhor tem visto...

– Isso é génio...

– Eu deixo-a fazer o que ela quer.

– E que tem ela feito que não mereça elogio?

– Eu não digo o contrário disso. Leva todo o tempo a ler e a fazer esmolos.

– Feliz aplicação de tempo!

– Ainda ontem me disse que, logo que eu tivesse dobrado a fortuna que encontrámos na casa da Rua dos Arménios, metade havia de ser repartida por estabelecimentos pios, e dá corno razão disto ter-se encontrado um dinheiro que nos não pertence. Eu a tudo digo que sim, e tudo se faz.

– E a senhora baronesa reconhece quanto lhe deve.

– Pois então que importa lá que viesse o tal homem?

– Nada importa e nada importará, senhor barão. Foi um acidente passageiro. Amaral vai deixar Lisboa, penso eu...

– E se não quiser deixar, que não deixe. Se minha mulher tem medo que ele fale da sua honra, que esteja descansada. Eu é que devia ofender-me ainda mais; e não me

ofendo... porque, vossa senhoria bem sabe que eu quis mais a minha prima depois do seu erro.

– Sei perfeitamente.

– Fico contente por saber o que é. Não acho motivo para tanta bulha... O que eu lhe digo, senhor ***, é que o tal Amaral faria bem se saísse quanto antes de Lisboa. O senhor bem sabe que eu quis dar-lhe um tiro; não me envergonho disso. Tratou-me bem em sua casa; mas, enfim, as obrigações que lhe devo não são tantas, que me façam sofrer com as mãos nas algibeiras os seus ultrajes...

– Guilherme não ultraja ninguém, senhor barão.

– Pois, sim, isto é um modo de falar... Ele lá sabe as suas tenções, e eu sei as minhas. O que eu não quero é que ele incomode minha mulher; o mais pode ir e vir quantas vezes quiser.

Estive quase a eliminar da história este diálogo, que só tem a verdade como recomendação.

Há a concluir daqui a bem organizada compleição deste marido: a patriarcal inocência dos seus juízos: a confiança que lhe merece sua mulher: e, finalmente, as tendências um pouco sanguinárias, despertadas pela recordação do tiro que levava de mimo ao amante de sua prima.

O poeta saiu, e dali foi, como já vimos, procurar Amaral.

A baronesa ficou no seu quarto, bem fechada por dentro.

O barão entrou no seu, passando revista a algumas letras, que se venciam no dia seguinte.

Grande maravilha, que vai arriscar a reputação daquela mártir, que passou do Caudal para a rua dos Arménios, envolta no velho capotinho com que saíra da rua dos Arménios para as magnificências do Candal!

Grande maravilha, sim, e grande escândalo até! A baronesa de Amares que faria sozinha no seu quarto?

Quarenta quadras a um pérfido? Uma choradeira sobre a saudade de outros tempos? Quatro páginas de prosa amargurada no seu livro íntimo?

Não. A dor, que escreve, deve ser uma dor bem suportável.

A dela era imensa, infinita, muda, sem desaforo.

Era uma dor de cinco anos, reprimida nos soluços, afogada nas lágrimas, mascarada nas pompas, algemada ao poste da honra para o não ser ao da ignomínia...

Era uma dor que lhe sacudira, cinco anos, o peito, como os arrojados da cratera, e rebentava agora, inflamada pela faísca súbita duma aparição imprevista.

A resposta que o poeta deu ao título do romance que precede este, é mentirosa. Não estava no dinheiro a felicidade de Augusta.

A baronesa de Amares, que é aquela rapariga que chorava sobre o cadáver de sua mãe, e enxugara as lágrimas, acarinhada por Guilherme do Amaral, sua providência na desgraça, seu mestre, seu Deus, o primeiro e único homem que ela viu, que sentiu, que apertou ao seio, quando por mão dele lhe entrou na alma a luz criadora do seu alto espírito... essa mulher que faria para que mereça ser lapidada?

Tirou do fundo dum gavetão o retrato de Guilherme do Amaral, e...

«Beijou-o?!»

Não, minhas senhoras, contemplou-o com os olhos rasos de lágrimas.

Quem lhe atirará a primeira pedra?...

IV

Estudemos e expliquemos bem esta baronesa de Amares. Nada de meias revelações.

Partamos de princípios. Há um só amor para cada coração. Ama-se unia só vez; e essa vez única vem aos dezesseis, vem aos vinte e cinco, vem aos quarenta, vem aos cinquenta anos. Não há idade assinalada para essa emissão celeste, para esse sentimento que nos antecipa o amor divino. Fugamos da metafísica, senão o leitor depõe o livro, e vai ver «Santo António, o Taumaturgo», ao nosso teatro eminentemente civilizador.

Amor há só um. A repetição desse sentimento não é amor, é paixão. Desta àquela vai a diferença da alma livre nos seus anelos à alma presa nos sentidos.

Amar é sentir de dentro para fora; apaixonar-se é sentir de fora para dentro.

A coisa assim dita é clara como água. E mais clara ainda: amar é uma operação da alma sem dependência do corpo; apaixonar-se é uma operação do corpo sem dependência da alma.

Os que aceitam como verdades os absurdos que não entendem, gloriem-se de imitar o santo bispo de Hyponia, que dizia: *quod absurdum, credo* – creio porque é absurdo. Os outros mais exigentes vão entender-me.

Querem consegui-lo sem consultar o *Tratado das paixões*? Consultem-se.

Mas no saber-se consultar é que bate o ponto.

Já amaram a sua vez

Recordem-se. Viram, um dia, vestir-se a natureza de galas nunca vistas; tingir-se o céu dum colorido estranho; povoar-se o ar de visões transparentes?

Ouviram a harmonia das esferas, a nota vaga de cânticos angélicos, as festas sonoras de mundos invisíveis, os murmúrios mágicos das auras, que descem à terra como um bafejo dos bem-aventurados?

Sentiram um aroma inebriante, um perfume de não sei que narcótico, cerrar-lhes as pálpebras, dilatar-lhes os pulmões, electrizar-lhes o sangue, espiritualizar-lhes a vida, rompendo-lhe os vínculos do corpo, arrebatando-lha de sonho em sonho, até parar com ela sobre um raio de luz, que desferem os olhos da mulher, do arcanjo, do deus, que vos encerrou no seu sacrário?

Viram, ouviram, e sentiram isto?

Se me dizem que não, das duas uma: ou não me entendem, ou não amaram.

Se me não entendem, leiam os *preços correntes* de qualquer jornal.

Se não amaram, esperem, e sentirão.

Ora agora:

Supomos de barato que sentiram tudo isso, e muito mais sensações maravilhosas que o meu estado de desmemoriada velhice já me não deixa recordar.

Essa mulher da visão, como estrela cadente, esvaiu-se numa exalação lúcida deixando um ponto escuro, lá em cima no céu, onde se engastara. Os vossos olhos mediram a extensão do firmamento; e nenhuma estrela fulgurava como aquela. Procuraram as galas esplêndidas da natureza, e viram-na apenas trajada desses adornos monótonos, que o pincel do homem retrata. As visões aéreas, e o colorido mágico das ondas luminosas converteram-se em fluido impalpável, sujeito a uma decomposição química.

O sacrário estava fechado. O vosso primeiro amor, o único, o irreparável nesta vida, fugira para o seio da saudade lagrimosa.

E depois?

Depois vieram as paixões.

A alma, perdida a sua onnipotência criadora, fez-se criatura passiva. Expulsa da inocência, como Eva do paraíso, entrou em comércio com as dores, com os trabalhos, com os prazeres completados pela expiação, com as esperanças ludibriadas pelo sarcasmo dos desenganos.

Perdida a candura primitiva, desluzida do círio místico apagado ao sopro do anjo mau, a alma trocou pelas lentilhas do prazer efêmero a primazia sobre os sentidos, fez-se cativa da carne, assentou-se nas ruínas do seu mundo, e sustentou-se do alimento que lhe esmolava o corpo por intervenção dos olhos, do tacto, do ouvido... E nunca mais, desatando-se da matéria, pôde cantar o seu hino de resgate.

Como escravo que geme entre ferros, como a odalisca destituída de ser moral e rica das injuriosas pompas com que lhe enfeitam a maquina... a alma nos momentos lúcidos da saudade, reluta contra a opressão, reage com desespero, quer arrancar-se à tirania do corpo, e consegue, na alucinação do seu flagelo, chamar a si um raio daquela estrela que lhe banhava de luz o espaço infinito dos seus desejos puros.

Mas os êxtases da alma cativa são instantâneos; o vigor imenso dos seus transportes quebra no primeiro arrojio; a desgraçada cai nos braços do seu verdugo, e o verdugo converte em seu serviço as forças da vítima.

Aí está a alma à mercê do corpo. O sensualismo como resultado dum aspiração para que a alma não tinha fôlego. O reinado das paixões.

Duvidar da clareza com que expus a minha ideia, seria descrever do alfabeto, e mais ainda da compreensão de três pessoas para as quais escrevo há não sei quantas dúzias de anos.

Por consequência de princípios tão claramente postos, há um só amor, e muitas paixões.

A baronesa de Amares sentia o amor. As paixões não.

Uma ilusão, que nos afaga três dias, é uma grande esmola do céu. A que nos realiza todas as esperanças dum ano, se nos fugir por fim, deixará de si saudade para florir, enquanto os olhos nos derem lágrimas.

Os olhos de Augusta nunca secaram. A saudade do homem, que lhe despertara mais prazeres do que a sua alma ambiciosa podia sonhar, não podia fenecer. Era o cipreste dos túmulos, sempre verde.

Escutemos-lhe o coração.

Que ultrajes recebera ela de Guilherme?

A perfídia e o abandono.

A sua angústia foi horrível de imaginar-se. A surpresa fora-lhe um sonho dos que devem pesar no coração do ímpio, em transes de morte. Salvou-a da demência o heroísmo. Divertiu-a do suicídio a ideia da morte lenta – o suicídio heróico das almas grandes.

Vestiu os pobres trajos com que saíra da sua virtuosa pobreza. Justificou-se perante Deus e a sua consciência, como se ele e ela a acusassem de procurar o fausto na desonra.

Mas Guilherme deixava-lhe esse fausto, como quem queria fechar-lhe as avenidas à tentação dum segundo amante.

Não é verdade que essa previdência de Guilherme era ciúme?

E o ciúme sem o amor será possível?

Augusta fazia-se estas perguntas; porém, quando as fez ela? Quando olhou, pela primeira vez, o leito nupcial...

Que lágrimas! A vertigem cedera o lugar à razão... não digo bem, à saudade; e então Augusta viu-se vulgar, envilecida, indigna do amor de Guilherme, que a pusera tão alta, ensinando-lhe os voos da inteligência, para de tão alto se despenhar nos braços

doutro homem!

Entrou-lhe o arrependimento no coração.

Havia um só alívio para ela; Guilherme esposo de outra, perdido para sempre.

Não bastava este alívio. Augusta não casara por vingança. Uma só vingança lhe parecia digna da ofensa: morrer com honra, morrer amando-o, morrer abençoando-o, beijar a mão que a ferira de morte, ir com o nome dele à presença de Deus, e pedir que as suas lágrimas lhe não pesassem na balança da justiça divina.

Casada com seu primo! E porquê?

Por gratidão, por sacrifício, por não poder pagar-lhe com a vida uma idolatria cega.

Mas a gratidão quem lha merecia mais do que outro homem que renunciou por ela tudo, que lhe dera tanta alma para os júbilos e para as amarguras, que vivera só para ela, até que a fatalidade lho roubou?

A fatalidade!

Quando a mulher traída atribui à fatalidade a sua desgraça, lava no coração do traidor a mancha do crime. Perdoa-lhe até, se a fatalidade lho restituir.

E o que é o perdão, se a alma o dá, sem obediência ao preceito da caridade? É o amor purificado pela paciência; é o triunfo penoso da saudade sobre o orgulho sucumbido. É a humildade da verdadeira amante, que faz dos seus pesares um novo merecimento à compaixão do ingrato...

Leitora compassiva! é com vossa excelência que eu me quero neste aperto de escrúpulos.

Responda-me lá na sua consciência. A saudade de Augusta será das que fogem ao dente da sociedade para se acolherem ao perdão de Deus?

Se me responde que esta questão pertence à teologia moral, eu dou comigo em quatro mestres de casos, que me fazem supor que Deus distribui um terço de coração por cada dúzia de casuístas.

Simplifiquemos a pergunta... O melhor é não perguntar nada.

Com licença do sumo pontífice, atrevo-me a asseverar que a baronesa de Amares era uma santa, e é; porque, apesar dos cerzidores de necrológios de baronesas, ainda vive.

Há alguma coisa miraculosa nesta existência. A dor deve ser-lhe inofensiva como o veneno de Metridates.

V

Já o leitor sabe tudo o que se passou até à hora em que o poeta procurara, no hotel, Guilherme do Amaral. Viu a combinação que fizeram de partirem de Lisboa nessa manhã, e a pressa com que o poeta saiu a tirar os passaportes.

Um cronista, menos solícito, não faria o que eu fiz: devassar a consciência da baronesa, furtar-lhe um a um os seus segredos, tudo para lisonjear a curiosidade das pessoas, que gostam de ver traves bem grandes nos olhos dos outros.

Muitas almas condoídas pressentem que têm de compadecer-se de novos infortúnios predestinados à baronesa pelo seu desgraçado amor a um homem indigno. Preparam-se para a verem cair.

Senhoras de muita virtude começam a reprovar a saudade da mulher casada, e prometem rasgar a folha deste romance, ré de lesa-matrimónio, em que Amaral seja posto face a face com a esposa do sr. Francisco. São as de virtude intolerante: inquisidores de saia.

Outras – e essas são as que eu adoro, sem as conhecer – esperam que a baronesa não desdiga daquela Augusta, que entrou no Candal com uma saia de chita e voltou com a mesma saia para a rua dos Arménios. Esperam que a imagem de Guilherme seja na alma da infeliz uma saudade incurável. Esperam que essa saudade, angustiada no cinto de espinhos do dever, eleve, cada vez mais, ao mais alto grau de virtude, a santidade do sacrifício pela privação voluntária, pela terrível peleja da dualidade.

A qual das três expectativas obedecerá a lógica dos acontecimentos? Lá vamos.

O poeta, às nove horas da manhã do dia vinte e sete de Março de 1851 foi despedir-se da baronesa de Amares.

Encontrou o barão no escritório.

– Minha mulher – disse ele – não fechou olho. Disse-me a criada do quarto que ela se encostara, mesmo vestida, à cama, já depois que é dia. Eu já lá quis ir; mas, a falar a verdade, falta-me o ânimo. Agora estava eu para lá tornar...

– Porque não há-de ir? Vamos ambos.

– Homem, eu conheço-me. O senhor sabe consolar, e eu não sei. Ela diz-lhe o que tem, e a mim... bem sabe o que há na nossa vida... não se diz tudo. Augusta tem-me amizade, isso tem; mas... é por isso que eu não sou chamado para a ver chorar. Sou seu marido... e oxalá que não fosse...

– Porquê, senhor barão?

– Porque não posso fazê-la feliz... Até aqui chega o meu raciocínio. Minha prima dá-se bem comigo; nunca tivemos um desmancho; há cinco anos que eu lhe não disse uma palavra mais alta que a outra... que tem isso? Eu bem conheço que vai tanta distância de mim a ela, como do dia à noite. Era mulher para mim antes de conhecer esse mau homem; depois não. Os malditos livros... foram os livros... Enquanto ela mudava de natural com os estudos, eu estava no meu tear. O que eu devia fazer era estudar para ela poder entender-se comigo. Foi uma loucura casarmo-nos.

– Pois vossa excelência arrependeu-se?

– Sim, senhor, porque a não vi feliz, por mais que eu fizesse por lhe adivinhar os seus pensamentos.

– Mas eu creio que sua senhora nunca se queixou.

– Pior ainda. Quantas vezes a encontro eu a chorar, e ela, se eu vou de súbito e não pode limpar as lágrimas, chora ainda mais. Pergunto-lhe o que tem, e ela diz: «Era digno doutra mulher, meu primo». Uma vez disse-lhe que não sabia onde houvesse mulher que mais valesse do que ela; e minha prima respondeu-me «que em qualquer

parte se encontrava uma mulher pura». Tenho pensado nisto muitas vezes, e não atino com o que ela queria dizer. Sabe o senhor o que é?

– Não compreendo... – disse o jornalista sentindo o melindre da explicação.

– Enfim, somos desgraçados ambos! – tornou o barão. – Já agora não há remédio. Eu cuidei que o dinheiro podia tudo: enganei-me. Sabe o senhor que se eu pudesse tornar a ser tecelão e fazer que minha prima fosse o que era na rua dos Arménios, palavra de honra, trocava tudo o que tenho pela minha vida desse tempo! Estou aqui a amontoar uma fortuna não sei para quê... Já me lembrou trazer para casa o pequeno que está no Porto, a ver se minha mulher lhe ganha amor.

– É um bom pensamento. A senhora baronesa disse-me há dias que o mandava buscar para um colégio. Se vossa excelência concorda, eu envio-o directamente para aqui.

– Pois sim; mande-o... será nosso filhó, já que Deus me não quer dar um. Oxalá que ele distraia a minha pobre mulher!... Vá lá acima, meu amigo, vá... Veja o que ela diz. Seja bom como tem sido sempre, para esta casa. Eu sou grosseiro, mas tenho coração agradecido.

O poeta, sensibilizado com a sincera dor deste maravilhoso homem, subiu e encontrou a criada particular da baronesa, chorando na antecâmara.

– A senhora – disse ela – está muito mal. Chora como uma vide, e não me quer lá ao pé dela.

– Diga-lhe que estou aqui.

A criada demorou-se com a resposta. O poeta entrou ainda a tempo de ver sobre uma cadeira a imagem de um Cristo em pau preto, salpicado de lágrimas.

– É exagerada a sua dor, senhora baronesa – disse ele, tomando-lhe a mão com terna familiaridade.

– Exagerada! – balbuciou ela quanto os soluços compressores lho consentiam – Poderei eu emendar os excessos da minha dor? Tomara eu! Culpem-me todos, menos o senhor, que sabe tanto o que se passa na minha alma, que ma adivinha, e me tem feito persuadir que está no meu espírito como um anjo consolador.

– E nada posso...

– Pode, pode muito, não me abandone, diga-me tudo o que se diz a uma mulher escrava de más paixões; repreenda-me, lembre-me os meus deveres, e obrigue-me a corar de vergonha...

– Eu não vejo na sua vida um acto repreensível, senhora baronesa.

– Pois estas lágrimas serão virtuosas?

– São. O receio da queda não é que a faz chorar; é a impossibilidade de cair. Quando assim se sofre, não se quebra, fortalece-se o esteio da honra. Vossa excelência luta, e vence. Vencer, na sua situação, é trocar o martírio dum falta pelo remorso dum crime. A tranquilidade vem, senhora baronesa. A não podê-la esperar com olhos enxutos, deixe cair as lágrimas: quando tiverem caído, alguma paixão nobre virá substituir a outra...

– *Vil... diga: a outra paixão vil.*

– Vil, não; imprópria da sua vida, desde 1845, desde que começou o seu heroísmo por um lance extraordinário.

– Diz bem... mas eu não penso no que fiz... não sei o que fiz... Chego a duvidar se pratiquei um heroísmo, ou uma loucura... abandonando... Meu Deus! Eu estou doida...

– Abandonando o Candal: é o que vossa excelência diria, se fosse mais indulgente com o seu coração. Diga, diga. A coacção, diante dum amigo verdadeiro e experimentado, é falta de confiança. Se vossa excelência ficasse no Candal, recebendo a subsistência da generosidade de Guilherme, era trivial, e chegaria à desgraça pelo

caminho trivial de todas as desgraçadas.

– Como?! Explique-se...

– Facilmente. Guilherme do Amaral, depois de um ano de ausência, sentiria o peso do seu encargo. Vossa excelência, depois dum ano de abandono, sentiria o vexame da sua humilhação. Para ele, a generosidade tornar-se-ia, com o tempo, gravame; e para vossa excelência esmola. Uma alma grande vai direita ao crime, quando lhe apontam como refúgio a estrada do aviltamento. Augusta buscaria o remédio do suicídio, quando visse que a caridade dum amante, que fora, lhe dava o pão que lhe não daria, se lhe faltasse a ele.

– Antes o suicídio! – exclamou a baronesa com ardor.

– E a não ser o suicídio, havia ainda um recurso e só um – passar dum abismo a outro abismo – amar... amar!... não – entregar-se a um segundo homem.

– Cale-se, cale-se, por quem é!

– Pois bem, senhora baronesa... Se vossa excelência ficasse no Candal, tinha um dos dois recursos a abraçar.

«A Providência inspirou-lhe um terceiro. Se lho não agradecer, se o não aceitar como vindo de Deus, embora lhe custe amarguras até à morte, desonra-se, sem remediar os seus padecimentos... Agora, perdão! Disse tudo que tinha na alma.

– Fez-me um grande bem... – acudiu ela apertando-lhe fervorosamente a mão. – Começo a respirar. Se choro ainda, daqui em diante as minhas lágrimas serão súplicas de perdão a Deus.

E depois duma silenciosa concentração, prosseguiu como em colóquio consigo mesma:

– É verdade! O que seria de mim, durante cinco anos? Ele voltaria hoje para escarnecer a minha dedicação até ao suicídio. E a minha alma teria ido deste mundo amaldiçoada, e amaldiçoada se daria a Deus... Deu-me um alívio imenso, meu querido irmão! Vá contente da sua obra... fez muito! muito!...

– Agora, senhora baronesa, adeus! Vou impor-lhe um dever. Há-de escrever-me de dois em dois dias uma carta. Bons e maus pensamentos, tudo que a sua alma lhe der, há-de encontrar-se com a minha, sim?

– Prometo, e preciso que me dê esse desafogo.

– Eu voltarei brevemente; virá comigo o Joãozinho: é seu marido que mo pede.

– Para aqui?

– Sim; para a sua companhia. O barão espera que o pequeno tenha um coração mais inteligente que o dele. Chama-lhe seu filho.

– É um anjo este homem!... Pois sim, traga o menino.

Abraçaram-se.

É escusado dizer que o barão esperava o poeta. Riam-se-lhe os olhos, quando este lhe disse:

– Sua senhora sofre menos. A sezaõ vai passando e a felicidade virá, quanto é possível vir às pessoas que a buscam debalde neste mundo.

Dali passou ao governo civil, onde tirou os passaportes, e apresentou-se no hotel de Itália com todos os aprestes de jornada.

Guilherme do Amaral dormia profundamente. À primeira sacudidela regougou uma praga. À sexta ou sétima – não sei bem a qual foi – ergueu-se estremunhado, perguntando se o vagão de Viena partia tão cedo.

Bem certo de que estava em Lisboa, e tinha de partir para o Porto, vestiu-se ronceiramente, pediu para, o almoço chá e ovos estrelados, almoçou enquanto o poeta lhe arranjava os baús, acendeu o cachimbo turco, bifurcou-se num cavalo de sela, e partiu.

VI

Temos assunto de mais para dez volumes, sem recorrermos a minuciosidades enfadonhas.

As estiradas palestras dos dois viajantes, posto que mui curiosas para os averiguadores do coração humano, enfasiariam muita gente boa que arrenega as dissertações para que eu tenho um jeito que me veio com os cabelos brancos. O fardo dos anos pesa na espinha dorsal, os olhos dificilmente se levantam da terra, e as preocupações da alma são todas impressões terrenas. Dai, o gosto das teses sobre a coisa mais terra, mais barro, mais rasa que se topa com a ponta do pé: o homem.

Em cata, pois, do homem, vamos encontrar, no Porto, Guilherme do Amaral, e o seu velho amigo, adquirido aí sete anos antes.

O fidalgo da Beira Alta hospedou-se na *Águia de Ouro* justamente no quarto onde se hospedara a «cândida pombinha» de sua prima Leonor. O poeta, espécie de boémio, que não tinha casa em parte alguma do mundo conhecido, lá fez também a sua aposentadoria, visto que, na volta de Lisboa, encontrara extinta a *Hospedaria Francesa*, sua antiga residência⁴.

No dia imediato ao da chegada, cumpriu-se a promessa do poeta: todos os jornais anunciaram a boa vinda do excelentíssimo senhor Guilherme do Amaral Tinoco de Albuquerque e Frias.

A mocidade ilustre do Porto visitou-o; algumas senhoras enviaram-lhe os seus escudeiros com bilhetes; os maridos destas senhoras foram pessoalmente abraçar o ingrato, como eles diziam, que não tivera lá fora uma folha de papel em que desse aos bons amigos do Porto novas suas.

Não faltou o visconde da Carvalhosa, que Amaral deixara barão. Nem o marido de Cecília, que dera o jantar de despedida. Nem o conselheiro, que fizera o célebre discurso do jantar. Nem o comendador, que bebera a água morna da taça.

– Como está a senhora D. Margarida? perguntava Guilherme ao visconde de Carvalhosa.

– Está gorda e fera: não há mal que lhe chegue.

– Solteira ainda?!

– Pois então! a rapariga tem lá seus ferros, e diz que não quer casar.

– È lamentável que uma menina, ornada de tão boas qualidades, se negue a fazer ditoso um marido!

– É como é. Nem pelo diabo! Pois não é por lhe faltarem casamentos...

– Decerto: isso é natural. E sua senhora como está? – perguntou Amaral ao marido de D. Cecília. – Ainda sofre?

– Dos nervos? cada vez mais, senhor Amaral.

O visconde piscou o olho esquerdo a Guilherme.

– É pena! – tornou ele. – Se me não engano, a senhora D. Cecília é uma dessas raras organizações que se nutrem do veneno do ideal.

– Parece-me que sim... – disse o marido bastante enfiado.

O visconde piscou o olho direito.

⁴ Uma nota impertinente: o chefe desta hospedaria era Mr. Ayresmen, ou um nome assim parecido. Tinha ele duas filhas, uma das quais dera muito que fazer aos logrados amadores de boas caras. Chamava-se Mademoiselle Pauline. Uma bela manhã, o proprietário da casa penhorou tudo por dívida. O chefe morreu, mendigando. Uma filha morreu de fome. A outra, Mademoiselle Pauline, suicidou-se. Eis aqui meia dúzia de linhas que revelam a saudade com que me recordo dessa infeliz família com a qual vivi um ano. Não devem rir-se disto.

– É um dever nosso, visto que não podemos segui-las nos seus voos – tornou Guilherme –deixá-las voar livremente.

– Decerto – tartamudeou o marido, um pouco açafroado.

O visconde piscou ambos os olhos.

E Amaral prosseguiu:

– Eu conheci aquela senhora com uma tendência infeliz para criar quimeras impossíveis. Era uma sede de coração, que não podia mitigar-se na fonte da vida. Com efeito, não me enganei. Vejo que vossa excelência lamenta comigo os padecimentos morais de sua senhora.

O marido começava a desconfiar das «lamentações» de Amaral. O poeta, para cobrir o riso, fazia do espesso bigode uma sanefa sobre os beiços. O visconde para variar a visagem, tendo já piscado ambos os olhos, franziu o nariz, dilatando em direcção oblíqua ambas as ventas.

Amaral – é preciso saber-se – soube do poeta aquele célebre diálogo que tiveram, ele e D. Cecília, nas praias de S. João da Foz, a respeito de Augusta. Prometera desencarregar a sua consciência da dívida, e principiava a fazer quinhoeiro no crédito o atrapalhado marido.

Voltando a atenção para o conselheiro orador, disse:

– Tem ido às câmaras, senhor conselheiro?

– Oh! Pois não! constantemente. Tenho recusado candidaturas por vários círculos; mas os meus amigos e a pátria...

– Urgiam a sua presença, e vossa excelência sacrifica-se à pátria e aos amigos... Com muita razão se empenham os amigos, e a pátria o solicita. Vossa excelência é um orador consumado.

– Vontade... vontade de ser útil aos meus, tanto quanto posso e devo, à pátria que me viu nascer. A barra do Porto tem sido o meu constante, laborioso, e pertinacíssimo pensamento.

– E tem conseguido...

– Tenho chamado a atenção das câmaras, e dizem-me que Sua Majestade, cõscia das minhas humanitárias reclamações, vai reunir o conselho de estado para deliberar sobre objecto tão momentoso.

Amaral mordeu o lábio inferior. O poeta rufou uma marcha nas vidraças; e o visconde, admirador nato do conselheiro, tomou a palavra, e prodigalizou uma sementeira de sandices que forçou o poeta a desalojar do quarto.

O marido de Cecília, o comendador, e o conselheiro saíram. Ficou o visconde.

– Que queria vossa excelência dizer, piscando o olho, há pouco? – perguntou Amaral.

– Então o senhor não sabe nada! A D. Cecília tem dado cabeçadas de todo o tamanho! Lá em minha casa já ela não entra. A minha Margarida tem-me contado coisas que fazem arrepiar os cabelos. O marido é um pobre lorpa, que anda vendido.

– Então que há? Alguma infidelidadezita...

– Qual infidelidadezita! A coisa acho que é séria. Diz lá minha filha que ela namora a todo o pano, e lá, quando lhe parece, dão-lhe fanicos, e vai tudo cos diabos.

– Isso então é muito sério...

O marido de D. Cecília, pediu licença para entrar, quando o visconde ia entrar no fino das suas revelações.

– Esqueceu-me a bengala – disse o recém-vindo – e esqueceu-me também o objecto secundário da minha vinda.

– Se querem falar em segredo, eu retiro-me –disse o visconde. O silêncio do marido de Cecília aprovou a oferta do titular, que saiu, descontente.

– Não era segredo o que eu tinha a dizer-lhe – disse o sucessor de Amaral no coração insaciável de Cecília – mas aposto que o meu amigo desejava a ausência do visconde...

– Com a presença de vossa excelência, troco-a de muito boa vontade.

– Este homem é um asno admiravelmente perfeito; não lhe parece?

– Vou um pouco para aí...

– Ouviu como ele falava da filha Margarida?

– Sim...

– Se o senhor soubesse o que por cá tem ido!...

– Pois quê! algum namorozito...

– Qual namorozito!? Tropeçadas de reputação, que a tornam indigna da convivência de minha mulher. Tem sido encontrada nas *Águas-térrreas* a passear com um peralvilho da província, e dizem-me que na Foz tem dado escândalo... O senhor sabe por experiência que ela é duma estupidez incalculável... não é verdade?

– Pareceu-me um bocadito tapada...

– Tapadíssima porém, desde que vossa excelência lhe fez uma corte desfrutadora, a mulher entendeu que era indispensável ser menos estúpida, e deu-se à leitura. Desde que lê, meu caro senhor, mete Alexandre Dumas e Eugénio Sue a respeito de qualquer tolice original dela. Troca os *bb* pelos *vv* escandalosamente, e faz consistir todo o seu espírito em dar grandes gargalhadas no teatro, e comer confeitos de chocolate, assim como a mãe, que muita gente conheceu tecedeira na Cordoaria, comia batatas.

O infamador soltou uma risada apologética ao seu discurso, e Amaral, aborrecido, apenas desfranzira um ligeiro sorriso, que não lisonjeou muito o outro.

O poeta, na ausência do visconde, tinha vindo assistir às informações do vingativo detractor de Margarida; e na ausência de ambos, a sós com Guilherme, colocou na devida posição as vítimas da maledicência.

Segundo ele, Cecília era caluniada, por isso que desde 1846, ano do seu casamento, apenas tivera cinco admiradores do seu espírito que só passavam do espírito à admiração do invólucro, logo que a moral se desse as mãos com a hipocrisia... Não havia escândalo; por consequência não havia crime.

A respeito de D. Margarida, os passeios às *Aguas-férreas*, por manhãs de estio, justificavam-se com as prescrições da medicina, aplicadas ao estômago da caluniada, estragado por continuadas indigestões de peixe cozido, comido à noite. O sujeito que lá passeava com ela era um cavalheiro prestantíssimo, amigo da casa, incapaz de tirar outro proveito de seus serviços que não fosse o almoço, o jantar, o chá, o cantinho no camarote, e a reputação de primeiro burlador do Porto, e distritos administrativos circunvizinhos. Pobre homem!

Restituídas à sã moral as suas prerrogativas o poeta atirou-se à cama de Guilherme, içou as pernas parede acima, e tocou tambor com os calcanhares. Eram os calcanhares que diziam o resto, e eu não desço a ser intérprete de calcanhares.

Nesta postura, veio encontrá-lo Joãozinho, o filho adoptivo da baronesa de Amares, acompanhado da senhora Joaquina.

Guilherme tomou nos braços o pequeno, beijou-o, e parecia comovido.

O episódio não dá ansa para menção especial.

O poeta disse que Joãozinho ia brevemente para Lisboa; e com o fim de aliviar as aflições da ama, prometeu-lhe a ela acompanhá-lo.

VII

O poeta afastava quanto podia a baronesa da imaginação do seu amigo. Instigava-o a espairecer na pequena sociedade do Porto as melancolias que o levavam para longe dela.

Amaral evitava o companheiro, quando saía, porque no dia imediato ao da sua chegada, quis levá-lo à rua dos Arménios, e o poeta, conhecendo as perigosas incoerências do coração humano, divertiu-o desse projecto.

No dia seguinte, Amaral foi só à rua dos Arménios.

Ao entrar naquela soturna viela, encheu-se-lhe o espírito de amargura; todas as cenas de seis anos, vistas pela sua face negra, tumultuaram-lhe na imaginação; uma dor como a do remorso, outra como a da saudade, e a terceira mais pungente ainda, como a desesperança, sentiu-as todas durante os momentos em que, parado em frente da porta de Augusta, cravava os olhos imóveis nas visões que perpassavam.

«Estive aqui. Deste sítio escutei os gemidos da costureira, abraçada ao corpo frio de sua mãe. Aquela porta abriu-se ao toque da piedade, que se converteu em crime, em crueldade, em infâmia. Dali saiu uma boa alma, cega de amor. Ali entrou essa alma, rica de dotes que o talento fecundara, para lhe tornar mais feia a sua desgraça. Que terríveis angústias se passaram ali dentro! Os gritos ninguém os ouviria como eu ouvi os da órfã; porque a mulher abandonada, se grita, chama testemunhas à sua desonra... Quem dirá os tormentos de cada minuto da infeliz que eu elevava tanto, para num momento a despojar de tudo! Eu sou um malvado! Sofro grandes ultrajes há cinco anos, e acho a expiação inferior à culpa. Qual será a qualidade boa da minha alma? Nenhuma! Este mesmo pesar que me tortura agora seria uma aurora de virtude, se eu amanhã pudesse ainda senti-lo. Não... não sentirei. Quando o vício me mostrar uma nova face, voltarei as costas ao remorso. Mas o castigo reconheço-o, sinto-o, está sempre comigo... E este tédio de mim próprio... Os meus pensamentos, fora dos que a dor me aguilhoa, são todos baixos, vis, e miseráveis. Não sou capaz de conceber uma esperança nobre; e em cada virtude alheia, que se me depara, vejo uma acusação, um insulto, um juiz que me brada: Vai infame, no teu rastilho de lama... O teu fim há-de ser desgraçado, ainda que o ouro te prodigalize recursos. A desgraçada não és tu, Augusta. Fizeste da desgraça um conforto, uma virtude, um merecimento aos olhos do mundo. Desgraçado sou eu... Aqui estou à porta de tua casa, arrastado pela mão violenta do remorso. Eu, homem do grande mundo, capaz ainda de fazer das minhas infâmias um direito à admiração, visto que ainda sou rico, ou pareço sê-lo... eis-me aqui pobre de recursos com que possa comprar uma alegria que me faça esquecer-te... Ó Providência, tu existes!»

Estas e outras ideias passaram atribuladas no espírito de Guilherme. A da *Providência* tirara-lhe uma lágrima. Se nesse coração árido houvesse muitas, a regeneração seria possível. Estes terríveis abalos, são a entrada do anjo bom na consciência do homem.

Guilherme do Amaral levou maquinalmente os olhos para a casa onde morava a Ana do Mouro. Sentiu a necessidade de ver aquela mulher. No seu estado tudo que tivesse relação com Augusta era uma parte dela; uma recordação que o chamava a esse passado feliz, que lhe parecia ter fugido muitos anos antes. Nem sequer lhe veio à memória a denúncia que a filha do barqueiro fizera do infanticídio de Augusta, como o poeta lha contara.

Pareceu-lhe até consolador o encontro dessa mulher.

Bateu à porta primeira e segunda vez.

Falou-lhe uma mulher, que não era a Ana do Mouro.

– Não mora aqui – disse ele – a senhora... não me lembra o nome...
 – Eu já o conheci a vossa senhoria. Procura minha mãezinha? Essa já está com Deus há um ano. Deu-lhe uma parlesia do meio corpo para baixo faz agora quatro anos, e ficou entrevadinha. Então o senhor ainda é vivo?

– Parece que sim.

– Então já sabe onde está aquela pessoa?

Ora se não há-de saber... Quer o senhor entrar?

A casa é pobre, mas graças a Deus, está limpinha.

Não tínhamos um farrapinho se não fosse ela.

– Ela quem? – disse Amaral, sentando-se numa caixa de pinho da neta do Mouro.

– Pois quem havia de ser? A fidalga...

– Qual fidalga?

– A senhora baronesa... pois vossa senhoria não sabe que aquela certa pessoa é baronesa e está em Lisboa?

– Sei.

– Pois foi ela que mandou dar a minha mãe doze vinténs por dia enquanto ela esteve entrevada. Aquilo é uma santa! Dizia minha mãe, Deus tenha a sua alma em bom lugar, que Nosso Senhor lhe dera muita riqueza em paga dos malefícios que o senhor lhe fez. Era a alminha santa da mãe que estava lá a pedir por ela. Com que sim. Então vossa senhoria não morreu?

– Ora diga-me, viu a senhora baronesa depois que ela tornou para cá?

– Pois não vi! Eu ia lá, e vinha para casa a chorar. Aquilo era uma dor de coração vê-la a gente a penar, a penar como as almas do purgatório. Vai uma vez depois que... enfim, aí correram uns boatos, que o senhor há-de saber melhor que eu... depois que, Deus me perdoe se peço, ela teve o seu sucesso, foi para Lisboa, e lá saiu baronesa e fidalga, e mais o fidalgo, que também pelos modos é barão, e está rico como um porco.

As revelações da mulher enjoavam Amaral. Com mais algumas palavras e uma esmola, disse-lhe adeus, arrependido de ter saído de si para dar ouvidos à exposição nauseante da regateira.

Já na rua, perguntou ainda:

– Não vive alguém naquela casa?

– Não, senhor; a casa nunca mais se abriu senão uma vez que aí veio um senhor de bigode e charuto, que por aí vinha depois que ela tornou lá do Candal, esteve lá dentro muito tempo, e saiu de noite com outro homem.

– Isso foi há muito?

– Ora se foi! Foi logo depois que ela foi para Lisboa.

– Era ele – murmurou Guilherme, afastando-se da interlocutora.

Este *ele* era decerto o poeta, e o leitor também não sabia que o poeta viera à rua dos Arménios. Vai sabê-lo, porque Amaral, apenas encontrou o poeta, sem dar-lhe tempo a arredondar o período final de uma filípica contra a celebrada *lei das rolhas*, interrogou-o:

– Que foste tu fazer à casa de Augusta depois que ela saiu do Porto?

– Respondo logo.

– Porque não há-de ser já?

– Porque só pode ser logo, e não pode ser aqui.

– É célebre o impossível!

– Não é célebre; é romanesco.

– Não percebo.

– Queres tu dar um passeio, e respondo-te lá fora?

– Vamos. Isto parece-me puerilidade.

- Uma verdadeira *puerilidade*... Criancice de homem velho.
- Vamos lá.

Saíram, e atravessaram desde a *Batalha* até ao *Prado do Repouso*. Ao transporem o portão do cemitério, Guilherme exclamou:

- Já sei o que é.
- Melhor. Queres recuar?!
- Não... vamos.

– Verás um bonito jazigo, onde estão os ossos de teu filho. Foi feito por um modelo da mãe. Fui eu que o tirei da terra; e, se me crês, beijei-lhe a face ainda inteirinha, e baptizei-o com lágrimas. Estas sensações, Amaral, são as que me fizeram este homem compassivo que desconheces. A alma melhora-se muito em contacto com a desventura. É preciso ver sofrer para saber sentir... Aqui está a sepultura.

Guilherme encostou-se à grade que fechava um pequeno recinto, onde se levanta uma pedra mármore oblonga, perpendicular a uma campa singela, e coroada por um anjo em atitude de bater o voo na direcção do céu. Tem apenas uma data: 1846.

- Está aqui o meu filho... – murmurou Guilherme.
- Deve-te o céu, se os anjos são do céu.
- Eu não penso no céu! penso no inferno.
- Bem sei... O inferno temo-lo em nós. Não quero exacerbar-te as lavaredas.

Vamos. Isto está visto.

- Espera... É impossível!
- Impossível o quê?
- Fazer chorar comigo Augusta sobre esta campa.
- A ideia é bela para um quadro: mas é inexequível na realidade de Augusta e na

tua.

- Tu sentes muito... dizes que sentes muito; mas não compreendes a minha dor.
- Compreendo; mas receio que ela não seja tão nobre como tu a imaginas.
- Porquê?!

– É preciso convenceres-te que morreu Augusta. Não associes essa mulher a algum plano. Se a queres indemnizar do que a fizeste sofrer – repito o que te disse em Lisboa – esquece-a.

- Não posso.

– Hás-de esquecer-la. Eu conheço-te, Amaral. És o homem das primeiras impressões. A cornucópia das segundas, das terceiras, e das vigésimas ainda não está esgotada para ti. Tu és um ente extraordinário! O teu mundo moral é maior que o de Alexandre.

VIII

Guilherme do Amaral esteve no último baile do barão de Bouças. É a primeira vez que se fala neste barão de Bouças, e esta falta é imperdoável a um cronista, fidalgo admirador dos barões.

Se vier a pêlo, no decurso desta crónica, falar dos barões de Cucujães, de Ranhados, de Terras do Bouro e de Afife, tudo gente fina e séria, hão-de dizer-se coisas bonitas, e o que mais é, importantes para a história fisiológica do Porto: fisiológica, sim, porque *fisis*, em grego, é *natureza*, e o Porto tem uma natureza propriamente sua, cujo característico mais proeminente é o barão. E, entre todos os barões, o de Bouças é o menos boçal da sua espécie, e pode até dizer-se o menos barão de todos eles.

A história deste homem é uma história de que não se sabe nada, ou de que tudo se sabe. É o segredo de todos os homens que ontem chapinhavam nos chafurdos sociais, e hoje aparecem endinheirados, sacudindo à cara da gente resquícius de lama, que nunca se despega deles, por mais que enverguem casaca atrás de casaca.

Os adivinhos mais inspirados na cabalística destas riquezas conhecem não sei quantas artes mágicas, por virtude das quais se dão estes pulos do nada para o pináculo da fortuna.

A respeito do barão de Bouças, se interrogásseis os tais, um dir-vos-ia: Escravatura branca e negra;

Outro: Contrabando;

Outro: Moeda falsa;

Outro: Moeda falsa, contrabando, escravatura.

Três variantes para explicar as carruagens, as librés, os palácios, as quintas, os mármore, os brilhantes, os títulos, os bailes, as generosidades, os arrojos, os desperdícios do barão de Bouças.

Entre tantos intérpretes da sua vida privada, não acharíeis um só que vos dissesse: «a riqueza deste homem foi adquirida com honra, e com felicidade». Todos atribuíam a felicidade à desonra, e nenhum, por espírito ao menos de contradição, impugnava os detractores do ricoço.

Achais que a reprovação pública devia chagar, com todo o pungir da sua injustiça, a consciência, e, se não a consciência, ao menos a epiderme deste homem? Ora essa!

Nada de biocos! o século tem uma úlcera, cujos herpes não enojam alguém. A podridão só ofende o nariz da opinião pública, se o leproso de alma, depois que se atufou no atoleiro, não pode saltar de lá para uma carruagem, e das portinholas atirar dinheiro às rebatinhas sobre a gentalha de coleirinhos engomados.

O barão de Bouças, bastante inteligente para conhecer os invejosos da sua fortuna, dizia com graça inimitável que os castigava, obrigando-os com a sua presença a fazerem-lhe a mais espontânea e humilde das cortesias.

– Sei que tenho muitos infamadores – dizia ele a Guilherme do Amaral na véspera do seu terceiro baile. – Sei que há aí miserável que calcula o último pataco que eu devia ter na minha gaveta, se o meu negócio tivesse sido licito. Vá amanhã a minha casa, e se os quiser conhecer, conte-os à entrada, ou vá depois conhecê-los nos bilhetes de visita.

«Pois senhor, de todos esses que mordem a minha reputação, e se doem dos meus crimes em nome da fazenda pública ou da humanidade ultrajada, não há um só que me dê um pão, de três ao vintém, no dia em que eu disser: vou converter nos hospitais do Carmo, do Terço, da Trindade, nos Asilos, nas Misericórdias tudo que tenho mal adquirido, para que Deus mo receba em desengargo da minha consciência oprimida. Fico pobre; e, enquanto não morro honrado, e abençoado pela vossa admiração, ampa-

rai-me a vida com um quinhão dos vossos haveres licitamente adquiridos.

«Meu amigo, o mais generoso deles chamava-me pedaço de asno.

«Nesta terra tudo que se destaca do vulgar é apedrejado.

«Sabe o senhor? eu sou admirador do seu amigo poeta desde que ele disse num folhetim «*A distinção no Porto é uma desgraça*». Estas palavras ficaram-me para sempre. Um homem que diz isto, é pena que não trafique em escravaria branca para ter cá, entre escravos pretos (bem pretos na alma!...) grandes admiradores do seu talento.

«Olhe, senhor Amaral, eu sou completamente feliz, apesar dos homens que me vituperam. Palavra de honra, que me não apoquentam. Se a minha vida tivesse crimes, creia que a virtude deles inabilitou-me para poder conhecê-los, e reprová-los.

«Aí vai uma história. Eu soube que o meu maior infamador era um negociante meio arruinado, que todas as manhãs pregava aos credores a sua probidade como causa da sua ruína. O meu nome vinha sempre embrulhado nos seus discursos, dando-me a honra de me citar como modelo de infâmia comercial. Isto veio-me aos ouvidos, e eu diligenciei haver algumas letras, dez vezes reformadas, deste virtuoso varão. Na véspera do vencimento delas vi-o ajoelhado a meus pés, pedindo-me reforma das letras. Disse-lhe que sim. Levantei da vil posição este virtuoso soberbo, falei-lhe a meia voz numa especulação um pouco ilícita: todo ele era ouvidos e entusiasmo. Prometi-lhe coadjuvá-lo com a influência do meu nome; abraçou-me outra vez os joelhos; chamou-me o seu pai, o seu benfeitor, e o seu Deus; e... para encurtar a maçada... pagou-me as letras um ano depois.

«Há três meses que o meu pobre afilhado faliu. Os seus livros apareceram puros de mácula como a própria virtude... encadernada: com a diferença que houve grande dificuldade em encontrá-los, porque andavam por casa de certo purificador de consciências comerciais... em papel. Note o senhor que o meu honrado amigo deixou protestar todas as letras e inclusive as minhas; mas contou-me aí sobre essa mesa o dinheiro, e deixou correr o processo. Comigo sabia ele que era mau ser brejeiro duas vezes. Hoje está retirado; mas para entreter o tempo negocea em azeite, em nome de sua mulher, e continua a espantar-se de como é possível ser-se negociante honrado sem quebrar! O homem tem razão para espantar-se. O senhor está aborrecido da estopada mercantil que lhe dei, não é verdade?

– Gosto de ouvir tudo que é bem exposto – disse Guilherme. – Vossa excelência parece-me que se distingue por mais alguma coisa que o dinheiro, Já é muito conhecer a sociedade em que está!...

– Se conheço!...

Mas vive no meio dela, abre-lhe com frequência as suas portas...

– Se lhas fechasse, meu amigo, não tinha ocasião de vingar-me. Hoje são eles que me perguntam donde me vem o fausto. Amanhã sou eu que me vingou escancarando-lhes a boca espantadiça diante de qualquer pedra que vale seis mil cruzados, e que decerto dá mais honra ao artista do que eles ao Criador...

«Falemos noutra coisa, menos chata, como dizem os espíritos bicudos. Que noticias tem do meu colega barão de Amares? conhece-o perfeitissimamente.

– Conheço...

– A minha pergunta foi parva. Como explica o senhor a fortuna do tal tecelão?

– Não sei, nem averiguarei sabê-lo. Respeito muito essa família, e tal conceito faço das suas virtudes, que dou como pura a fonte da sua fortuna, seja ela qual for.

– Então, meu caro senhor, não há fontes impuras. Um homem que ninguém conhece, sai daqui, ninguém sabe quando, nem para onde; aparece em Lisboa casado com uma rapariga... que me dizem ter sido coisa do senhor Amaral; faz empréstimos importantes ao governo, compra a melhor quinta do Minho para não ser barão do seu

nome... Como se faz isto?! Milagre, aqui há milagre de cima, porque nem tempo houve para se fazerem os milagres de baixo. Os milagres de baixo é a moeda falsa que os faz, mas o fabricante de Lordelo, dizem os informadores, saiu do tear para entrar em todas as companhias com bom metal, e até bom de mais.

«Da sua burra saiu papel-moeda muito antigo, e dobrões de cinco moedas com verdete. Tenho falado nisto algumas vezes ao nosso amigo poeta...

– E que diz ele?

– O que vossa excelência diz: quer-me fazer acreditar que a riqueza caiu lá de cima sobre o meu milagroso colega, e não tem nada com as sujidades deste globo.

– Vejo que vossa excelência está contaminado do contágio dos seus espíões. Quer por força calcular quantos patacos o barão de Amares deveria ter num pé de meia, se fosse tecelão...

– Isso é uma injustiça – tornou o barão de Bouças, sem mostras de ofendido. – Eu trabalhei desde os dez anos até aos trinta e oito. Vinte e oito anos de trabalho, de sustos, de perigos, de conflitos terríveis entre a salvação e a morte, entre a opulência e a pobreza, meu amigo, tantos anos e tantos trabalhos produzem tantos contos. Mas...

– Não pode explicar os tantos contos do barão de Amares? nem eu, nem me canso nesse cálculo. Variemos de assunto, meu caro senhor barão. Vou brevemente sair do Porto.

– Vai à província?

– Vou ver a minha casa. Não sei em que desordem aquilo está.

O senhor deve casar-se.

– Casar-me!

– Sim, casar-se, que dúvida? Um bom dote com uma mulher de qualquer forma...
Entre amigos: eu sei que o senhor tem vendido uma boa parte da sua casa.

– Mas posso viver independente com o que tenho.

– Está enganado. Na sua idade e com o seu génio, a independência custa muito dinheiro. Vossa excelência pode ter dois cavalos, e queria ter quatro. Pode ter uma sege, e queria abater a vaidade do seu amigo que o convida a experimentar as molas inglesas dum caleche. Quando é preciso invocar a razão para aquietar os ímpetos da vaidade, a palavra *independência* faz lembrar as uvas verdes da raposa. A sua casa é pequena, senhor Amaral; tolere-me a rudeza franca. O senhor tem prestígio desde que rejeitou a filha do visconde, e tanto prestígio que ninguém se lembra de mandar saber à sua terra quantas pipas de azeite e alqueires de pão recolhem os seus feitores. Case-se. Amanhã concorra ao grande mercado para que eu empresto o meu salão. Lá lhe darei informações que não possa dar-lhe o nosso amigo poeta.

IX

Previno o leitor de que este capítulo e o que vem são a revista do baile do barão de Bouças. Vão metidos à força na contextura do romance, e o leitor, desde já prevenido, se o enfadarmos episódios, não leia. O capítulo XI há-de dizer bonitas coisas, e é Já que eu espero triunfar da sua atenção rebelde.

REVISTA DUM BAILE

Antes de principiar convém saber que este modo de *revistar* não é novo, nem original. Há em todos os bailes um folhetinista, que diz ao ouvido dum seu amigo um folhetim cheio de sal, de pimenta, de cravo, de cominhos, de todas as especiarias que não podem adubar os fricassés requentados e insossos do folhetim escrito.

O respeito, o medo, a tolerância, a civilidade, o bom tom, a caridade, e outras muitas coisas abafam a originalidade dum folhetinista. Escrever como se pensa, fazer que a ideia, qual a impressão a deu, escorregue dos bicos da pena sobre o papel, é um perigo que eu não cessarei nunca de apontar aos incautos, na estreia da sua profissão de folhetinistas.

Cuidado por vós, espíritos sinceros, que obedeceis, como Juvenal, à indignação que faz os... folhetins.

Esta sociedade, que vos manda sentar no seu banquete, retira-vos o talher no dia em que disserdes que vos deram gato por lebre. Comei o gato em público; e se o estômago o não digere, lançai-o bem a ocultas, de modo que vos não ouçam o soluço nauseado do vômito.

GATO POR LEBRE, meus amigos folhetinistas encarregados de provar que não há gato, seja aquele o vosso mote, o timbre do vosso jornal, se a sorte mofina vos fadar para este fadário em que me vejo.

Considerai, irmãos caríssimos, que este mundo não pode ser reformado, enquanto as cataratas do céu não despejarem sobre nós um segundo dilúvio. Quando as águas subirem trinta e nove braças sobre a superfície do globo, andarás ainda muita ridicularia a boiar à tona da água. A cura radical só pode dá-la a quadragésima, a última braça. Se isto se der em nossos dias, quem povoará a arca? Eu sei cá! Até duvido de que sejas tu, leitor honrado!

Considerai pois, amantíssimos irmãos em folhetins, que a máxima prova de juízo que podeis dar neste vale de lágrimas e de risos, é conformar-vos com o mundo patarata em que viveis. Ides a um baile? Sentis a musa das bagatelas. insuflar-vos a inspiração parvoinha? Podeis apertar com a tenaz das conveniências o espírito zombeteiro?

Escrevei um folhetim; expurgai-o de siso, quanto ser possa; imbrincai-o de amenidades tolas; vesti-me a dona da casa com as melhores louçanias que tiverdes no vosso armazém de sandices; embonecai-lhe bem aquele corpo, ajeitando-o com arte à provocação dos apetites; corrigi a natureza sovina que lhe fez de greda o colo que vós fazeis de marfim; cobri de pérolas aquele braço que a natureza fez ossudo e espadelado; alindai com esmero o corpo da mulher, visto que lhe dispensamos a alma, e ela mesma dispensa que lha mencioneis. O corpo, o corpo! E para o corpo, se um arco lhe não afasta bem os quadris da linha vertical, que a natureza incorrecta estatuiu, tendes o assopro do estilo, as bochechas túmidas da frase. Assoprai-mas bem, de modo que leveis a palma à natureza, à costureira, ao algodão em pasta, à barba de baleia, ao aço, ao arame, ao *caoutchouc*, a tudo que não é corpo nem alma na confeição da mulher!

O *mundo patarata!* Que magnífica ideia! Quando poderei eu, refugiado sob um

tecto de colmo, com um prato de batatas para cada dia, e o meu cão enroscado aos pés, escrever O MUNDO PATARATA!

.....

Vai agora começar a REVISTA DUM BAILE.

Às dez horas e meia da noite apearam no pátio do barão de Bouças, Guilherme do Amaral e o literato.

Ao mesmo tempo apeavam D. Cecília e seu marido. Amaral deu o braço à dama, o poeta recebeu a capa de martas e o regalo. Os ombros nus de Cecília eram mais brancos que os das estátuas de jaspe que decoravam os pilares da escadaria. A sineta dera as solenes badaladas, e um familiar do barão, feito em arco, interrompera as primeiras perguntas de Guilherme, conduzindo a dama.

O literato de braço dado com Amaral, entrou na primeira sala, e bebeu o primeiro trago de aborrecimento. Uma mulher, por quem meses antes se suicidara um seu amigo, estava ali vestida de branco, com a cabeça enflorada como boceta de morcelas, sorrindo ao par dançante, e meneando-se em requebros de cintura e arquejos de peito. Aproximou-se o poeta, quase arrastando o amigo. Escutou. Não sei o que ouviu; mas sei o que disse a Amaral:

– São estas mulheres as que te justificam, Guilherme. Se esta é absolvida, como serás tu condenado?!

Ao pé desta estava uma figura de anjo, transparente como ágata, vaporosa como uma nuvem das que o sol poente coloriu de púrpura e ouro. Sorria o belo riso de criança em sonhos. Murmurava com adorável preguiça as raras expressões. Quem possuirá o coração que faz ondear-lhe o seio? Bela deve ser a existência escravizada àquela mulher!

– Quem é? – perguntou Amaral – não conheço aquela mulher...

– Teria doze anos quando saíste do Porto. É filha de ***.

– Sim? É perfeita. Brevemente estará perdida...

– Perdida!? está aproveitadíssima.

– É casada?!

– Sim, é.

– Com quem?

– Com um homem que aí deve estar. Não sei quem é.

«Olha-me bem aquele anjo! Queres tu ver o que os anjos fazem por cá? Aquela menina deu muito que sofrer à sua família, amando um rapaz que valia o que vale a virtude, a honradez, e a dedicação extremosa: não valia nada. E contudo ela, cega do seu amor, quis dar-lhe a única riqueza que podia dar-lhe. Aceitou com amorosa ânsia a oferta do marido, mas o pai negou o seu consentimento. O rapaz tirou-a judicialmente, e depositou-a. O depósito foi violado pelo pai; as conferências com a filha foram repetidas enquanto o processo seguia os trâmites da lei favorável aos noivos. Uma bela manhã aquele serafim torna à casa paterna, e dias depois deixa-se casar com um homem gordo, vindo da Baía, com o produto líquido da venda de não sei quantos centos de pretos. Ela ali está pura como as estrelas! Benza-a Deus, que é um anjinho! É mais uma que te absolve, Amaral!

– Aí vem outra... Esta conheces tu.

– Pois não! Está como a deixei; ainda interessa.

– Sabes muitas anedotas desta mulher?

– De solteira, de casada, ou de viúva?

– De viúva. Quando ela casou ainda eu não tinha nascido. Eu só sei as biografias

contemporâneas minhas. Duas páginas daquele livro foram escritas depois de 1844.

– Diz lá.

– Era por uma dessas noites tétricas de janeiro, em que a nortada sacode as melenas dos arvoredos, e as catadupas dos rios caudalosos rugem um bramido soturno.

– Apre! que estilo de tormenta! Faltou-te dizer que piavam os mochos, e miavam os gatos nos telhados! E depois?

– Um nosso amigo provinciano, D. J. d’A., corpo sem alma, ou alma maior que o corpo, nessa noite borrascosa pediu gasalhado em casa desta mulher, que vive alguns meses do ano numa quinta que tem em...

– Bem sei.

– Não me consta que ela lavasse os pés ao forasteiro, como no oriente; mas acolheu-o com todo o carinho hospitaleiro.

– Recordo-me de ele me ter dito que amava doidamente esta mulher. Contou-me ele que, depois de muitas tentativas infelizes, conseguira invocar a sua piedade sem testemunhas. Quando se viu só na presença da mulher que o arrastara pelos cabelos dois anos, julgou colher um triunfo que tinha custado menos amarguras a vinte e quatro amantes seus antecessores. Ela chorava, soluçava, e balbuciava o nome do seu último amante, quando D. J. lhe recitava, naquela linguagem ardente, um programa de perpétua felicidade. «Eu não posso amar outro homem senão aquele – murmurava ela. – Sou incapaz de trair o meu algoz. Amada ou desprezada, hei-de ser-lhe leal até à morte». D. J., grande conhecedor do coração, neste conflito brutifica-se. Julga-se ofendido pela saudade dum rival, e foge para escrever no *Céptico* a página mais sarcástica do prólogo.

– Eu sabia isso: deu me muito que pensar esse fenómeno, e escrevi uma máxima na minha carteira; foi esta, pouco mais ou menos: *A mulher que chora o amante que teve, na presença do amante que se lhe oferece, quer persuadir o segundo de que é arrastada ao crime pela ingratidão do primeiro.* Visto que sabes essa passagem, melhor compreenderás a da noite tempestuosa. D. J., ferido ainda no seu amor próprio por essa punhalada, mostrava-se menos de urbano aos desvelos desta mulher em sua própria casa. As pessoas da família, como sabes, são muitas, e foi preciso que todas adormecessem depressa, para que à meia-noite se abrisse a porta do quarto de D. J., e esta fada vestida de branco...

Eu não pude ouvir a continuação do conto. O literato desceu uma oitava o som da voz. Amaral subiu uma oitava o som da gargalhada. Apurei o ouvido e apanhei ainda estas palavras por entre o ruído de todo aquele redemoinho de vozes e música:

– Dias depois – continuou o literato – D. J. encontra esta mulher no Porto, busca-a num salão, onde brilhava mais bela do que nunca, e diz-lhe furtivamente, vendo-a séria: «Não é crível que me abrisses as portas do paraíso para me expulsares de lá no dia seguinte!» – Não o entendo! (respondeu ela). «Não me entendes!?» – Não! o que noto, com grande espanto meu, é uma liberdade de tratamento... – «Isto é incrível! (exclamou ele). Pois ser-me-á necessário lembrar-te...» – O quê? – «Lembrar-te que fez ontem doze dias que, depois de dois anos de desprezo, coroaste as minhas apaixonadas instâncias...» – Isso é infame! o senhor D. J. está doido! eu nunca lhe dei liberdade para semelhantes expressões.

«Levantou-se, desenrugando as quebras das anquinhas e foi dançar.

«D. J. d’A. aparece-me na casa do fumo, passeia silencioso ao meu lado, e ao acender o quarto cigarro, solta uma risada, trava-me do braço, e exclama: «Messalina era uma santa! Santa Messalina, rogai por nós!». Contou-me o caso, e recitei-lhe esta máxima de La Bruyère: *Une femme oublie d’un homme qu’elle n’aime plus jusqu’aux faveurs qu’il a reçues d’elle.*

«Aí vai a outra história:

«Estava ela em Lisboa, e amava o *Três-estrelas*. Encontrei-a em casa da baronesa de Amares, rodeada de mulheres da sua reputação.

– Augusta conhecia o viver desta mulher?

– Não: eu nunca lho disse, porque era inútil preveni-la. A baronesa distinguia-se no meio destas mulheres, e não se manchava com o seu contacto.

«Estava ela pois rodeada de mulheres que riam muito dum infortúnio que ela contava, acontecido ao *Três-estrelas*, seu antigo amante. Era uma vingança que ela exercia, escarnecendo-o. Fora este o caso. *Três-estrelas* declarou-se amante duma alta personagem da aristocracia de sangue e de dinheiro. Esta rejeitara a oferta, e voltara as suas atenções para um pintor de talento e modéstia. O pintor foi ameaçado por *Três-estrelas*. Ela soube-o, e deu ares de aceitar a corte do orgulhoso perseguidor. Estabeleceu-se uma correspondência. *Três-estrelas* reputava-se o leão primeiro. Encontra a alta personagem no Passeio Público, fala-lhe do seu amor feliz, e da última carta que recebera... «Minha! ?» exclamou ela.

– Sim, sua; pois de quem? – «Minha! é engano! é uma traição! vou informar-me!»

«Horas depois, *Três-estrelas* recebia um bilhete pouco mais ou menos assim: *Advirto-o de que as cartas, recebidas da minha janela â meia noite, são da minha cozinheira. Se o fim com que V... a namora é honesto, eu não duvido, e até tenho grande prazer se me escolherem para madrinha de casamento – Fulana.*

«Aqui tens a anedota com que a sarcástica narradora fazia rir as suas amigas. *Três-estrelas* entrou na sala, e as atenções convergiram para ele mal disfarçadas. O silêncio repentino excitou-lhe a desconfiança. Informou-se e teve, das mais íntimas amigas da narradora, uma que logo ali lhe fez saber a ridícula história que lhe atribuíam. O homem aproximou-se galhardamente desta mulher, ofereceu-lhe o braço, e não sei o que lhe disse que a fez da cor da malagueta.

«É certo que tornou com ela a um grupo das mesmas senhoras, que tinham aplaudido a história bem contada, e disse: «Acabo de fazer as pazes com a excelentíssima senhora D. F... – Pois estavam indispostos?! perguntou uma. – Sim, minha senhora – replicou ele – eu tenho desprezado o quarto desta espirituosa narradora de anedotas cómicas. Prometi-lhe ouvi-la amanhã à noite... Estão feitas as pazes...».

«Ela caiu sobre uma cadeira com um frenesi de nervos. *Três-estrelas* estava reabilitado perante as mulheres.

X

Continua a revista do baile.

O dono da casa, *com a sua acostumada afabilidade* (isto não é meu) andava *penhorando os seus hóspedes com as suas atenciosas maneiras* (também não é meu: são frases novas inventadas neste baile, ao mesmo tempo, por oito jornalistas fecundos), e encontrou Amaral e o literato naquela íntima prática em que os deixámos.

– Eu vinha procurá-los – disse o barão de Bouças.

– Nós é que procurávamos vossa excelência para felicitaros o dono deste Éden...
– atalhou o literato.

– Onde quase todas as Evas... – acrescentou Amaral – são posteriores à culpa.

O barão sorriu-se, apertou a mão com força a Guilherme, e disse-lhe ao ouvido:

– O senhor é muito satírico, mas diz a verdade... Divirta-se de qualquer modo, seja como for, contanto que se divirta, e logo falaremos. Quando tiver visto as mulheres, vá à sala da ceia delinear o seu plano de ataque.

Sua excelência com o sorriso de fraternal benevolência impresso nos lábios, foi repartindo por cada dama uma amabilidade, e por cada cavalheiro um dito agudo, em relação à chateza do cavalheiro. Os dois amigos passaram à sala imediata.

– Quem é a rainha do baile? – perguntou o literato a um grupo de jornalistas.

– É a mais rica – respondeu um. – Por enquanto a mais rica é a D. Maria Carvalhosa; espera-se outra que a destrone.

– Quem é – tornou o poeta.

– É uma órfã brasileira.

– Já sei.

E, voltando-se para Amaral de modo que o ouvissem, o literato continuou:

– Quando chegar a chamada órfã brasileira hei-de apresentar-te: queres?

– É indiferente. Donde a conheces?

– Depois to direi.

Guilherme apertou o braço do poeta. Queria indicar-lhe uma senhora que passava com os olhos cravados nele.

– Já vi – murmurou o literato, sem vê-la.

– Tem-me esquecido perguntar-te se esta mulher respira ainda o nardo do teu turíbulo. Já a não amas?

– Amo... A saudade é amor. Tenho saudades do tempo em que a amava; e, como é impossível separar desse tempo esta mulher, amo a mulher por amor da saudade. É um amor bem amargo! A saudade do gozo é mais dolorosa que a desgraça presente. Mau! Cá estou com a intermitente! Tomara eu um copo de vinho!

– Ali tens um rico charão carregado de Gerês e Bucelas.

– Felizmente! Bebamos na fonte pura... Agora – prosseguiu ele, enxugando o bigode – vejamos aquela mulher pelo prisma da saudade. Nem antes, nem depois dela houve outra para mim. O meu coração foi sério uma só vez na vida. A seriedade no amor é um grande infortúnio. Amar, a mais não poder, é acordar na alma todas as paixões nobres. E quando este amor é um crime? quando é casada a mulher que o inspira? então é preciso purificar o crime com o sacrifício, adorá-la nos braços do seu dono sem profaná-la, converter a paixão em desejos tão puros que nem ela possa envergonhar-se deles, nem a Providência culpá-la por aceitá-los. Olha, Amaral, o mundo chama desditoso o marido atraído. É muitas vezes uma compaixão injusta, O menos desditoso dos três... e o marido.

«Esta mulher amei-a assim: procurei-a no mundo do espírito, julgando-a perdida

lá nos êxtases do seu sofrimento. Cuidei que ela tinha da terra só o elo que a prendia à sepultura. Cuidei que amá-la era começar cá em baixo a bem-aventurança dos espíritos, O que pode a imaginação fanatizada pelo amor! E admiram-se que o amor de Deus produza tantos visionários!

«Uma vez disse-me ela: *Contenta-te com o que posso dar-te. Dou-te na terra o amor que os anjos dão a Deus no céu.*

«Pois eu que mais queria? Achava um anjo que me aceitasse o espírito depois que a matéria caíra pedaço a pedaço nos atoleiros das paixões brutais. Dava louvores a Deus por ser um homem gasto com o coração novo. Que rejuvenescência! Que vida! que júbilos tão infantis os meus naqueles dias! Que mais queria eu?

«É um disparate recordar emoções tão sérias num baile. Não digo mais nada, Amaral.

– Que dirás tu melhor? fala... Se falares alto, ela pode ouvir-nos. Está sentada numa cadeira aqui perto. Queres contar-me uma história parecida com a de minha prima Leonor?

– Pior. Tua prima Leonor mentiu para vencer uma tirania, e ser do homem que amava: era uma amante leal e esperta; se não mentisse, praticaria uma traição ao homem que a seguia; dar-se-te-ia desonrada, e seria indispensavelmente tua vítima, quando a reacção da vergonha te vencesse. Mas... esta!... Eu não te conto as intrigas, as invejas, as infâmias, os mil infortúnios que me separam desta mulher. Na separação pude dizer-lhe: eu deixo-te pura, porque o teu amor era o dos anjos; deixo-te sem mancha na consciência, embora o mundo te cuspa no rosto; deixo-te debaixo da mão de Deus como te encontrei, e os raios da calúnia dos homens não tocarão a tua cabeça.

«Depois... acabemos isto... Eu soube em Lisboa que esta mulher morria de consumpção moral. Que lágrimas! que desesperação me tomou! Esperava com uma pistola inclinada a um ouvido a notícia da sua morte. Isto era atroz, sem confidente, sem um amigo, porque eu não queria proferir o seu nome mais alto do que era preciso para o meu coração o ouvir! Corri ao Porto.

O poeta soltou um frouxo de riso nervoso, e deu alguns passos, fazendo rodas no ar com a fita da luneta.

– Acaba a história – disse Amaral.

– Está acabada. A mulher está ali morta daquele modo que vês, com a mais robusta das saúdes, e uma animação de pele capaz de desesperar o pincel dum retratista de Flora.

– Isso o mais que prova é que os anjos não morrem de amor dos anjos. Estas criaturas são imortais. Porque estás tu vivo? É egoísmo!

– Eu estou vivo para ver aquele homem ao pé dela. Ali tens o anjo que me substituiu.

Amaral viu um homem que não conhecia.

– Quem é? – perguntou ele.

– É aí um tendeiro, que veio para aqui descalço há dez anos, que tomou chá pela primeira vez, aos vinte e cinco, num baile de costureiras, e falou pela primeira vez com uma senhora, domingo gordo, com uma máscara na cara. Ali tens o homem que eu devia ter sido para que aquela mulher me não dissesse: *Dou-te na terra o amor que os anjos dão a Deus no céu.*

«Acabou-se a história... mas, a propósito de anjo, quero contar-te outra. Vês aqui esta mulher com um tipo árabe, e olhos de gazela? Está. aqui, porque o barão de Bouças entende que qualquer mulher pode sentar-se em qualquer cadeira, contanto que esmague um bom corte de seda. Não tem ele imagens nuas no seu quarto? E a estátua de Vénus de quadris roliços, ou *Calipígia*, como lhe chamavam os gregos, não a tem ele bem à

vista no jardim? Aqui ao menos, nesta há alma e movimento.

«Vamos ao conto. Um nosso amigo quis esta mulher.

«A todas as cartas dele respondia ela: «Há um anjo que amo sobre todas as coisas.»

«Ainda assim, o nosso amigo teimava, e ela sempre: «Há um anjo que eu amo sobre todas as coisas: não teime.»

«Uma vez é procurado o teimoso por um homem que pesaria dez arrobas, com dois côvados de ombro a ombro, uma papeira debaixo do queixo, uma proeminência abdominal que ameaçava um dilúvio de intestinos: enfim um mostrengo pavoroso.

«O nosso amigo pergunta-lhe o que quer. «Eu sou...» diz ele. –Quem é o senhor?– «Eu sou...» tartamudeia o incógnito. – Diga quem é duma vez! – «Sou o amante de certa senhora... que...» – Que!? faz favor de concluir... – Que V. tem querido namorar...» – Ah! pois o senhor é que é o anjo! (exclamou o nosso amigo). Estimo muito conhecê-lo!

«Ora vê tu como são os anjos destas mulheres? Anjos que tenham pelo menos dez arrobas de homem!

«Aqui vem D. Margarida e a prima. Ainda lhes não falaste desde que estás no Porto. Vê se ela te cita o Dumas e o Eugénio Sue.

Guilherme largou o braço do seu amigo, e foi cumprimentar a filha do visconde da Carvalhosa. D. Margarida recebeu-o com frieza, e sua prima que já apresentamos noutra parte, empregada naquela diplomacia que produziu uma solene descompostura entre as duas rivais, respondia mais do que ela às perguntas do irónico Amaral.

A órfã brasileira, que devia destronar Margarida, entrara às onze horas, porque o cabeleireiro só a essa hora lhe fizera o penteado. Entrou na sala conduzida pelo barão de Bouças, seu tutor. O literato foi o primeiro, entre todos os do cortejo, a saudá-la. Guilherme do Amaral atraído pelas atenções dos outros, foi contemplar cento e cinquenta contos líquidos, simbolizados numa mulher de meã estatura, mal feita, mal sentada, mal adornada de ricas bagatelas, como se quisesse neutralizar com os brilhantes a impressão da fisionomia, o desaire do corpo, e a rudeza do espírito.

Amaral pensou em tudo isto e fez muitas outras observações que o poeta interrompeu, convidando-o a conhecer a rainha do baile.

– Para quê, se eu não estou disposto a reconhecê-la rainha!? – disse Guilherme.

– Pois em que há-de tu gastar o tempo? A única novidade do baile é a africana.

– Africana, ou brasileira?

– Logo trataremos do nascimento. Não vê tu como os Colombos de mulheres ricas lhe vão na esteira? Olha! lá está o conselheiro *** preparando os coleirinhos, e alinhando o bigode, para lhe dar o-oitavo assalto. Já lhe falou em jurisprudência, nos Estados Unidos, em fisiologia, e na derrota de Waterloo. Vai-lhe pedir três contradanças, e quatro polcas. É um infeliz na puerícia dos seus quarenta anos, e espera morrer num *cottillon* partindo a cabeça no batente duma porta. Rasga os folhos dos vestidos às mulheres, pisa-as na parte mais sensível das suas mimosas plantas, e cai por fim com elas na vertigem da febre. Tem só três paixões conhecidas: dançar, casar rico, e ir ao ministério. Das três mordeduras, a da tarântula é a única incicatrizável.

«Não to descrevo como rival; mas, se te deixasses guiar por mim, fazias a corte àquela mulher, para eu poder estudar estas caras. O Porto tem sete homens que baterão a setenta portas onde houver dinheiro, pedindo um dote, embora ele venha apenso à cozinha da casa⁵. Estes sete homens estão diante de nós, suspeitosos uns dos outros, observando-se de través, com o diabo do ciúme mercantil a devorá-los.

«Num momento dado, quando alguém se aproxima daquela mulher, os catorze

⁵ Exprimo as ideias como elas saem da boca de rapazes ao sabor da inspiração do momento. Se me desse a escrever máximas correctas, ninguém me acreditava.

olhos dos sete opositores convergem sobre ela. Repara... lá vai um dos sete.

«Conheces perfeitamente aquela velha criança. É o tipo da ambição sórdida. Naquele pequeno corpo está a alma mais grandemente tola que eu conheço. Veio lá de cima, não sei de que aldeia, estereotipando nos lábios, debaixo dum bigode de galucho, um sorriso parvo, criou-se uma reputação de elegante, tanto quanto lho permite a tesura dos coleirinhos, e a variedade dos camafeus da gravata. Senta-se direitinho numa cadeira como donzelinha saída do colégio. Espreme nos beiços a frase alambicada num tom de falsete que fere o ouvido e a alma. Sacode com uma chibatinha, artisticamente entalada entre dois dedos de luva irrepreensível, a aresta que lhe macula o verniz da bota. Espirra umas risadinhas ríspidas que afectam mangação das coisas deste mundo... Enfim, é um dos sete, que tem a felicidade de possuir um cavalo muito grande, só diametralmente oposto ao volume material do seu dono. Sem cavalo, este homem teria passado entre nós, e chegado aos quarenta anos, que lhe enrugam as pálpebras, sem darmos fé de que está ali uma notabilidade, modelo de todos, que, sem tipo próprio, sem merecimento espontâneo, vulgarmente descaracterizados, se adaptam todas as variedades dos moldes.

«Vem cá, hei-de apresentar-te... Não resistas a dar-me ocasião de enfileirar um dia, num romance, esta galeria.

XI

O homem do corpo pequeno apenas descobriu uma vacatura de cadeira ao pé de D. Eulália, arqueou os braços, meteu o ombro ao obstáculo dum grupo de concorrentes tímidos à cadeira, e mais parvo e mais afoito ferrou a presa, e sentou-se, executando três medidas com muita graça.

Principiava ele discorrendo sobre o calor da casa, quando o literato e Amaral chamaram a atenção de Eulália, aproximando-se.

– É este o meu amigo – disse o poeta – a quem eu prometi a honra de cumprimentá-la, minha senhora. Guilherme do Amaral...

– Ah! – interrompeu ela – é o senhor Guilherme do Amaral?

– A maneira como vossa excelência interroga – disse o apresentado – faz supor que o meu nome lhe não é inteiramente desconhecido.

– Decerto não: meu tutor tem-me falado de vossa excelência.

– O senhor barão de Bouças? Já sei que é ele o seu tutor. Esperava-se há muito tempo, minha senhora.

– Sim? e eu estive quase a não vir. O cabeleireiro só às dez horas é que me penteou.

– (Ingenuidade ou estupidez – pensou Guilherme).

– Não devia ser isso um obstáculo à sua vinda, senhora D. Eulália – disse o literato. – Os seus cabelos são naturalmente belos sem o artifício do ferro.

O candidato, vendo-se demais no colóquio em que não achava brecha a um galanteio insípido e gordo como ele costumava dispará-los, ergueu-se, sacudiu a perna direita como ferida de convulsões espasmódicas, bambeou a cabeça entre os coleirinhos percucientes, e desapareceu.

Amaral sentou-se, e o poeta comprometido na quadrilha, que ia dançar-se, com D. Eulália, renunciou a favor do amigo.

Era delicioso ouvir o conselheiro e o homem pequeno, enquanto Eulália, nos intervalos da quadrilha, inocente ou boçal, não desviava os olhos dos de Guilherme, que pareciam dizer-lhe mais que os lábios.

– Aí está o homem fazendo-se importante! – disse o conselheiro. – As viagens entraram-lhe muito nos fundos, e não lhe desconvém um dote.

– Até me dizem que está arruinado... Ali não pegam as bichas. O barão há-de saber que extravagante ele é... e se o não souber...

– Faz-se-lhe saber... Mas havemos de confessar que é um homem perigoso. Sabe-se apresentar sofrivelmente, e tem uma cara das que as mulheres gostam.

– Estás enganado. Aquelas caras passaram de moda. Hás-de reparar que ele é muito *gauche*. Há pouco encontrei-o deitado literalmente estendido sobre um sofá, na casa do fumo, a torcer o bigode. Aquele ar pretensioso! Nunca se ri, e tem um modo de cumprimentar como quem quer desfazer-se dum importuno. E quer passar como talento...

– Ora! Qual talento? é um ignorante completo. Tem lido quatro romances, e copia todas as asneiras que lá vir. Há anos foi ele ridiculizado em Lisboa.

– E bem pode ser que o seja no Porto...

– Estás enganado. O homem aqui só perderá a consideração, se fizermos correr que ele deu cabo do seu património. Bem sabemos o que é o Porto. Aqui ridículo é só o homem sem dinheiro; não se escarnece lorpa nenhum, contanto que ele entre na boa roda, e sustente aí a sua independência... Falemos francos... Tu namoras a brasileira. Passas todos os dias na rua do Rosário...

– Não há dúvida... e tu, se quiseres ser franco, confessa que vais todos os dias...
 – À rua do Rosário? é verdade! mas espero acredites que não é o dinheiro da mulher que me chama.

– Nem a mim... Bem sabes que eu não preciso casar-me para viver com certa *aisance* e independência. Até detesto estes especuladores de casamento...

– Também eu: mas, já agora sejamos francos, tu falaste ao barão no casamento.

– Falei; e ele disse-me que tu, entre outros, tinhas pretendido...

– É verdade; porém... não falei em dote; porque não lhe amo o dote.

– Nem eu, bem sabes que estou numa excelente carreira, e tenho um grande horizonte político.

– Decerto; mas talvez saibas que... (*fulanos e fulanos*: o leitor conhece-os) perguntaram-me se o dote desta senhora estava livre de empecilhos, e quiseram ver o inventário antes de saberem se lhe davam a inventariada.

– São uns sórdidos! Fazem uma ridícula figura...

– Realmente fazem! Eu não se me dava de casar com esta mulher, porque sinceramente simpatizo com ela...

– Ora vamos lá, confessemos que é feia... e tu tens por aí caras tão regulares.

– São simpatias; e tu não achas essas caras regulares?

– Eu sempre te disse que o meu tipo era aquele. Gosto de mulheres trigueiras e magras.

– E inteligentes... já mo disseste...

– É verdade; mas... ela tem espírito, e pode dali fazer-se uma mulher esperta.

– Bem sei... são os cento e cinquenta contos...

– Faz-me justiça. Eu sou superior ao dinheiro. Não era capaz de escravizar-me aos milhões duma mulher antipática... Olha... ele lá vai com ela... Queres ver que o parvalheira impressiona a mulher?

O barão de Bouças roçava, neste momento, pelos interlocutores.

O conselheiro, tomando-lhe o braço, perguntou:

– Diz-me cá, meu caro barão, a tua pupila conhece o homem com quem passeia?

– Se passeia com um homem, é natural que o conheça. Quem é ele?

– o Guilherme do Amaral.

– Deve conhecer; alguém lho apresentou.

– Foi o inseparável dele...

– Quem?

– O ***, esse extravagante da sua intimidade...

– Eu estimo muito que ela o conheça... – redarguiu o barão. – Guilherme é um perfeito cavalheiro.

– Sim!? mas cuidado com ele...

– Porquê?

– Não sei se sabes que essa grande casa que lhe faziam está quase consumida.

– Sim? pois seria esta uma excelente ocasião de a reabilitar.

– Tu consentias o casamento?

– Tenho eu algum direito de me interpor? Queira ela, que eu também quero.

– Mas uma pupila não se dá assim ao primeiro que a seduz... ou que a pede...

– Decerto, não; e a prova que ela se não deixa seduzir, nem levar, se a pedem, é que... está solteira...

O conselheiro compreendeu o sorriso que vai aqui rubricado com reticência.

D. Eulália fora polcar. Amaral procurava o literato, que trocava com a filha do visconde de Carvalhosa um diálogo, que deve esclarecer o leitor sobre a missão deste homem. Quando lhe disseram que o poeta emprega todos os recursos da diplomacia

casamenteira para fechar um abismo, que receia, à baronesa de Amares, o leitor esperto não será surpreendido.

Vossa excelência tratou friamente o meu amigo, segundo creio.

– Pudera tratá-lo com muito carinho! Eu devo realmente muitas finezas ao seu amigo! A gente perdoa, mas não esquece.

– Esquecer é perdoar, minha senhora.

– Isso sim! sacrificar-me, primeiro, à pateta da Cecília; depois a uma mulherinha de pouco mais ou menos...

– *De pouco mais ou menos...* não percebo bem.

– Percebe, percebe. Ser hoje baronesa, quem foi costureira, isso não tira de ter estado... bem sabemos aonde...

– Não toquemos no que já lá vai...

– Eu bem sei que o senhor é um grande amigo dessa pessoa; mas eu digo sempre o que penso.

– Não é prudente esse sistema, minha senhora. É melhor pensar para não dizer, que dizer para pensar depois. Sabe que tenho um palpite? Guilherme do Amaral casa-se no Porto.

– Com quem? Todos o conhecem.

– Quer vê-lo pelo braço duma mulher que o não conhece? Se ela tivesse namoros, aquela...

– Quem é?

– Pois não vê, minha senhora? É a pupila do barão... é um diamante fusco que vale cento e cinquenta contos... é uma rival terrível, não acha?

– Minha... não... Eu sou indiferentíssima... Pois ele gosta daquela cara? – uma cara, minha senhora. Pode ser que ali esteja um grande coração...

– Bem sei... um grande coração... Bem se lhe dá ele do coração... O dinheiro... o dinheiro...

– Não é assim, perdoe-me vossa excelência; Guilherme, se fosse ambicioso, seria em extremo amante de alguém, que eu muito respeito, desde o dia que lhe fez saber por carta, qual era a sua legítima da parte materna.

– Isso era então... hoje...

– Talvez não acontecesse o mesmo se vossa excelência lhe restituísse o seu amor, é o que quer dizer? Concordo... talvez não acontecesse o mesmo. O que posso afiançar-lhe, minha senhora, é que um primeiro amor nunca se esquece, e vossa excelência foi a primeira impressão de Guilherme.

– Ora! Está a brincar comigo!...

– Não se brinca em assuntos de tamanha seriedade. Eu não estou no coração do meu amigo; porém, tanto quanto posso conhecê-lo, afoito-me a dizer-lhe que há de vossa excelência uma imagem bem profundamente gravada no espírito de Amaral. E, se eu lhe merecesse confiança por confiança desejava merecer-lhe o segredo dos seus sentimentos por ele.

– Queria rir-se de mim?

– Não seja injusta. Faça-me a justiça que tanta gente me nega. Eu queria vê-la feliz, e vê-lo feliz a ele, que o não é.

– Quer que eu me capacite? Como!... se ele até foge de mim?!

– Minha senhora, a mulher de que se foge é a mulher que se procura.

– Falaremos... – disse D. Margarida, aceitando o braço do par que viera interromper o diálogo tão esperançoso.

É crível?

No seio de D. Margarida nasceram de repente dois abutres: o amor e o ciúme.

É crível? É, e prova-se com duas máximas:

1ª *Espirito tolo, coração frívolo.*

2ª *Entre duas mulheres ricas o ciúme não parte do coração: é a porfia de dois tendeiros, que moram um em frente do outro, e vêm à porta chamar os fregueses.*

Aqui não há La Bruyère, nem Pascal, nem La Rochefoucauld, nem Houdetot. São máximas que eu escrevo em mortalhas de cigarros, quando vale a pena inutilizar um cigarro para arquivar uma experiência.

XII

Amaral e o literato encontraram-se no magnífico salão da ceia, depois de se desencontrarem nas moles compactas dos inumeráveis amigos do barão de Bouças.

– Com efeito! – exclamou o poeta – encontrei-te! Sem a atracção do estômago, creio que só nos tornaríamos a ver no dia do júizo!... A órfã despertou-te o apetite?

– De não tornar a falar com ela – respondeu Guilherme sorrindo.

– Essa é boa! porquê?

– É quadradamente estúpida.

– Isso é impossível! Uma mulher com cento e cinquenta contos, tem pelo menos três Staëls na cabeça.

– Vejo que ainda me não conheces... – redarguiu Amaral, tomando de sobre a mesa um pombo assado.

– Faltava-me saber que és um grande gastrónomo.

– Aconselho-te que faças provisão de vitualhas e que venhas ali para o pé da frasqueira, onde mana a veia límpida do champanhe. Foge de ao pé das mulheres, que devoram diante dos namoros com a sem-cerimónia de Penélope... Repara-me na Margarida Carvalhosa, que tomou à sua conta a destruição dum pato! Apre! que mobilidade de queixos! Ora idealizem lá estas Julietas, coroadas de flores brancas, comendo à meia-noite um substancial carolo de boi assado! Muita tolice se tem dito em verso! Vocês, os colectores de rimas, sempre com o coração na forja, querem convencer-nos de que a mulher é um silfo que bebe a brisa da tarde e o aroma da rosa. Venham aqui ver com que limpeza se faz a dissecação dum frango e se encham as garrafas de ar atmosférico!

– Gosto de te ver assim, Amaral! Estou reconhecendo a língua de prata fina do meu velho amigo. Aposto que farias hoje um *speech* igual ao do teu jantar de despedida?

– Hoje... insultava toda esta gente; e daqui a pouco, auxiliado pelo vigésimo copo de champanhe, perguntaria a todas estas mulheres qual delas é a que pode levantar o rosto diante de Augusta costureira.

– Fala baixo!

– Que me importa a mim que me ouçam! A velha hipocrisia recordo-me hoje dela com vergonha. Não vale a pena afivelar uma máscara diante desta gente...

– Olha que nos escutam... – atalhou o poeta, adivinhando a intenção de dois comendadores gordos, que devoravam irmãmente um pastelão de ostras, fazendo-se notáveis por ter cada qual sobraçados três pães.

– Se me escutam – tornou Amaral – eu sinto muito não conhecer os curiosos para lhes dizer quatro amabilidades gordas como eles.

– Tu dás escândalo, Amaral!

– Quem fala aí em escândalo!? Escândalo é tudo isto: são estas serpentinhas de prata, estes cristais da Boémia, esta argenteria dos armários, estes tapetes de matiz, estas mulheres que estendem um braço nu a um copo de vinho, estes convivas que comem e perguntam donde vem a fortuna que os farta... Escândalo?! Onde está aí um homem que possa dizer «gastei vinte, trinta, quarenta contos de réis, desperdiçados do meu património, e granjeados por meus avós; e consumidos ao mesmo tempo que o coração superior a todas as perdas desfalece na desesperação de reviver no amor do género humano?...

O poeta conheceu na fisionomia e nas frases desconcertadas do seu amigo a electrização do champanhe. Deu-lhe o braço para o desviar de outros curiosos menos

tolerantes que os comendadores, e não pôde.

D. Margarida viera, de braço dado com sua prima, colocar-se disfarçadamente atrás do grupo observador. D. Eulália entrara nesse instante na ruidosa sala, e conheceu a voz de Guilherme entre o alarido dos falsetes feminis, e o estojar do gás, e o tilintar dos cristais. Avizinhou-se também. O poeta estava verdadeiramente vexado e oprimido. Amaral, indiferente aos reparos, continuava falando, bebendo, e gesticulando com transporte.

– É necessário viver – exclamava ele. – Visto que a vida é assim, atiremos à cara do infortúnio com a taça do fel, e morramos como o célebre lord no tonel da malvasia. O crime do primeiro homem gerou a desgraça do género humano: houve um outro que inventou o champanhe, e sofismou a sentença do Criador. Que dizes tu, bardo, que estás tão longe de ser *Byron!* Nem sequer o imitas bebendo! Mais um copo, uma saúde íntima, uma expansão da alma nova que se reconhece no corpo antigo... Sabes de quem se trata? Quero uma saudação sentida, entusiasta, comprehendes-me?

– Compreendo! – murmurou o poeta. E seja a última.

– Sabes que nome os meus lábios não ousam proferir neste festim?

– Sei... bebamos!... e depois... ou me segues, ou eu me retiro.

– Porquê?! Exijo uma resposta categórica!

– Ao ouvido.

– Sim! ao ouvido.

– Fazes, pela primeira vez na tua vida, uma figura lastimável.

– Quem ousa dizer tal? – bradou ele, lançando uma vista provocante a todas as pessoas, que voltaram o rosto.

O literato tirou-o com violência dali. Conduziu-o a uma varanda. O ar frio da noite não bastou a refrigerar-lhe os prelúdios da embriaguez. Era preciso sair do baile, antes que Amaral confirmasse as suspeitas do numeroso auditório que simuladamente o observara.

– Não vou por ora! – dizia ele. – Estou bem... Gosto desta obscuridade. Tenho no coração muitas imagens luminosas. Vou povoar estas trevas... Estou vendo Augusta, o anjo da minha mocidade, a pomba que me trouxe a boa nova, quando eu vagava levado de abismo em abismo neste mar de corrupção! Como era linda, chorando, naquela noite de suplício, em que eu, algoz sem alma, devia ter na frente o estigma satânico do amaldiçoado! Amaldiçoado, sim, que hei-de dar contas das lágrimas daquela mulher, se existe Deus! Vês-me chorando, amigo? Estas lágrimas dizem que eu nunca poderei esquecer-me dela, porque o espinho da expiação há-de recordar-ma sempre!

Guilherme ia maquinalmente levado pelo jornalista, que lhe dizia:

– Se queres pensar e falar em Augusta, vamos para casa. Esta gente poderia rir-se da tua dor, se a suspeitasse.

– Rir-se da minha dor!... Eu esmago debaixo do pé o infame que ousar rir-se! Se for mulher, pergunto-lhe quantas lágrimas lhe custou a sua desonra!

– Dizes bem: mas não sacrifiques Augusta vitupérios desta gente. Fazê-la esquecer é honrá-la.

O poeta não empregaria melhores recursos se falasse à razão de Amaral. Nunca assim o vira. Afigurava-se-lhe extremo aviltamento o do seu amigo, se, na sociedade, o discutissem, lamentando-o ébrio. A cada encontro que tiveram, desde a varanda até o pátio, o jornalista chamava a atenção do seu amigo, de modo que lhe não vissem o semblante. O rubor, o brilho meio embaciado dos olhos, o desalinho do penteado, denunciá-lo-iam.

Faltava um veículo. O poeta chamou uma cadeirinha, e Amaral entrou nela sem a ver, porque a iluminação do pátio lhe causara uma vertigem.

À porta da *Águia de Ouro* os condutores pararam, e Amaral bradava de dentro:

– Que diabo de *parelha* é essa, que não anda nada? Quero entrar de dia em Londres.

Os galegos pouco lisonjeados com o título, resmungaram algumas palavras que punham em grande dúvida o perfeito juízo do freguês. O poeta, apesar de tudo, ria-se da susceptibilidade melindrosa dos galegos.

Amaral saiu fazendo um *s*, que a *parelha* aproveitou para gloriar-se do acertado juízo que fizera. O pouco que disseram, porém, feriu o ouvido de Guilherme, que, na volta dum segundo *s*, imprimiu um valente murro na cabeça incauta dum cadeirinha. O jornalista transigiu com o ofendido, comutando a pena do agressor em multa pecuniária.

O episódio terminou aqui. A impertinência de contá-lo justifica-se com a minuciosa fidelidade de quem narra sucessos não inventados, e folga de escrevê-los como a recordação lhos sugere.

A essa hora Guilherme era procurado no baile pelos olhos inquietos de Eulália, e pelas indiscretas perguntas de Margarida.

O barão era assim informado por um dos comendadores:

«Esse homem esteve aí a dizer desconchavo bravio! Dizia palavrões, pelo modo, atacantes a vossa excelência, e olhava para nós assim como quem quer desafiar. Bebeu champanhe como uma esponja, e era impossível que lhe lá coubesse no bucho.»

O comendador dissera a verdade em estilo claro.

Margarida cismava nas confidências do literato. Os habituados ao seu génio galhofeiro notaram a extraordinária seriedade da sua posição numa cadeira, entre senhoras idosas, esquivando-se às mazurcas, e às finezas que teimavam em tirá-la do seu sério.

Eulália também parecia inquieta e melancólica. Procurava alguém com ansiedade, deixava sem resposta as perguntas frívolas, ia e vinha de sala para sala quase arrastando o cavalheiro vaidoso de conduzi-la, sentava-se fatigada e triste, erguia-se outra vez, buscava de novo e parecia não ver nunca o que buscava.

Alguém viera dizer à filha do visconde da Carvalhosa que a pupila do barão de Bouças estava sendo outra muito diversa daquela indolente que parecia sonâmbula nos bailes: notava-se-lhe geralmente uma agilidade de meneios, uma viveza de olhares sobressaltados, um não sei que revelador duma impressão estranha. Acrescentavam as informações que o facto de Guilherme do Amaral ter dançado e passeado com ela longo tempo, poderia, à falta de melhor causa, explicar a inquietação de Eulália. Margarida ouviu agitada a desconfiança do conselheiro ***, corroborada pela do homem pequeno, e, pouco depois, pediu ao primo seu ajudante de campo em estratégias de sala, que a conduzisse aonde estava Eulália.

A aproximação de Margarida fez erguer com má vontade o pequeno homem, que, desde muito, pairava sobre uma vacatura de cadeira ao pé da órfã. Margarida sentou-se, e tentou deste modo devassar os segredos da sua apenas conhecida.

– Apenas pude cumprimentá-la de passagem, Eulaliazinha. Tem gozado?

– Tenho gozado muito – disse a órfã, sinceramente agradável por dever a Margarida a deslocação do homem pequeno, o mais faccioso dos seus perseguidores.

– Disseram-me que estava triste!...

– Porquê?!

– O porquê não mo disseram, menina...

– Quem lho disse?

– Esses rapazes que mais parecem reparar nas suas acções...

– Quem são?!

– Pois a menina não os conhece?! Ainda agora saiu um daqui, e eu não sei se fui

importuna tirando-lhe a ocasião de dizerem coisas muito agradáveis...

– A mim?! Jesus me valha! Até lhe fico muito obrigada pelo favor de me tirar aquele cáustico dos ouvidos.

– Sim? então tive eu uma lembrança muito feliz; mas estou-lhe lendo nos olhos...

– O quê? ora diga...

– Se em lugar dele, estivesse outro... antes queria que eu não viesse.

– Outro!... Não sei quem... Para mim os que aqui estão são todos os mesmos...

– Os que aqui estão.... talvez! Mas já estiveram outros... ou outro... que não está agora.

– Não me recordo...

E para dizer isso é necessário corar, reservada? Que tem lá que seja assim? A menina; tem coração, e eu acho que o não quer para pregadeira de alfinetes. Se o ama, é porque ele é digno de ser amado...

– Mas eu não disse que amava alguém.

– O que se diz com a língua é só metade do que se diz com os olhos. Estas palavras disse-mas ele a mim uma vez, há muito tempo, e não me esqueceram.

– Ele quem?

– Ora! Quem há-de ser? Guilherme do Amaral.

Eulália baixou os olhos sobre os rendilhados em marfim do leque, e ficou no silêncio mais eloquente possível. Margarida prosseguiu:

– Dou-lhe os parabéns, Eulaliazinha, pela escolha que fez; sou sua amiga, e mais é a primeira vez que lho digo. E então? não quer a minha amizade?

– Estimo-a muito, muito.

– Pois se a estima, havemos de tratar-nos como se tratam as pessoas muito amigas, sim?

– Pois sim...

– Por *tu*? Entre meninas... é o tratamento mais próprio. Queres?

– Quero... e tenho muito prazer em merecer uma boa amiga como tu serás.

– Vamos passear ambas? Estes importunos parece que estão a estudar as nossas palavras no movimento dos beijos.

– Pois vamos.

E, passeando na sala menos concorrida, continuaram assim o diálogo, que eu, no uso dos meus direitos, repito, e o leitor no uso dos seus, pode não ler, se quiser.

– Que palavras – tornou Eulália – foram as que ele te disse?

– *O que se diz com a língua é só metade do que se diz com os olhos.*

– Disse-lho... *disse-to...* ia-me esquecendo... disse-to hoje?

– Hoje? não, menina. Ele hoje foi todo teu.

– Estás a brincar! Andou comigo um instante.

Pareceu-te um instante? Pois olha que foi mais duma hora!

– Ai que mentira! Dançámos uma quadrilha...

– Só? e depois não passeastes ambos?

– Passeámos enquanto se não dançava.

– Mentirosa! tu deixaste de dançar a sétima quadrilha, e a segunda mazurca.

– Sim?! pois não dei fé...

– Olha o que faz o amor! Depressa te fascinou...

– Fascinar-me!. Ora essa! Eu não estou fascinada. Simpatizar parece-me que não é amar.

– Tu ainda não amaste, Eulália?

– Pois tu não sabes a minha vida? Logo que meu pai veio de Luanda, há três anos, entrei num colégio de Lisboa para completar a minha educação. Tinha eu quinze anos.

Depois, quando meu pai veio para o Porto, e chamou minha tia para a sua companhia, vim eu para o Porto. Há ano e meio que meu pai morreu, e é esta a oitava vez que saio de casa. A minha casa não vai ninguém senão o meu tutor, e algumas vezes um amigo de Guilherme, que é da terra de meu pai, e ficou sendo muito amigo de minha tia.

– E foi esse o que te apresentou a Guilherme?

– Foi; mas já o meu tutor me tinha dito que mo queria apresentar.

– Mas não te disse com que fim?

– Nem acho que tenha outro fim senão dar-me o conhecimento dele.

– Quem sabe! Talvez te queira casar com ele...

Eulália fez-se purpurina, e fingiu uma visagem risonha, que não disfarçava nada a surpresa da emoção. Margarida, com os seus trinta e tantos anos, lia naquela alma como em letra de cartaz.

– Nada mais natural! – continuou a rival, sofrendo mal os ímpetos da zanga, e as grosserias próprias da sua índole inflexível. – Tu és rica, ele precisa de ser rico...

– Ora! não falemos nisso, menina! Também tu vens com a riqueza à baila! Não nos fica bem falarmos em riqueza.

Eulália sofreu um assalto de arrependimento por se ver tão longe do carácter da sua amiga. Fez quanto pôde por variar de assunto; mas a filha do visconde convertia todos os episódios da conversa a questão essencial.

– Dizes bem, Eulália, ainda estás nova para te casares; mas, na nossa idade (a diferença era de quinze anos) é dificultoso fazer obedecer o coração aos projectos da cabeça. Aconselho-te, como tua amiga verdadeira, que trates primeiro de indagar se Guilherme é digno da tua estima. Confia-te a uma pessoa de confiança...

– Se ele não fosse digno da minha estima, meu tutor quererá apresentar-mo?!

– Isso não sei. Isto de homens ocultam os defeitos uns dos outros...

– Então quais são os defeitos dele? Tu parece que os sabes...

– Não sei, e ainda que os soubesse...

– Não mos dizias? É o mesmo; a mim que me importa? Foi um homem que eu vi, e que... É verdade... Vê tu que namoro eu tenho!... foi-se embora primeiro do que todos os outros.

– Nisso reparei eu; mas quem sabe o que foi? Eu vi-o lá em cima na sala da ceia a falar tão alto, com um ar de escárnio...

– Também eu...

– E depois saiu com o amigo...

– Pois aí tens... estava aborrecido, e foi-se deitar... Deixá-lo ir...

Eulália proferira a última sílaba, quando Guilherme do Amaral e o poeta apareceram na sala, onde elas passeavam.

O leitor supunha que o fidalgo da Beira Alta estava na cama refrigerando os ardores do champanhe com o chá de Pequim, e panos de vinagre nas fontes. Não, senhores, Amaral, como ele teve a ingenuidade de confessar no hotel de Itália, desde que a perfídia da sua prima o deixara só com a sua vergonha, apelou para a embriaguez, visto que só ela podia dar-lhe,, algumas horas em cada dia, um mundo, uma consciência, um coração, tudo novo.

O hábito de embriagar-se fortaleceu-lhe o estômago, a ponto de, nos últimos esforços para uma vida fantástica, sentir apenas um abalo passageiro. Muitas vezes, sem erguer-se da mesa estrepitosa duma orgia, fizera duas digestões do líquido remanescente. Duas vezes, portanto, a espirituosa loquacidade o visitava, enquanto os seus companheiros do mundo ideal acabavam por descer à realidade triste de ressonarem debaixo da mesa.

Estes precedentes davam pouco ou nenhum receio à demora desses vinte cálices

de champanhe no tubo digestivo do Mitridates de conhaque.

Amaral deitara-se alguns minutos sobre o leito, fazendo abrir as janelas. O literato fora à cozinha solicitar uma chávena de chá. Quando, porém, voltou, Guilherme do Amaral, com um charuto ao canto da boca, recompunha o penteado para tornar ao baile.

– Tornar ao baile! – disse o poeta, não podendo suster o riso.

– Que dúvida! São três horas menos um quarto. Há mais de uma razão para que eu lá torne. Diz-me cá: eu fiz uma triste figura?

– Quase triste figura; mas creio que não se conheceu que tu...

– Estavas bêbado... acaba a frase! Eu não renego as minhas convicções, nem sou ingrato aos favores que devo ao vinho e a todos os seus derivados. É natural que eu dissesse tremendas verdades! não disse?

– Disseste muita coisa interessante, e fizeste outras.

– Que fiz eu? se bem me recordo, dei ali fora um murro num galego.

– Que não queria ser inscrito na distinção categórica de parelha...

– Lembro-me que dei um murro, porque me dói o pulso... mas que foi o que eu disse?

– Vi-te em perigo de perturbares a beatitude com que dois inofensivos comendadores assimilavam à substância própria um homérico pastelão de ostras....

– Mas não insultei mulher nenhuma?

– Não.

– Nem falei a alguma na linguagem inspirada do champanhe?

– Não. Falaste com umas visões das quais povoaste a escuridão do jardim.

– Que diabo disse eu?

– Eu sei cá! Fizeste um monólogo de drama à Victor Hugo.

– Então asseveras-me que posso entrar no baile com a certeza de que me não encaram como um homem honesto que digere facilmente o seu vinho?... Vamos lá; o passeio a pé deve ser-me útil.

Para que não fique explicação alguma no tinteiro, está dada a conta exacta de palavras, sílabas, e vírgulas, que precederam a entrada dos dois amigos no baile, às três horas e um quarto.

XIII

– Não sei o que vim aqui fazer! – dizia Guilherme do Amaral, sinceramente aborrecido, ao seu amigo. – Esta gatinha de gravata está-me provocando a zanga com uns olhares estúpidos... Estou capaz de perguntar-lhes o que me querem!

– Teria muita graça; mas eu creio que tu não quererás fazer de histrião colérico. Deixa-os olhar. Se queres que eles te olhem com mais acrimónia, vai tu procurar Eulália, e finge com ela uma conversação bem misteriosa.

– Ora, pelo amor de Deus! eu não a tolero. É muito ignorante ou muito acanhada... Para lhe arrancar doze palavras juntas, foi-me preciso falar-lhe em colégios. Contou-me os seus brinquedos com as suas amigas, e disse-me que tinha grande raiva ao mestre de francês! Realmente, uma mulher assim é uma excelente mostarda para um homem do meu paladar!

Quem sabe se esse acanhamento é uma prova de a teres impressionado fortemente!

– E que me importa a mim tê-la impressionado? Eu rejeito um triunfo que não solicitei.

– Que lhe disseste?

– O que se diz a uma mulher, num baile, quando se não sabem dizer frioleiras. Falei-lhe nas formosas visões da mocidade, nos belos festões de flores que escondem abismos à entrada da vida, na dificuldade em que se acha a inocência de escolher um destino feliz para os anos de prosa, no falso brilho das homenagens que lhe tributam muitos vassalos, não dela, mas da avidez torpe do dinheiro. Nota, porém, meu caro poeta, que eu não terminei o meu aranzel por lhe dizer que as minhas homenagens eram mais sinceras que as dos outros. Pelo contrário, aconselhei-lhe a prevenção contra os homens de trinta anos, se eles entraram na vida aos quinze. Ouvia-me com respeitoso silêncio; e eu, já farto de ser pedagogo de uma menina de colégio que parecia não entender-me, conduzi-a à primeira cadeira que um próspero acaso me deparou, e fui passear no jardim para coordenar nas trevas os traços da única mulher que pode dar-me a vida da imaginação... Eu não posso esquecer Augusta.

– Esqueces, esqueces. O tempo é uma panaceia universal para todas as chagas do coração e da vaidade. Ora tu, meu caro, tens uma excelente carnadura, uma natureza forte que resiste à destruição. Dum. momento para o outro estarás esquecido sem atinar com a causa do esquecimento... Há aqui duas mulheres que te disputam e uma dúzia de homens a disputar-te essas mulheres. A Margarida Carvalhosa não te perde de vista. A Eulália desarticula o pescoço procurando-te por entre os grupos. Querem recrear-te, e tu és ingrato ao Mefistófeles amigo que te quer dar o senhorio de duas situações invejadas! Deves ser, aos teus próprios olhos, um homem bem superior! Se indagares a biografia de cada satélite dessas duas mulheres, verás que são rapazes duma vida exemplar, excelentes cidadãos que nunca prejudicaram a mulher do seu próximo, que nunca ultrapassaram em casa do seu amigo os limites duma honesta familiaridade, que consomem o fogo da sua mocidade no altar da Vénus fácil, ou nos amores inofensivos de alguma colareja teúda e manteúda. Qual tem sido a tua vida, confrontada com a deles? O uso de todos os meios de libertinagem, e o abuso de todas as liberdades da confiança. Antes de conheceres Augusta, em menos de um ano aterraste a moral pública, e ensinaste a muitas mulheres o direito da revolta contra os preceitos da fidelidade conjugal. Raras pessoas da tua roda ignoram o que foste, e poucos serão os homens deste baile que, esta noite, não tenham comemorado algumas das tuas façanhas. Vê tu o que são as coisas! Vão lá dizer a qualquer dessas duas mulheres, que homem és

tu, e que homens são aqueles! Os crimes a ti dão-te um ar de distinção, de majestade deslumbrante. As virtudes àqueles confundem-nos na trouxa das vulgaridades, sem relevo, sem grandeza, sem direito algum à consideração das mulheres únicas capazes de avaliarem o merecimento real dum homem. Já vês que há um demónio propício a proteger-te. A protecção de Lúcifer aos homens distintos não é coisa nova. S. Gil de Santarém, o Fausto, e o estudante de Le-Sage, foram os paladinos de excelentes mulheres, e devem à diplomacia satânica os grandes triunfos que alcançaram...

– Estás imensamente falador!...– interrompeu Guilherme. – Terás dito belas coisas; mas eu estava abstraído... Diz-me cá... Eu seria capaz de tirar do coração de Eulália a faísca de inteligência que acendi no coração de Augusta?

– Que milagres não farás tu com a protecção do teu demónio onipotente!? Eu acho que tu és capaz de ferir o lume da inteligência no coração-pederneira de Margarida Carvalhosa...

– Não me fales dessa mulher... é-me impossível fixá-la sem desprezo. Por vingança talvez que os meus brios me levassem a seduzi-la, para ultrajá-la. Teve a audácia de me encarar hoje com um olhar de soberania torva, que me fez rir. Ali não há inocência, nem dignidade, nem modéstia na estupidez, nem humildade dum nascimento obscuro. Eulália é uma mulher que começa hoje, um mármore bruto à espera do artista, um coração por fazer...

– E, se me deixas descobrir-lhe uma outra qualidade que, pela sua insignificância foge à tua análise...

– Qual?

– Cento e cinquenta contos de inscrições em vários bancos de crédito muito sólidos...

– Qual de nós será o mais corrompido? –interrompeu Amaral com ênfase dramático.

– O mais corrompido... sou eu! – disse o poeta, abaixando a cabeça com humildade cómica.

Chegara o barão de Bouças, abraçando Guilherme com brutal ternura.

– Onde se sumiu o senhor?

– Saí a tomar ar, senhor barão. O seu champanhe é um gasómetro, e pela sua excelência compromete os juízos mais prudentes. Nada de hipocrisias, visto que eu não armo à popularidade. O seu vinho deu-me uma alma que não cabia nos seus vastos salões. Fui dar-lhe horizonte largo e voltei quando me vi outra vez reduzido à estreita área da vida positiva. Ora, se algum dos seus hóspedes lhe disser que me viu extasiado diante da sua frasqueira, pode vossa excelência dizer-lhe, que eu quis deixar-lhe livres os êxtases diante das mulheres milionárias que eu descubro entre os ricos móveis destas salas.

– Sempre espirituoso e sarcástico!... – redarguiu o barão, sacudindo-o com segundo abraço.

– Ora diga-me, que lhe pareceu a minha pupila?

– Uma inocente educanda.

– Com bastantes aspirantes ao magistério para lhe completarem a educação... – atalhou o barão.

– Isso é natural – tornou, com desconfiança, Guilherme – creia porém vossa excelência, que eu se lhe mostrei ares de mestre, reduzia uma lição todas as minhas ambições de magistério. Digne-se aspar o meu nome de entre os aspirantes.

– Vossa excelência parece formalizado... –Parece que traduziu das minhas palavras uma intenção epigramática...

–Não, senhor... É uma susceptibilidade que me faz grosseiro na frase, mas as

intenções são as mais delicadas. Se algum azedume transpira das minhas palavras, creia vossa excelência, é o tédio que me fazem esses miseráveis exploradores dum dote. Apenas encontro casualmente os olhos da sua rica pupila, somos, eu e ela, motivo de curiosidade. Quem disputa a estes parvos o seu direito de conquista? Eu sou o primeiro a não querer porfias com a estupidez; vexo-me da emulação, sinto-me injuriado nos meus brios quando um desses homens me julga verme de mais para me opor à sua saída do charco onde a natureza o criou...

– O senhor Amaral está em guerra com o género humano!... – atalhou o barão.

– Mas em muita santa paz com vossa excelência...

– Se assim vai, receio-lhe muitos sucessos desagradáveis. O mundo não se reforma, e vossa; excelência seria um continuado ludíbrio do mundo, quando pensa que o domina da altura doa seus sarcasmos. Viva como é costume viver-se... Vá dar um passeio com a minha órfã, que está triste, e já me disse três vezes que queria retirar-se.

– É uma honra obedecer-lhe, senhor barão.

Deixemos Eulália e Guilherme. Os espiões observaram que ela mudou de cor, aceitando o braço do nosso brioso amigo. E quem mais depressa descobriu essa cambiante de luz foi D. Margarida. Deparou-se-lhe felizmente o literato a jeito de acenar-lhe.

– Vão-se realizando as suas suspeitas... – disse ela.

– Quais, minha senhora?

– O namoro da brasileira com o seu amigo.

– Simples prelúdios, enquanto a mim, senhora D. Margarida.

– E é assim que o senhor Amaral costuma fazer quando quer capacitar que ama uma outra pessoa.

– Não compreendi... Se tem a bondade de repetir...

– Eu é que não compreendo o senhor... Que me disse esta noite?

– Várias coisas, minha senhora. Entre outras, creio ter-lhe dito que vossa excelência não podia ser indiferente ao meu amigo.

– Disse muito mais... Tem razão de esquecer-se. Quando se mente, esquece-se depressa a mentira.

D. Margarida, com uma perna lançada sobre a outra, batia freneticamente o calcanhar, e agitava o leque, abrindo-o e fechando-o com vertiginoso «coquetismo», se pode dizer-se «coquetismo» a expressão de raiva que sua mãe, antiga tecedeira, manifestaria pondo as mãos na cintura, e afastando a perna em atitude atlética.

O poeta, disfarçando a impressão grosseira das palavras e dos gestos, replicou, zombando delicadamente, dando-se um ar de gravidade na gargalhada:

– Então vossa excelência quer fazer-me responsável pelo coração de Guilherme do Amaral? Impõe-me a obrigação de lhe dizer que se renda aos seus atractivos? Quer que eu o vá buscar por uma orelha e lhe dobre os joelhos a seus pés?

– Tenha a bondade de não me desfrutar... O senhor é... muito grosseiro!

Neste conflito, Guilherme do Amaral com Eulália pelo braço, quase compelindo-a a segui-lo, parou diante de Margarida, e curvou um pouco a cabeça. No franzido da testa e no olhar penetrante o poeta presentiu uma cena desagradável.

– Senhora D. Margarida... – disse Guilherme.

A filha do visconde parece que também presentira como o poeta. Ergueu vagarosamente os olhos para Guilherme.

– Senhora D. Margarida – tornou ele em mavioso som – eu venho confessar-me do meu principal defeito diante desta senhora, que me não conhece, e diante de vossa excelência que me há-de absolver, para que eu possa achar graça no coração duma outra. O meu principal defeito foi desprezá-la, minha senhora. O que vossa excelência

chama defeito é a «nica virtude que eu posso recordar na minha vida...

E voltando-se para Eulália:

– Agora estou confessado. O silêncio da senhora D. Margarida é a minha absolvição. Absolvido, a minha consciência fica tranquila. Continuemos o nosso passeio.

Eulália estava lívida. Margarida cor de açafraão. O poeta... não mudou de cor; mas pediu mentalmente ao Senhor que o livrasse de gente mais doida do que ele, e particularmente dos doidos com muitos brios.

D. Margarida, apenas desoprimida da presença de Amaral, procurou o pai, disse em raivosos trejeitos que se retirava, e, com efeito, o pobre visconde, obrigado a descer tão ligeiro como ela as escadas, foi à bolina, regougando uma pergunta a que a filha não respondeu.

D. Eulália, e sua tia, veneranda senhora que tinha dormido sempre, saíram pouco depois. Amaral e o literato, invadidos pelo último e Invencível ataque de tédio, deram-se o braço, e, em lugar de entrarem na sege, atravessaram a pé algumas ruas até pararem no *Passeio das Virtudes*.

Rompia a manhã, se não formosa dos sussurros matinais do estio, radiava serena, clara, prenúncio dum belo dia de primavera.

Defronte das *Virtudes*, além-Douro, no dorso da serra, alvoreciam com os primeiros fulgores as casas do Candal. O rolo da névoa pousada no rio subia em nuvenzinhas dispersas, espalhava-se ao sopé da aldeia, erguia-se sobre os telhados um momento; e descondensava-se aqui e ali em flocos que pareciam levados pelo bafejo da viração crepuscular.

Amaral fitava além os olhos, e o poeta, compenetrado da mesma sensação do seu amigo, seguia-o, voando talvez mais alto, para descer sobre a mesma pousada. Augusta estava nesse fantástico horizonte que ambos viam. Qual dos dois, porém, seria então o mais poeta? Eu de mim, certo de que no coração mais celerado desponta sempre uma flor, não duvido crer que naquele olhar imóvel de Guilherme havia a expressão duma grande saudade. Ora a saudade o que é senão a mais dolorosa poesia? E, além disso, se os instantes bons do homem, habitualmente mau, devem reunir em si toda a sensibilidade generosa que nega, passados esses instantes lúcidos, porque não havemos crer na insondável amargura de Guilherme?

Eu creio.

– Eis aqui o que é sofrer... – disse ele.

Houve um longo silêncio: o poeta ouvira-o, acreditara-o, e respeitara-o.

– A bravura, do cinismo – tornou ele – e uma fatuidade de miseráveis criminosos. A consciência é um juiz terrível.

– E o remorso a virtude dos maus... – atalhou o poeta. – É remorso o que sentes?

– Pior que o remorso. A minha contrição seria inútil. O que eu sinto é o terrível *nunca mais!* Nunca mais acordarei com uma esperança carinhosa no coração! Nunca mais farei renascer a alegria que me extravasava do peito... além! –E apontava para o Candal.

– O que sentes é uma saudade da mulher ou do tempo?

– Saudade do tempo em que amava aquela mulher... Se eu recuasse seis anos na minha existência, perdida Augusta, acharia outra. Hoje há na minha alma um quietismo horrível... um letargo... uma aflição semelhante à do homem vivo, que sai dum desmaio, e se vê num esquife com as mãos atadas.

– Virá alguém restituir-te à liberdade, Guilherme. Sofre saudades do passado, mas espera, e vir-te-á a reabilitação. A sociedade é um banquete com uma iguaria para cada paladar. Ninguém morre de fome, nem de fastio. O teu absinto existe: onde? É o que

nós não sabemos. Quando tocares a extrema do aborrecimento, do desconsolo e da soledade, acharás uma mulher que procuras maquinalmente, e será essa a tua companheira dos três dias que terás de viver. A desesperação é a mãe das resoluções arrojadas. Talvez que a tua felicidade esteja num desatino. O infortúnio tem uma demarcação. Quando lá se chega, ou se morre, ou sentem-se quebrar as pontas dos espinhos. Se se vive, deve-se então tentar a fortuna sob qualquer aspecto. Mais infeliz não se pode ser, e nada se aventura contra a desgraça.

– E dai? Fazes máximas, não é verdade?

– Não pretendo que sejam máximas; mas alguma coisa diria grave e aproveitável.

– Prometes-me a felicidade no casamento...

– E porque não hei-de prometer? Eu tenho imensa confiança nas mulheres que conheço, e nas que não conheço. Seria ultrajar ridiculamente os milhares delas, que povoam o globo, imaginando que não há aí uma, cem, mil, que te satisfaçam as ambições do coração...

– Qual coração?

– O coração novo que se sente nascer de improviso, ao simples *faça-se* do olhar divino duma.

– Ora adeus! Isso é uma zombaria! Deves supor bem vulgar Augusta...

– Quem é que falou aqui em Augusta? Isso parece-me um disparate sem graça!

– Pois que quer dizer a esperança que me dás de encontrar outra...

– Que leves acolá para o Candal e renunciés ao primeiro amador de mulheres rejeitadas... Meu amigo, o teu sentimento cheira-me a capricho de poesia sobreposse...

– Parece um escárnio esse tom galhofeiro...

– Franqueza, meu amigo! Eu estou aborrecido desta missão de pedagogo, que faria rir uma terceira pessoa. Tenho-te dito, como quem fala a um homem de honra, que é necessário esquecer Augusta. Conheço todas as incoerências do coração humano; mas não posso, ainda assim, capacitar-me de que te domina uma paixão invencível, depois de seis anos de esquecimento. Se é preciso dizer-te que a baronesa de Amares recusara, primeiro com a brandura, depois com as lágrimas, e por fim com o desprezo, as tuas ofensivas solicitações, dir-to-ei com lisura.

– É temeridade afirmar tanto...

– Não é temeridade, é crença na virtude, é confiança na mulher que saiu dalém, e eu vi ali em baixo naquele beco; é tudo, menos os seus contos de réis, o seu prestígio, a sua reputação, e o seu desejo de sustentá-la. Se a baronesa de Amares fosse a Augusta costureira, e estivesse ali em baixo a fazer suspensórios, não seria menos difícil às tuas diligências. Já vês que não é a posição que a defende.

– Veremos... – murmurou Guilherme do Amaral, ferido no orgulho.

– Que quer dizer *veremos?!*

– E que quer dizer essa interrogação enfática? Se te não cresse um homem de bastante talento teórico e muito boa fé na prática, julgava-te um amante mal disfarçado da baronesa.

– E a mim resta-me a desforra de te julgar um infame.

– Ora vamos... Não nos irriteemos. Bem vês que me estou a rir e eu vejo-te em apuros de paciência, que podem levar-te à farsa de me propores um duelo...

– Oh! não meu caro! Podemos-nos afrontar rijamente, que nos não bateremos. Estamos ambos suficientemente relaxados para nos não ressentirmos de ultrajes sem testemunhas. A honra dos duelos é o público que a dá, não é a consciência. Fechemos o diálogo, visto que a matéria é desagradável, e eu tenho frio. Vamos tomar chocolate, não achas?

– É uma feliz lembrança... Mas abra-se outra secção de palestra... Que efeito –

dizia Guilherme, de caminho para a *Águia de Ouro* – que efeito fariam as minhas *amabilidades* em Margarida?

– Um efeito consolador... O que vai seguir-se posso eu profetizar-to, conquanto o meu forte sejam as teorias. Dentro de três dias, Eulália tem uma carta anónima em que o teu passado, o presente e o futuro vai ser historiado em estilo de regateira. D. Margarida pertence a uma escola de mulheres sem dignidade, sem pundonor, que, no momento em que se julgam desvalidas da graça dum amante de farrapos, condecoram-no com todas as ignomínias e apresentam-no assim à rival, como se tal homem, com tantas infâmias, não devesse pertencer senão a elas...

– E uma carta dessas que efeito fará em Eulália?

– Conscienciosamente te digo que nenhum. Ainda não vi vingar uma só carta anónima.

«Vem a propósito contar-te uma passagem acontecida comigo, durante as tuas viagens.

«Apareceu aqui uma mulher de província, numa posição melindrosa, ligada sacramentalmente a um homem, que reputava o sacramento um duplo direito de desprezar a mulher que ele chamava sua. A ela, porém, faltava-lhe a consciência de escrava; e, por isso, enérgica, formosa e oprimida, declarou-se em revolução permanente. Relacionei-me com esta família, entrei nas confidências amigas de Ermelinda, depois achei fácil a entrada no coração, e confessarei, se os teus ouvidos pudibundos mo consentirem, que desejei entregar ao marido a direcção do meu jornal, a propriedade de todas as minhas obras, a dos cinquenta volumes que tenciono escrever, contanto que ele me transferisse o direito e acção sobre a bela mulher que o estúpido capricho da fortuna lhe dera. Isto não é muito moral, mas é verdade.

«Neste delicioso sonhar de venturas impossíveis, caiu um raio em casa de Ermelinda. O raio era uma carta anónima de uma criatura angélica extremamente empenhada em me dirigir no caminho da virtude e da lealdade.

«Visitei Ermelinda nessa ocasião. Seu marido recebeu-me com a costumada indiferença e deixou-me tranquilamente sentado ao fogão, ao pé de sua mulher, mais amável e risonha, que de ordinário, nesse dia. Depois de uma risada inconexa sem motivo nem aplicação, disse-me ela, que ia mostrar-me uma carta, se eu promettesse lê-la com ânimo frio. Conheci que se tratava de uma carta anónima. Mudei de cor, senti não sei que tremor no coração, e balbuciei instintivamente duas palavras, apertando a mão de Ermelinda: «não creias!»

«Riu-se ainda mais, reanimou-me, deu-me a carta, e eu li os seguintes entre outros artigos do libelo:

«Fulano namorou D. Fulgência e recebeu desta mulher três mil cruzados.

«Namorou D. Polidora e recebeu desta mulher quatro mil cruzados.

«Namorou D. Atanásia e recebeu seis mil cruzados.

«Namorou finalmente uma virtuosa senhora (*que era a redactora da carta*) e recebeu desta senhora virtuosa oito mil cruzados».

«Imagina de quantas cores se me fez a cara, até à soma total de oito contos e quatrocentos mil réis!

– E tu que disseste?

– Que disse? Deixei cair a carta da mão trémula e perguntei a mim mesmo se as vergoadas dum chicote na cara duma mulher não seriam às vezes um grande merecimento perante Deus e a sociedade! Eis aqui uma ideia bem grosseira e vilã que eu nunca ousaria escrever...

«Ermelinda ria-se, ria-se, e, vendo a impressão dolorosa que a sua intempestiva hilaridade não desvanecia, assumiu um tom meio sério, lançou-me o braço sobre o

pescoço, e disse o seguinte: «Meu amigo, esta carta é o mais evidente testemunho, que eu podia receber do teu merecimento. Tu és um homem a quem as mulheres dão três, quatro, seis, oito mil cruzados. Há muitos homens que dão menos, e dão mais, a mulheres célebres de uma triste distinção... Isso não espanta. Porém... maravilha é um homem posto assim a preço! Grande deve ser o teu valor! Eu, sabendo isto de ti, e não te conhecendo... perdoaria à mulher curiosa que ambicionasse doze mil cruzados para cobrir o lanço das outras!»

«E soltou a vigésima gargalhada.

«Aqui tens o efeito duma carta anónima.

– Mas o marido é natural que levasse nesse dia a chave das gavetas.

– Não; o marido não acreditava que eu valesse tanto. Quando saiu, pediu-me que conduzisse sua mulher ao teatro, fez-me sentar no segundo lugar do seu camarote e disse-me ao ouvido, que o meu nome devia figurar entre os preços correntes das acções das companhias. O homem tinha a mais bem organizada das cabeças. Sem punhal nem pistola, fez-me entrar na consciência dos meus deveres... Tornemos ao principio... D. Margarida tem uma criada, prima de um furriel; este furriel, primo da criada, é cunhado da minha engomadeira, que é irmã da mulher do furriel, primo da criada, etc.

– A que diabo vem isso?

– Vem a propósito de me ter dito a minha engomadeira, que seu cunhado, primo da criada de Margarida, era muitas vezes encarregado de copiar rascunhos que sua prima lhe dava. A minha engomadeira, a meu pedido, obteve da irmã um desses rascunhos. Conheci a letra de D. Margarida. Eu podia muito bem dispensar-me desta espionagem na vida do próximo; mas o romancista, o dramaturgo, e as mulheres ociosas são as classes privilegiadas, às quais é permitido espreitar o que se passa nas casas alheias. O romancista, se desconhece os escândalos das famílias, escreve vulgaridades sem pico nem interesse. O dramaturgo enche a cena de monstros. A mulher ociosa morre de inanição, de esterilidade, de desespero. Ora aí está porque eu subornei a minha engomadeira, e entrei no segredo de muitas malquerenças em que esta mulher trazia intrigadas algumas famílias. Namoro dela, sem saber-se a causa, via-se mal recebido nas casas que até então o receberam com agrado. Os maridos acautelavam-se, os pais chamavam as filhas a interrogatórios solenes, as rivais sabiam todas ao mesmo tempo, que D. Margarida era a recente paixão do pobre homem que apenas a cortejava. Posso no meu álbum de *apontamentos para romances* boa cópia destas cartas, copiadas por mim. De hoje até amanhã é natural que o furriel seja chamado para trasladar em boa letra o teu elogio.

– Sim? previne a engomadeira.

– Não que tu fazes alguma cena de brios, como a do baile. És capaz de comprometer a criada, e o furriel, e a mulher do furriel, e a engomadeira, e o meu arquivo de documentos para a história de D. Margarida, que espero escrever em 1910.

– Não comprometo. Vejo, e calo-me. Que me importa a mim a intriga? Eu não espero glória duma nem doutra. E, se eu tirar alguma desforra, será de modo que seja impossível suspeitar-se como entrei no segredo.

Entraram os nossos amigos no café da Águia, saborearam o chocolate, cabecearam com sono, deitaram-se de sapato de verniz e casaca preta, com toda a decência, e adormeceram.

O leitor já adormecido, como piamente creio, não alcançou esta importante notícia.

XIV

Guilherme do Amaral, às três horas da tarde sacudiu dos olhos o sono pertinaz, sentou-se na cama, resolvido a despir a casaca, espreguiçou-se bocejou três vezes, deixou-se outra vez cair para o travesseiro, e decerto reatava o fio partido da mais deliciosa situação da vida, se o literato não entra, disposto a pedir-lhe um voto de confiança para o jantar.

Amaral abriu um olho, fechou-o para abrir o outro, rosnou uma saudação pouco amável, voltou-se para a parede, e cobriu a cabeça com as abas da casaca. O literato, porém, dando à perna esquerda do seu amigo a elasticidade possível, conseguiu habilitá-lo para discutir seriamente o assunto solene do jantar.

– Pois, sim, jantemos – disse Amaral – e saberás que não sei quando tornarei a jantar contigo.

– Porquê?!

– Vou-me embora amanhã.

– Para onde?

– Para a minha aldeia. Preciso dormir dois meses, e está provado que não se pode dormir no Porto... Há sete anos e meio que sai de minha casa... Nem já sei se tenho casa... Vou ver se lá consigo renovar-me com o ar e as impressões da minha mocidade. Vou descansar. É preciso não esquecer que hei-de ir ali acabar os meus dias. Lá acabaram não sei quantas gerações de grandes homens, que lá nasceram e lá viveram... Grandes homens, sim, que não causaram um desgosto aos outros, vegetaram obscuros, e morreram sem que os herdeiros e os amigos dos herdeiros lhes dessem a virtude póstuma, com que se nobilitam os velhacos.

Com que sim... vais tu a casa...

– É mais correcto dizer *para* casa. Que faço eu aqui? Luto com o tédio e sucumbo. Tenho pensado na distracção... até no crime, se lá posso achá-la... Nem para o crime sinto energia. Preciso que me firam o amor-próprio: somente mordido na vaidade, é que eu sinto irritarem-se os brios do coração; mas estas mulheres não sabem ou não podem galvanizar-me... Deixo-as aos dignos parlapatões que as compreendem, que nasceram para elas como molusco para a pedra. Tudo, Eulálias, e Margaridas! Uma estupidamente inocente, a outra... estupidamente má! No meu estado, há uma só mulher que possa impressionar-me: será a que tiver uma grande inteligência para entender que os meus crimes têm sido menos ofensivos à sociedade, que as virtudes de muitos hipócritas; e não basta que tenha uma grande inteligência: é preciso que tenha um grande coração para me receber com todos os meus defeitos, e purificar-me lá. Onde está a mulher assim?

– Por ventura, sabes tu se Eulália...

– Eulália!... forte cisma! Eulália tem dezasseis ou dezoito anos. Que queres tu que eu diga a uma criança, que recorda todos os dias as inocentes anedotas do colégio?

– O que disseste a Augusta.

– Não conheces o coração. Eu dormi sobre o meu plano de ontem... Eulália posto que inocente, aos dezoito anos, tem os embriões de todos os defeitos à espera do primeiro bafejo de homem que lhos desenvolva. Precisa ser adulada, porque é rica; há-de ser adulada, porque ao pé da mulher rica o mais vil pretendente julga-se sempre vencido pela vileza dum rival. Eulália sabe quanto vale em libras, e repelirá com arrogância o audacioso que lhe quiser reformar o génio.

«A costureira, meu amigo, era uma inocente, que a sociedade não conhecia; vivia para ali, protegida por Deus ou pelo acaso, ignorada e ignorante. Ninguém lhe tinha

mostrado a decoração esplêndida do teatro onde a mulher figura, onde recebe coroas e pateadas, onde começa rainha, rodeada de palacianos, e acaba, vexada de desprezos, entre as comparsas. Augusta saía assim das mãos de Deus... entraria no céu, se morresse com sua mãe. Eu vi que todas as minhas palavras lhe entravam no coração. Falava-lhe com soberania de pai extremoso; na humildade com que ela me fitava os olhos, via-se o amor e o respeito: havia ali obediência sem baixeza; uma efusão de amante e de filha; uma vontade de igualar-se a mim confessando que me devia a elevação... Se nascesse rica, seria hoje a baronesa de Amares; mas, a estas horas, não teria um perverso da minha força que lhe chamasse anjo... Basta... Não confrontemos... Segue-se, que não há nada a esperar...

– Nada a esperar de quem?

– De todas.

– Deixas morrer as esperanças de Eulália? Dás a Margarida o prazer de triunfar com as cartas anónimas?

– Nem me importa saber se as escreve... Pois eu não hei-de ser superior a ambas?! Meu amigo, eu estou morto... morto! Não quero nada... não quero saber se posso quebrar a pedra do meu túmulo. Suicidar... não me suicido. Pode ser que um dia me visite a ideia da religião... Quero esperar tudo o que possa vir sem que eu dê um passo... Entretanto...

– Entretanto... – disse o poeta, desafiando a expressão que o silêncio do interlocutor lhe afigurava importante.

– Entretanto?... vamos jantar!

– Fechaste o discurso com chave de ouro!

tornou o literato, disfarçando o desgosto com que ouvira a última resolução do seu amigo.

– Não me disseste – dizia Amaral, depois que as respeitáveis funções da deglutição lhe reanimavam um novo género de loquela – não? me disseste que Eulália era filha dum teu patrício, que fora carvoeiro? Conta lá isso; mas não, deixes arrefecer essa mão de vitela que está excelente...

– Justamente, foi carvoeiro... fazia carvão: queres saber como ele fazia carvão?

– Que me importa a mim como o homem fazia carvão?! quero saber como ele arranjou cento e cinquenta contos.

– Eu sei cá! arranjou trezentos contos, que é um pouco melhor. Quem é que pergunta hoje como se arranja o dinheiro? A questão é tê-lo; e está provado que Eulália tem cento e cinquenta contos... O que eu posso dizer-te é o que este homem foi antes de ser comendador da ordem de Cristo, fidalgo da casa real... e não sei que mais. Passa-me para cá essa mostarda inglesa... Pois, meu amigo, aí vai a história.

«João da tia Brígida Soqueira tinha um burrinho e duas sacas e um enxadão. Com o enxadão desenterrava as raízes, ajuntava-as numa cova, queimava-as e fazia o carvão, que metia nas sacas, carregava o burrinho, e ia o nosso amigo vender o seu carvão a uma vila próxima. Uma vez juntou-se na tal vila com outro carvoeiro. No caminho entraram numa taverna a jogar o seu quartilho à bisca lambida. João da Brígida. Soqueira desconfiou que o parceiro lhe empalmara uma bisca, e fez disso questão, não querendo pagar o quartilho da aposta. Palavra daqui, palavra dali, injúria pede injúria, vieram por fim ao acordo de se socarem o melhor que puderam. Contava meu pai que chegando aí nesse conflito, vindo da caça, dera em cada um sua cronhada ordeira, e conseguira deixá-los a lavar os respectivos narizes suficientemente achatados pelos recíprocos sopapos. Não parou aqui a desordem. *Jacta est alea*... Mais acima tornam a pegar à unha. João da Brígida saca duma navalha, fura a barriga do companheiro, e mata-o. Tira-se uma devassa, o carvoeiro é preso, confessa o crime, é condenado à

morte, e na Relação do Porto, comutam-lhe a pena em degredo perpétuo para Angola. João vai cumprir sentença, e, trinta anos depois, não sei porque serviços prestados no presídio de Luanda, consegue do governo perdão da sentença, e volta a Portugal com trezentos contos. Metade repartiu-a pelos parentes: a outra testou-a à filha, que pudera ter encabeçado num dos mais ilustres troncos da monarquia portuguesa, se a morte lhe não atalhasse o projecto. Depois desta história, contada sem mofa, nem desconsideração ao antigo carvoeiro, devo acrescentar que o comendador João Rodrigues da Silva, sabendo que eu era neto dum capitão da bicha, de quem ele fora moço de bagagem na guerra peninsular, fez-me muita festa, levou-me a sua casa, deu-me um espanador de penas, e consentiu-me que desse o braço a sua filha. Mostrou-me algumas cartas que lha pediam, e cedeu-me um autógrafo curioso duma que lhe oferece a ele a coroa de conde, e a sua filha a de marquesa, tudo por cem contos. Hoje que a mulher vale mais cinquenta, será utopia profetizar uma coroa ducal na sua bela testa? Pergunta ao barão de Bouças quantos representantes de famílias históricas atiram os pergaminhos de seus vigésimos avós aos pés da filha do carvoeiro!

«Se tivesses juízo – prosseguiu o narrador – meu homem, picavas as vieiras e os castelos da tua pedra de armas, e mandavas lá abrir um quinze com sete cifras, quantia dalgum mérito, por ser uma conta redonda.

– Tu és tolo... – atalhou Amaral. – Depois dessa história, a filha do carvoeiro pode ser uma boa criatura; mas a filha dum assassino, que não deixou bem clara a agência que lhe deu trezentos contos, é para mim um ente repulsivo...

– Apre! que puritanismo!

– Não é puritanismo... são os brios que se bebem no leite, e ficam ilesos no coração, perdidos todos os outros sentimentos grandes.

XV

Na madrugada do dia seguinte Guilherme do Amaral saiu do Porto, deixando ao jornalista o cuidado de anunciá-lo saído por motivos tão pressurosos, que não pôde, como devia, despedir-se dos seus numerosos amigos.

No correio desse dia o literato recebeu da baronesa de Amares a primeira carta, desde que saíra de Lisboa. Era a resposta de quatro que ele, pasmado do seu silêncio, lhe escrevera, a ocultas do seu amigo.

O conteúdo era enigmático:

«Cuidei, meu amigo, que tinha em si um irmão... Porque não tem sido severo para todos, quanto o foi para mim?! Já que ninguém me defende, pedirei a Deus que me não deixe fraquear nesta luta... Adeus... Se se arrepender, faça-me o bem que puder.»

O poeta ficou assombrado! Nenhuma conjectura lhe dava a chave deste segredo. A distância, o impossível esclarecimento do mistério no momento da surpresa atribulava-o. Se Amaral estivesse no Porto, seria ele o primeiro interrogado, o primeiro suspeito em tão injusta acusação. Principiou e rasgou algumas cartas. A lembrança de esperar oito dias uma resposta, perturbava-lhe as ideias; outra mais penosa ainda – a de uma resposta equivocada – produzia nele o frenesi da cólera. Num desses ímpetos lançou mão dum jornal, e viu anunciada a saída dum vapor, na tarde desse dia. «Amanhã estou com ela!» exclamou ele, posto que não era seu costume falar só. Em pouco tempo aprestou-se com a celeridade que lhe dava a ânsia, e às três horas do dia seguinte o literato anunciava-se no palacete do barão de Amares.

A senhora baronesa não saía do seu quarto, nem recebia visitas desde muito, disse o escudeiro; o literato enviou-lhe um bilhete e a sua admissão foi imediata. Se o pudésseis espreitar, quando entrou no quarto, julgá-lo-íeis um doido! Nem uma palavra de cortesia à baronesa, que lhe estendia a mão trémula!

– Recebi ontem às duas horas da tarde – tartamudeou ele – uma carta de vossa excelência... e a primeira que recebo desde que sai de Lisboa... Que quer dizer isto?

Esta áspera interrogação foi respondida por um gesto de pasmo.

«Vossa excelência não me responde?! – replicou ele, mostrando-lhe a carta.

– Responderei... mas deixe-me reconhecê-lo... Vejo-o de um modo que não é o seu... Sente-se ao pé da sua amiga. Estou quase a confessar-lhe que o caluniei.

– De que modo? Eu até ignoro a natureza da calúnia. De que devo eu *arrepender-me*, senhora baronesa?

– De ser meu amigo, não... Ora entre em si... sossegue... comece já por me perdoar, e verá como a consolação de ser bom lhe restitui a paz...

– Tudo, tudo o que vossa excelência quiser... Eu estou tranquilo. Explique-me este horrível segredo.

– Pois sim... Tem vivido com Guilherme?

– Sempre, desde que saímos de Lisboa, até ontem de manhã que ele saiu para a província.

– Ontem de manhã?! – exclamou Augusta alvoroçada. – E tem a certeza de que foi para a província?

– A certeza, sim, minha senhora... Porque duvida?

– Tenho amargos motivos para duvidar... Ora diga-me: sabe que ele me escreveu seis vezes do Porto?

– Não sei, minha senhora!... pois Amaral escreveu-lhe?!

– E que cartas, meu Deus!

O poeta levou a mão aos cabelos, como se quisesse cravar as unhas na fronte.

Amaral neste momento era para ele um celerado.

– Vejo que tudo ignora... – tornou Augusta, tirando-lhe a mão da frente. – Não sofra assim... Os sofrimentos fizeram-me ser má consigo julgando-o cúmplice nessas terríveis cartas. A uma desgraçada tudo se desculpa, quando o coração é bom... Perdoa-me a injúria que lhe fiz?

– Queira dizer, minha senhora... O meu nome acha-se nessas cartas?

– Não, vez nenhuma... acredite... eu vou mostrar-lhas; mas eu sabia que o meu caro amigo estava com ele; pensei que faria todos os esforços para desviar-lhe a atenção de mim; as cartas chegavam umas após outras, e a última que recebi... Eu quero que veja a última, primeiro, e verá se eu não devo recear que Amaral o enganasse.

A baronesa tirou duma gaveta do toucador um macete de cartas, e deu a ler ao poeta a que o leitor, se quiser, pode ler também. Rezava assim:

«Augusta. O teu silêncio é a morte! Eu creio que nenhum homem levou lágrimas tão dignas de compaixão aos pés duma mulher. Se tivesses morrido, quando cheguei a Portugal, e eu fosse ajoelhar na tua sepultura, suplicando-te, com a amargura que vai nas minhas cartas, o perdão do meu crime, levantar-te-ias, Augusta, para me perdoar.

Queres que eu receba o teu desprezo como expiação? Aceito-o, beijo o ferro que me fere, adoro-te ainda, Augusta, porque vejo em ti o instrumento da Providência!

Se tu eras o anjo, que Deus me deu, e eu despenhei comigo no meu abismo, fazendo-te demónio, perdi todo o direito a pedir que me restituas o meu céu, aquele nosso céu que ambos destruímos.

Ambos! perdoa-me, anjo, consente que eu diga *ambos!*

Eu deixei-te no purgatório, fugindo-te. Era lá que tu com tuas lágrimas devias alcançar do céu o meu resgate das paixões infames. Deus ouvir-te-ia, filha, e eu mais cedo teria vindo ajoelhar a teus pés, agradecendo-te a minha redenção.

Eu previra abandonando-te, Augusta, que voltaria um dia para ti o coração purificado no fogo dos desenganos.

Deixa-me recordar-te um acto que fez o teu heroísmo, e a minha desgraça irremediável. Eu deixei-te rodeada de tudo que podia conservar-te virtuosa no abandono. Queria-te ali, como o anjo-custódio do meu paraíso, porque pressentira a ânsia, a angústia, o desespero com que hoje te procuro sobre a terra, a ti, mulher que só podias ser minha, a ti, Augusta, morta, perdida para todo o sempre!

Não teria sido maior o teu heroísmo, esperando-me?

Se morresses, na esperança, não terias abençoado na tua última hora o desgraçado que, longe de ti, bebia o fel da ignominia, devorado de vergonhas e de remorsos, castigado pela mão duma infame mulher a quem te sacrifiquei? Hoje, chorando eu a teu lado, não seria maior heroísmo curares-me pouco a pouco as chagas do coração, convenceres-me de que eu me ia tornando digno de ti, dissipares lentamente de minha alma lembranças de infâmias que não têm nome... enobreceres-me, enfim, com o teu amor?

Se tu soubesses a minha vida, choravas! Se soubesses que suplícios sofri em seis anos, dirias – porque não esperei eu este desgraçado para o consolar!

Chego a persuadir-me, Augusta, de que o remorso virá um dia atribular-te! Oxalá que não... Mas eu sei que nobre alma é a tua. Via-a

nascer em contacto com o meu coração. Sei que a ideia de veres perdido um homem que poderias ter salvado... e que homem! o primeiro, e o único do teu amor... sei que essa ideia será uma angústia dolorosa como um remorso... Em redor de ti, será tudo um brado de acusação, um estímulo terrível de inúteis lágrimas. Verás sempre o homem que viste, pela primeira vez, ao pé do cadáver de tua mãe; vê-lo-ás cheio de alegria inventar prazeres para que a tua felicidade não esmorecesse; vê-lo-ás ao teu lado, nesses rápidos dezoito meses do Candal, contemplando as flores que o teu espírito desabrochava, bafejadas por ele e, muitas vezes, orvalhadas pelas lágrimas do contentamento. Ver-me-ás, levado pela mão dum demónio, de inferno em inferno, expiando não sei que crimes, porque a minha vida só tinha um – o de não te fazer minha esposa no primeiro dia em que te amei. E depois, arrancado pela mão da Providência às garras da paixão ignominiosa, ouvirás estas súplicas, que hoje faço inutilmente. Ver-me-ás buscar a distracção em novas torpezas; converter em crimes a energia de alma que me resta; envilecer-me até ao extremo da desonra... suicidar-me, enfim, quando se me não depare a morte no punhal desses que eu hei-de sacrificar ao meu rancor.

E tu podias salvar-me, Augusta! Se me desses ânimo para esperar o alívio do tempo, se me desses uma só palavra de esperança, se me mandasses ajoelhar diante da sepultura de nosso filho, pedindo àquele anjinho que me trouxesse do céu a paz do coração, e a consciência dos meus deveres... oh! Augusta, é impossível que os teus olhos não vertam lágrimas! Chora-as, que não são vergonhosas!... Há dores tão nobres, que senti-las é chamar ao coração todos os incentivos da piedade. Converte em meu favor esse sentimento que o céu te envia! Diz-me que me perdoas. Diz-me que eu posso ainda ver-te uma vez neste mundo. Promete-me o teu amor no céu, embora daqui até à morte nos seja forçoso tê-lo escondido no coração como um crime.

Creio que te ouvi, filha. Vejo moverem-se teus lábios, cobertos de lágrimas... Perdoaste-me... Deus te abençoe, anjo! Consentes que eu te veja... Ver-te-ei, Augusta, e não me trairei aos olhos do mundo. Ninguém saberá que eu te vi. A tua virtude não terá uma sombra. Hei-de esconder-me aos teus próprios olhos, enquanto me não disseres – estás purificado pelo muito que sofreste, infeliz! – Adeus.»

O poeta leu, dobrou vagarosamente a carta, e entregou-a à baronesa.

- Que diz?! – murmurou ela.
- Que hei-de eu dizer-lhe, senhora baronesa! É uma carta de Guilherme do Amaral. E que diz vossa excelência?
- Eu!... receio muito que ele venha a Lisboa.
- Por quem receia?
- Por mim... que não posso ser mais infeliz do que estou sendo... Que transes, Senhor! Se Deus me levasse deste mundo!...
- Seria esse um acto da sua infinita bondade.
- Aconselhe-me... diga-me o que hei-de fazer...
- Ame-o.
- Meu Deus, que palavra! Fale-me com sinceridade!
- E vossa excelência fez-me com sinceridade a sua pergunta?
- Duvida?
- Se quer que a acredite, senhora baronesa, há-de dar-me uma sincera denúncia do

seu coração.

– Que vai perguntar-me?

– Essa carta e as outras que impressão lhe fazem?

– Não sei o que sinto... é uma dor imensa... fujo de mim própria... peço a Deus muitas vezes a morte... não sei como é que pode viver-se com o coração despedaçado...

– Vossa excelência perdoou a Guilherme do Amaral?

– Perdoei...

A baronesa rompeu em lágrimas e soluços que lhe embargavam a voz. Tomou a mão do poeta, e apertou-a com febril transporte. Por pouco lhe não encosta ao seio a face incendiada, como se precisasse escondê-la do olhar em aparência austero, mas profundamente compassivo, de seu amigo.

– Devia perdoar... – disse ele com brandura – Eu já tinha dito a Amaral que vossa excelência lhe perdoaria; mas o perdão da mulher que se amou, é como o perdão de Deus: perdoar é amar, vossa excelência ama-o.

– Se o amo?!

– Não pergunto, senhora baronesa; digo-lhe que o ama, e, quando me pediu o meu parecer, disse-lhe que o amasse. Vossa excelência quis admirar-se do conselho. Que outro conselho poderia eu dar-lhe? Um inepto dir-lhe-ia – não o ame – persuadido da docilidade de quem pergunta *se deve amar quem ama*. Não estão aqui duas crianças. De mim, senhora baronesa, não há aviso a esperar. Consinta que eu alegue não os serviços que lhe fiz, mas os que tentei fazer-lhe. Quis distrair Guilherme, contando com a sua natural volubilidade. Instiguei-o a empenhar-se nos amores de salão, para que a vaidade, ou o amor (não discuto qual dos sentimentos era), o não volvessem a inquietá-la, minha senhora. Nada consegui... Li-lhe agora nos olhos, senhora baronesa, o prazer que lhe dei... Folgo muito com isso...

– O prazer!... – interrompeu ela – não sei que prazer!...

– O prazer de se malograrem as minhas intenções... Pois bem... Todos temos o nosso momento de Pilatos, minha boa amiga, o meu é este... lavo as mãos. Sabe qual é o prazer que eu sinto agora? É poder dizer-lhe que devo ter muita proibidade no conceito de Guilherme, porque se escondeu de mim para escrever-lhe, minha senhora. Devo-lhe a ele essa grande fineza; e a vossa excelência vou eu pedir outra de igual valia: imagine-me desde hoje um homem estranho às suas afeições passadas, e às presentes.

– Pelo amor de Deus, não me diga tal! Eu nada fiz que me avilte – bradou a baronesa, erguendo as mãos suplicantes.

– Para provar-lhe, minha senhora, que eu estou bem longe de considerá-la aviltada, profetizo-lhe que o seu amor, nunca extinto a Guilherme, dará muitos espinhos à sua coroa, sem lhe tirar as flores. Ora o que eu não quero é ver gotejar o sangue das feridas. O seu amor s pode ser sopeado nas algemas que vossa excelência lhe lançar; e a minha amiga lança-lhas: isso vou eu jurá-lo, ainda quando me disserem que a baronesa de Amares sucumbiu. É preciso não a estimar para assistir impassível aos suplícios que vossa excelência vai dar-se.

O barão de Amares tossira na antecâmara. Augusta enxugara os olhos, e escondera as cartas. O poeta fora abrir a porta, que o pobre barão, sempre o antigo Francisco, respeitador e tímido, não ousaria abrir. Deram ambos um apertado abraço, e entraram em palestra de vulgaridades, cuja crónica o leitor terá a bondade de me dispensar.

XVI

A presença do barão era penosa para Augusta, que não podia esconder a inquietação do espírito. O bom homem, cuja simplicidade terá feito rir mais de um marido menos feliz que ele, conheceu que era ali de mais, e apenas se lhe deparou pretexto, disse ao poeta:

– Minha mulher não me dá parte dos seus desgostos... Veja o senhor se a tira deste quarto para, fora. Eu já lhe disse que, se a incomodo, não torno aqui...

– Francisco – atalhou a baronesa – eu dei-te causa para me dizeres tal?

– Não deste... mas a tua boa alma... esconde-se de mim... Enfim, Augusta, eu direi ao nosso amigo o que sou capaz de fazer para teu bem...

– Di-lo aí já, meu primo... – tornou ela com veemência – Que é que tu farás em meu bem mais do que tens feito?!

– Isso não é para aqui... nos falaremos...

– Há-de ser já... não te deixo sair sem que digas na minha presença o que hás-de dizer a este senhor. Não vá ele supor que a tua companhia me é penosa, ou que eu tenho dado mostras de ser menos tua amiga.

– Eu não posso fazer uma tão injuriosa suposição... – ocorreu o poeta – Pude salvar da corrupção uma faculdade da alma por onde recebo as impressões boas... sem ela ser-me-ia impossível entender o nobre carácter do senhor barão. Nestes tempos desconhece-se a virtude se ela nos vem ao encontro; e se teimam em asseverar-nos que efectivamente é a virtude, nós miseráveis logrados e logradores da sociedade iluminada, queremos à força que seja uma máscara. A senhora baronesa pertence à época em que vive: deve-o mais à perspicácia do seu espírito adivinhador, que à experiência. Seu marido conserva as virtudes antigas, não trajou o coração de vestidos novos passando a uma nova sociedade, é o mesmo homem que trazia do seu tear, em cada sábado, a subsistência da mulher que lhe não prometia algum futuro. A outro homem, com o seu passado e o seu presente, senhor barão, não ousaria eu, sentado nesta cadeira de molas estofadas... lembrar-lhe o antigo tear...

– Que me importa a mim tudo isto... – interrompeu o barão, que tivera os olhos pasmados no poeta, como quem entendera uma outra ideia. – O que eu queria era a felicidade de minha prima, se esta riqueza e tudo o mais que ela desejasse a pudesse fazer feliz... Vejo que não...

– Eu sou feliz, Francisco... – balbuciou ela, tomando-lhe carinhosamente a mão – Tantas vezes te digo que as minhas lágrimas são uma doença incurável... sem causa, sem alguma significação que deva desgostar-te... Ora diz-me, filho, que querias tu dizer há pouco?...

– Pois queres ouvir-me?

– Diz... seja o que for.

– Eu já disse a este senhor e não me envergonho de tornar a dizer, que não sou o homem que na verdade te convinha, Augusta... Não me sei explicar; mas... bem entendem o meu pensamento. Tu precisavas de ter com quem falar nessas coisas que dependem do estudo e da habilidade. Eu nasci grosseiro, o meu modo de vida bem sabem qual foi, e ninguém é o que quer ser. Tenho-te muito amor, sou capaz de dar a vida pela tua felicidade, e não sirvo para mais nada; mas este pouco que posso... a vida, palavra de homem honrado, assim Deus ma levasse, que eu, sabendo que tu ficas no mundo contente, não levo saudades de nada...

– Oh Francisco!... meu querido Francisco! – exclamou a baronesa, abraçando-o com ardor

– Pois eu dou-te o desejo de morrer?... Perdoa-me se te hei feito involuntariamente sofrer tanto...

– Sendo o que sou, Augusta.... sendo teu verdadeiro amigo, poderia não ver que choras? E... demais a mais... eu hei-de sempre ter na memória as tuas palavras, quando me disseste que serias minha mulher... *Quando me vires chorar, Francisco, Lembra-te sempre que és meu primo, e não meu marido.* E eu respondi-te: *Oxalá que nunca chores; mas se eu for a causa... ensina-me a ser merecedor cio teu coração...*

– Tens sido sempre, sempre! – atalhou Augusta com alvoroço – Eu seria mais que infame se me queixasse de ti... A única pessoa do mundo, à qual mostro minha alma, está presente... Ela que diga, se uma só palavra tenho proferido descontente de ti.

– Não creio que vossa excelência invoque o meu testemunho... – disse o poeta – O senhor barão não pode ser o que é, e duvidar da sua virtude.

– Decerto... – atalhou o barão escondendo no lenço as lágrimas – Eu até creio que minha prima é capaz de morrer sem dar um gemido, quanto mais queixar-se! E é isso o que eu não quero, e o que peço a Deus que não aconteça. Deixa-me agora falar, Augusta... Não é necessário ser sábio para conhecer o teu coração... és uma santa. Há três anos que te vejo quase sempre entregue à religião. Tenho louvado as tuas boas obras: tenho ido eu mesmo levar as tuas esmolas, e indagar onde há fome para teres o prazer de a matar. Até me sinto outro quando vou cumprir estas ordens tuas. Falo com os desgraçados, e tenho palavras de consolação que me vêm à ideia, como se, no serviço da caridade, todos tivessem o dom de falar bem. Eu imagino que a tua alma desgostosa do que é isto, esta triste vida que vivemos foge para as coisas da religião, deseje entender-se com Deus. As tuas devoções aumentam cada vez mais... já me disseste que te procurasse um padre inteligente e virtuoso... Olha, Augusta, eu parece-me que adivinho a tua vontade... Se pudesses deixar-me sem escândalo, entrarias num convento.

– Sim! – murmurou a baronesa entre soluços.

– Pois então, Augusta, é chegada a ocasião de eu ser teu primo... Entra num convento... e o escândalo não o temas... eu mostrarei ao público...

O barão ficou suspenso quando a última palavra saiu trémula como um gemido.

Era triste a cena.

O honrado homem encostou-se ao toucador, convulso, banhado de lágrimas, inventando disfarces que mais patenteavam a sua angústia. A baronesa correu a abrir uma janela, como se temesse a asfixia dos soluços. O amigo destes dois infelizes, inerte diante da solenidade do conflito, viu que era infrutuoso o bálsamo das palavras, quando as chagas sangram tão vivas.

O barão saiu subitamente.

– Siga-o, siga-o! – disse Augusta suplicantemente ao poeta.

– Que serve segui-lo?!

– Vá dizer-lhe que eu de modo nenhum quero deixar a companhia dele. Eu fui uma imprudente em anuir... oh!... uma ingrata, não fui?

– Não foi ingrata, foi demasiadamente sincera... A sua anuência é uma grande virtude para mim; porém para seu marido é um desengano. Vossa excelência quer o convento como refúgio à perseguição de Guilherme, cujo poder teme...

– Não temo...

– Há pouco... sinceridade, agora esforço para iludir-se... Eu é que não me iludo. Vossa excelência teme Guilherme, e julga impenetráveis as paredes dum convento... É ainda uma segunda ilusão. Não há portas que se fechem à desgraça, e o fugir-lhe é menos merecimento do que esperá-la. Ora seu marido ignora felizmente a peleja travada na sua alma, senhora baronesa... Sabendo-a... seria terrível punhalada a ideia de que sua mulher, incapaz de ser boa a seu lado, foge para onde imagina que a virtude está mais

segura!...

– Oh senhor.... – atalhou ela com impetuosa energia – não me julgue assim! Eu posso temer... posso querer fugir-lhe – posso até amar esse homem, único, sim... que amei... e contudo, estalar de paixão, morrer de saudade... sem me desonrar, sem desonrar meu marido, sem violar os meus deveres.

– Pois quem sente o ânimo, que dá a virtude, é mártir; e quase sempre a mão de Deus traz o socorro, quando a virtude infeliz se julga inteiramente desamparada. Não deixe seu marido, senhora baronesa...

– Não nunca!...

– Não pense mais em convento, nem imagine extremos de perseguição que não existem... Tem vossa excelência seis cartas de Guilherme do Amaral. Deseja vê-lo?

– De modo nenhum...

– Pois ele decerto não entrará em sua casa para vê-la; e, quando entrasse, é pueril dizer-lhe que uma mulher com dignidade num só lance de olhos desarma os mais atrevidos projectos dum homem.

– Pois ele ousaria...

– Não sei o que ele ousaria. Eu receio a vaidade ferida de todo o homem, e, se esse tal é Guilherme, há só um remédio para curá-la... são os escândalos nas salas bem notórios, são as cenas dos romances mais extravagantes, são os chamados brios com que se baptizam os heroísmos da libertinagem. Não faça caso destes meus ares pedantes... Sou homem como eles, e assim é preciso que eu seja para que vossa excelência não seja mulher como elas...

– Eu não careço de conselhos... – interrompeu a baronesa com desagrado.

– É justamente o que vossa excelência me devia ter dito; e agora que mo diz, tomarei a liberdade de asseverar-lhe que nunca vossa excelência precisou tanto deles... O seu ar de agastamento não me dói, senhora baronesa. Antes quero vê-la assim para conhecê-la bem. Prova de, que me não fere, é eu fazer jus a novas manifestações do seu desgosto... vossa excelência viu as lágrimas de seu marido? Viu... pois, minha senhora, as verdadeiras lágrimas são aquelas. Ouviu com que simplicidade as palavras lhe saíam? Pois são aquelas as palavras que vêm do coração, e para lá tornam, e lá vivem eternamente, ainda que a perfídia as recompense... Ora quer agora saber o que são as cartas de Guilherme do Amaral? São as cartas como as que eu tenho escrito cem vezes nos meus romances.

– É impossível! – atalhou com azedume a baronesa.

– Oh! pois o seu orgulho ofende-se!... – disse o literato, sorrindo. – Agora me lembra uma ideia dum romance que ambos ouvimos no Candal, lido por Guilherme, e era esta a ideia: *o orgulho é o veneno da virtude... sem este veneno, fértil nas mulheres, as paixões dos homens seriam incuráveis*. Vossa excelência pediu então que lhe explicassem este paradoxo... Veja se a prática lho decifra, e se pode fazer-se dele uma sentença...

A baronesa de Amares, cheia de majestade, com os olhos brilhantes de entusiasmo e quase entusiasmo terrível, pegou da mão do poeta, sacudiu-lha com força, e exclamou:

– Juro-lhe que sou amada por Guilherme do Amaral; juro-lhe que o amo; e juro-lhe, por quantas lágrimas virtuosas se têm vertido neste mundo, que serei sempre digna do marido que tenho.

O timbre sonoro da voz, a atitude natural do gesto, e sobretudo a lucidez do olhar, fizeram no poeta um efeito eléctrico. Bastaram essas palavras para que ele tomando a mão de Augusta balbuciasse:

– O seu juramento não me surpreende. Eu sabia que tinha de pedir-lhe perdão da minha severidade fraternal...

E beijou-lhe a mão.

XVII

Será impertinência alongar a narrativa dos diálogos entre a baronesa e o poeta por espaço de sete dias. Raras horas deixaram de estar juntos, e raríssimos intervalos o barão se introduzia nessas práticas, deveras angustiosas para todos.

Guilherme do Amaral era esperado. O jornalista queria despersuadir Augusta de terrores que a fantasia lhe agourava; mas a ele mesmo faltava-lhe no persuadir a eloquência da convicção.

A baronesa imaginava Guilherme um homem em delírio, uma cabeça perdida, um coração capaz de todas as violências ao dever, à prudência, e à dignidade dela. Supunha que essa demência era, até certo ponto, nobre, por ser filha do amor desprezado, do orgulho ferido, e da impossibilidade do triunfo. Isto pensava-o ela; mas não ousava revelá-lo ao poeta, que tentara persuadi-la da impostura das cartas.

As mulheres sofrem muito prevendo conflitos, escândalos, duelos, suicídios por causa da sua virtuosa isenção, ou do seu galanteio logrativo; sofrem porém muito mais, se depois de se elevarem a uma situação de virtude ou ardil inacessível à agressão, vêem o agressor retirar pacificamente, desdenhando-lhe a glória, e assestando as baterias contra outras fortalezas menos teimosas. Se isto é axioma, como eu creio intimamente que é, pode reduzir-se com mais clareza e necessária aplicação. A baronesa de Amares sofreria mais se o poeta chegasse a persuadi-la de que Amaral sofria menos. As pessoas inocentes, ou as incapazes de se entenderem, não tomem isto como desconcerto da natureza. Foi desta arte amassado, organizado, insuflado, e animado o pedaço de barro damasceno de que o homem foi feito, e por consequência o pedaço de costado donde saiu a mulher. E porque na vida da baronesa há lances pouco vulgares de virtude, não meensem que ela perdeu a essência humana para regenerar-se de atributos exclusivos das predestinadas do Florilégio, e das dos romances, que se fazem o inocente cargo de criar monstros de virtude.

Não, minhas senhoras, Augusta é mulher, e tudo que fez, que faz, e que fizer é o que mulheres podem fazer. Peço-lhes por grande mercê, que me chamem tolo em carta fechada, se eu, declinando o trilho recto das paixões sublunares, fizer da minha Augusta o que os padres mestres confessores, e o espírito evangélico da associação consoladora dos aflitos, e muitos outros estímulos de santidade não têm podido fazer de outras que entraram na vida por uma avenida menos sedutora e perigosa que a baronesa de Amares.

E aqui seja-me permitida uma curta divagação, que virá evidenciar a felicidade com que eu tenho copiado da natureza a minha heroína, desde o casebre da rua dos Arménios até ao palacete da rua do Alecrim.

Não sei quantas, mas todas as donas, donzelas, damas, e matronas que eu consultei a respeito de Augusta, naquele singular procedimento de sair do Candal, pobremente vestida como entrara para a rua dos Arménios, onde não tinha um bocado de pão e um púcaro de água, todas me disseram «que em paridade de circunstâncias fariam o mesmo» e acrescentaram «posto que é um feito nunca feito, nem factível por mulher de baixa condição». Não questiono a segunda parte da resposta, porque não sei o que é baixa condição; e, se um dia venho a saber o que é, parece-me que terei de aprear para a baixa muita farragem ilustre que me habituei a respeitar na alta condição... Melhor é que vivamos todos com as nossas ilusões.

O que me importa saber é se o feito de Augusta é exequível. Responde-se-me que não só é, mas até não pode imaginar-se um desfecho mais natural. Muito bem. Eu tinha grande susto de não ser crido, conquanto o acto fosse um facto, em que eu juraria por

coisa mais importante que a palavra do romancista.

Casou Augusta com o primo Francisco... Ah! esquecia-me dizer que todos à carga cerrada duvidaram do achado dos valores de cento e cinquenta contos de réis. Em aritmética, quase toda esta gente é pecosa. Crêem todos os paralogismos psicológicos, assentem a todos os absurdos; mas, se se trata de cifras e cifrões, isso discute-se, averigua-se, esmerilha-se e rejeita-se, se o quebrado de uma unidade lhe falar na prova. Nada, não querem que João Antunes da Mota, por alcunha o *Kágado*, morrendo na ponte em 1809, deixasse na rua dos Arménios o cabedal que apareceu em 1845. Fiquem no que lhes parecer.

Casou Augusta com o primo Francisco, dizia eu. Perguntei se era possível, crível e aceitável tal casamento. Que sim, foi a resposta quase unânime de todas as pessoas do sexo único, para mim, com voto deliberativo nesta matéria, depois da Cúria romana, que decide primeiro entre casamentos de primos. Colhi só dois votos dissidentes. Uma senhora achava natural que a costureira morresse de paixão no desamparo. Outra queria que ela tivesse amado o poeta em lugar do primo. À primeira respondo que se a morte fosse a consequência natural do desamparo, sua excelência iria duas vezes por semana consolar o nojo de duas famílias... A segunda... não sei o que lhe diga. O poeta que lhe agradeça, se esta lisonjeira noticia o visitar na América, ou onde quer que para, se é que do novo mundo não passou para o mais velho de todos, que deve ser inquestionavelmente o que deu campo às famosas batalhas de Deus com Lúcifer.

Até aqui, pois, graças à fidelidade com que vou trasladando da memória as cenas deste entrecho, Augusta é mulher cujas virtudes não maravilham, assim que eu a queria. Raras leitoras deixariam de ser o que ela é, em posição semelhante: prova de que os pessimistas contemporâneos injuriam a virtude que não conhecem. Estou contente... de criar não, copiar do original um quadro onde a primeira figura é uma mulher virtuosa cujas atitudes – deixem passar o galicismo e a impropriedade – cujas atitudes morais são a cópia de muitos originais possíveis.

A situação melindrosíssima começa agora. Já tive quem se compadecesse de Guilherme do Amaral, depois daquela plangente carta que vem a pág. 168. Esta compaixão, se dura, pode a baronesa contar com a absolvição, caso lhe resvale um pé na ladeira pedregosa da virtude.

Pobre Francisco! Ninguém faz caso de ti! terrível coisa ser marido! George Dandín é sempre remetido para o fundo do quadro, à espera de um olho piedoso que o descortine nas sombras... Pois eu simpatizei contigo, meu honrado homem, e quisera ser o que tu és, se me dessem a optar entre a importância sentenciosa do literato, a magnificência leonina de Amaral, e a resignação humilde com que expias a culpa do teu cego amor, nobre filho do povo!

Havia um meio de fazer que avultasses, na tua posição de marido trágico. Era meter-te a desoras no quarto de tua mulher, fechar-te a porta, cruzar-te os braços sobre o peito, pôr-te na boca duas dúzias de gritos, outros tantos *ohs!* rugidores, esgazear-te os olhos, encher-te as bochechas de caretas, e fazer ir de rojo a teus pés a mulher, que tu afastarias com a ponta do pé, e ela iria, aqui cai, acolá se levanta, tombar num sofá, soltando um *ah!* agudíssimo.

Assim é que se escreve o romance, que deve fazer escala pela mão do caixeiro, antes de entrar no lote da mercearia. Assim é que os maridos mordiscados na sua inviolabilidade querem ver punidas as pecadoras por pensamento, para que as obras não venham com pés de lá abusar da falta de palavras.

Passas tu, pois, por tolo, meu caro barão. Os teus colegas dizem-te *raca*, e cuidam que tu ministras mais uma correia para as disciplinas da chacota!... Tua mulher é um anjo: se ela te não salva dos risos com que os patuscos preparem uma ovação à tua

derrota, indigna era ela de ti, e da. crónica em que eu com tanto esmero quis fazê-la invejável na desgraça.

Mas era mulher, e disto quero eu que todos se convençam.

Não se lhe podia dizer que a imaginação, coadjuvada pela arte de compor, pode criar e pintar em papel febres de espírito muito mais afogueadas que a de Guilherme, nas suas lamuriantes cartas.

Querer-se-ia que a baronesa violentasse a razão, a acreditar o que o coração rejeitava. Não querendo ouvi-lo, nem recebê-lo, nem amá-lo, nem desonrar-se, parece natural que a certeza de serem tais cartas mentirosas devia pacificá-la, consolando-a.

O natural é o contrário disso, é o que ela sentia, é aquele seu desagrado do poeta, quando ele de propósito lhe passou pelo coração um ferro em brasa.

Uma vez disse-lhe ele:

– Vossa excelência desejava que Amaral casasse hoje?

Houve um longo silêncio. O poeta repetiu a inconveniente pergunta, e ela respondeu com rude sinceridade:

– Seja delicado.

– Pois fui grosseiro?! – redarguiu.

– O senhor cortou-me os voos da franqueza. Já não posso responder-lhe com lealdade, sem vergonha. Tenho-lhe ouvido coisas que me fizeram perder uma firmeza de carácter que eu pensei não perderia jamais.

Este incidente foi divertido para outro assunto.

Compreende-se que a baronesa não queria ver casado Guilherme.

Acham que pensar assim é pensar à beira de um precipício, e adormecer... e cair?

Não é, não. O coração faz milagres, e, se não faz milagres, concebe desejos prodigiosamente extravagantes. Há trinta anos, querem que se lhes diga o desejo de Augusta como se realizava? Ela entraria num mosteiro, e ele noutro. Ela morreria na graça de Deus, e na esperança de ir, através da sepultura, possuí-lo na bem-aventurança. Ele... eu sei cá o que faria!...

Hoje parece-lhes anacronismo um tal desejo? A mim não. A sublime ânsia, filha da agonia, é de todos os tempos. Muita gente dilui a sua dor nas lágrimas, e volta de olhos enxutos para o mundo, onde há panaceias para todas as dores fúteis, pueris e desentranhadas do coração. Almas de eleição, porém, não se encontram connosco ao balcão da mesma farmácia. Perdem-se de nós, nós perdemos-las de vista e de entendimento, vemo-las no despojo que deixam no cadáver, que é o menos que lhe custou o desaparego da vida, e não sabemos dizer nada do que foram, nem do que são.

Com isto não lhes quero dar a beijar a fímbria do vestido da beata Augusta, beatificada por duas ou três virtudes não comuns, embora digam que ela faz o seu dever, e mais nada.

Outra vez disse a baronesa ao literato:

– Se Deus me fizesse um milagre...

– Qual, minha senhora?

– Infundir no coração de Guilherme um amor de irmão.

– Deus pode... E que faria vossa excelência desse irmão?

– Dá-lo-ia a meu marido como seu também.

– Cândidas fantasias! – impossível, não é?

– O milagre é possível, mas não há notícia do primeiro. Eu acho menos complicada a ressurreição de um morto. Sabe quando podem contrair esse parentesco? Em 1880. Cada um terá os seus cinquenta e tantos anos...

– Eu não estava a gracejar... – interrompeu Augusta com despeito.

– Cuidei que sim... – disse o poeta com ar prazenteiro; e, mudando de rosto

instantaneamente para o grave, continuou: – Vossa excelência há-de escolher entre o amor desgraçado e o amor satisfeito. O puro é o desgraçado, o feliz é o criminoso.

– A minha escolha está feita – respondeu ela.

Neste instante abriu-se a porta da sala onde este diálogo se entretinha.

Era o barão, lívido, pasmado, idiota, um semblante indescritível!

– Que tens, Francisco! ? – exclamou a baronesa.

– Preciso falar com este senhor... – disse ele, sentando-se, ofegante, com o suor a lavar-lhe a testa.

A baronesa saiu, pálida e assustada; mas sem querer, ouviu estas palavras de seu marido:

– Acabo de encontrar Guilherme do Amaral.

O poeta não respondera. O barão tornou:

– Que me diz o senhor?!

Augusta abriu a porta, e respondera à pergunta:

– Eu é que devo responder-te, Francisco. Guilherme do Amaral pode estar onde quiser. Se a presença dele te perturba tanto, não tens em mim confiança alguma...

Fechara outra vez a porta, e ouvira apenas o som da voz de seu marido.

XVIII

Não se enganou o barão de Amares: Guilherme do Amaral estava em Lisboa.

Na primeira noite de teatro, que foi a do segundo dia da sua chegada, Amaral entrou em S. Carlos, e soube do camaroteiro que o barão de Amares era assinante de camarote, mas havia dois meses que não vinha ao teatro.

O literato viu-o entrar na plateia, e sair depois de passear o binóculo por todos os camarotes com ar de desdenhosa distração. As posturas refinadamente bizarras, que ele se dera neste exame, foram causa de reparo, e, se se demora, provocaria o riso. Alguns dos seus antigos conhecidos de Lisboa reconheceram-no pela pinta das, posturas soberanas, e lembraram-se do antigo céptico.

O poeta queria evitar Guilherme: não estava ainda preparado para o primeiro encontro. A situação era melindrosa para ambos, e mais ainda para o literato, que não podia pedir explicações da mentira de Amaral, sem dá-las também ele da sua vinda a Lisboa.

Num intervalo, o poeta saiu da plateia e foi rodeado de literatos que lhe anunciavam a aparição do seu extraordinário amigo. Achava-se nesse círculo um cavalheiro do Minho que fazia a Guilherme desagradáveis ausências, tendo em conta de nada a presença do amigo. Os ouvintes reconhecidos ao orador que os entretinha com a maledicência, riam-se. O orador, entusiasmado pelos aplausos, entrou na vida mais íntima do provinciano, e proferiu o nome de Augusta, antiga costureira, e actual titular de grandes cabedais e virtudes baratas. O jornalista sofrera a paciência enquanto o nome dessa mulher não viera estimular a curiosidade dos farejadores de escândalos; depois, não: aproveitando o silêncio dum intervalo, disse com a tranquila firmeza de quem obedece mais à honra do que à bravura:

– Para acreditarmos o que esse senhor tem dito, importava que a infâmia desse autoridade.

O cavalheiro minhoto moveu-se do seu posto para prender com as mãos a língua do insolente; porém, querendo Deus que onde estão seis homens sejam ordeiros cinco, o agressor foi sustido, e o poeta não chegou a tirar as mãos do grémio pacífico das algibeiras.

Mas o caso não podia ficar assim.

O poeta, na manhã do dia seguinte, era visitado por comissários diplomáticos de desafio, nomeava padrinhos, aceitava o duelo à pistola, e pedia, a respeito da causa, a uns e a outros, grande segredo.

Vinha tarde o pedido.

A notícia chegara aos ouvidos de Guilherme do Amaral, visitado no seu hotel por um dos que mais rira na roda, e mais júbilo mostrara de encontrar o seu amigo velho.

Grande devia ser o pasmo de Amaral, quando ouviu proferir o nome do poeta! Duvidou, fez pergunta sobre pergunta, e, certo de que o seu visitador se não enganara, encarregou-o de saber o local e a hora em que deviam bater-se. Tudo soube.

Chegaram quatro seges ao campo «da honra». Apearam os lutadores, e os padrinhos. Carregavam-se as pistolas, escolhia-se o terreno mais adequado onde um ou ambos caíssem, abençoando a morte que deixa um nome puro, mas menos duradouro que a meia onça de chumbo que os remete ao cemitério.

Uma quinta e sexta sege inesperadas, e de mais naquele acto solene, corriam a galope. Cessaram os preparatórios, e esconderam-se as armas, suspeitando-se uma emboscada de algum severo representante do código penal.

Pararam as seges, e apearam-se três cavalheiros. Dois eram pessoas muito

conhecidas nos duelos e no parlamento. O terceiro era Guilherme do Amaral.

Foi a queda dum raio! O povo tem uma figura muito expressiva para estes espantos: parece que viram o lobo! Não pasmara menos que os outros o jornalista, a quem Amaral estendeu a mão, dizendo:

– Muito obrigado, meu amigo... O homem vivo responde por si; o morto insultado é que precisa amigos com a tua honra.

E voltando-se para o cavalheiro minhoto:

– Encarregue os seus padrinhos de se entenderem com os meus. O meu amigo, com as suas testemunhas, não tem que fazer aqui. Deve retirar-se.

Ouviram-se de parte a parte votos de reconciliação. Os padrinhos de Guilherme não aceitavam nem rejeitavam. Amaral, acendendo um charuto com as costas voltadas para o adversário, disse:

– Espero que o senhor *** me não obrigue a tocar-lhe com a ponta da bota, para lhe desafiar os brios.

– Não é necessário – balbuciou o cavalheiro corrido – a sua bota não me chega.

O poeta meteu embargos, alegando que o desafiado fora ele. Não tiveram provimento.

Apelou novamente, dizendo que não prescindia de bater-se depois de Amaral. Era confiar muito na benevolência das balas, mandadas pelo dedo de Guilherme, que se batera quinze vezes durante as suas viagens, não perdendo um tiro.

Removidas todas as dificuldades, postaram-se a vinte passos. Atiraram ao mesmo tempo, e de face. A bala do cavalheiro portuense zumbiu no ouvido esquerdo de Amaral; a deste supunha-se também perdida, quando o cavalheiro dos ditos chistosos franziu a testa, descorou, pendeu um braço desconjuntado, apalpando-o com a mão de ouro.

Foi chamada a sege do ferido, que perdia muito sangue. Os outros, tristes e taciturnos, abandonaram o campo.

O poeta foi daí à residência de Amaral. Chegaram ao mesmo tempo.

– Que história é esta da tua vinda a Lisboa? – perguntou Guilherme sem enfado. – mais simples do que a tua.

– Pois sim; mas não façamos acusações de parte a parte.

– Dizes bem. Quem nos dá o direito de nos acusarmos?

– Pode dá-lo a amizade; mas... se sabes, como creio que sabes tudo, crê que não pude, nem posso esquecer Augusta. Respeita esta minha paixão que é verdadeira e imprudente.

– Respeito.

– A maior prova de deferência, que eu podia prestar aos teus sentimentos, foi esconder-te a minha resolução.

– Já eu disse o mesmo.

– Disseste-lho a ela?

– Sim.

– Pois bem: eu estimo que ela veja em ti sempre um amigo digno seu, um meu digno amigo que lhe fiz conhecer; mas não entres na avaliação dos meus actos... Defende-a de mim, quanto puderes, que eu nunca te julgarei meu inimigo.

– Não defendo ninguém.

– Defendes... defendes a honra das pessoas que estimas, ainda que elas to não mereçam: a prova deste-a hoje. Quero que ela te não culpe uma só vez. Adivinho que te chamou para lhe dares ânimo no sacrifício. Dá-lho, que eu por mim não preciso ser auxiliado, Não é luta de capricho, é luta onde se morre, e se não vence. Preciso do amor de Augusta. Se me não amar, mato-me... entendes? Tive, há pouco, um instante de

alegria, quando vi a boca duma pistola apontada ao peito. Se então morresse, morria bem, morria como é preciso que eu morra, para não tentar miseravelmente contra a minha vida... Dizem que os assassinos são covardes. Custa-me sair deste inferno com esta reputação. Já vês, meu amigo, que eu não te peço auxílio ao pé de Augusta, nem sequer a indiferença de um estranho; seria isso o mesmo que pedir-te a desonra em meu benefício. És um homem de outros tempos, incrível nos nossos dias. Continua a sê-lo, tolhe-me todas as avenidas, desperta bem nessa mulher a consciência dos seus deveres; mas, enquanto a mim, deixa-me sozinho com a desgraça esgotar todos os recursos.

– E se não vences?

– Se não venço, já te disse o meu remate de contas.

– Devo convencer-te de que a baronesa não precisa estímulos para...

– Para desprezar-me?

– Não te despreza: ama-te.

– Ama-me?! – exclamou ele com violento júbilo.

– Como sempre.

– Enganaste-me há dois meses, ou hoje?

– Nunca te enganei: enganei-me. Amou-te sempre, como se ama sem esperança, quando o coração é capaz de encerrar longo tempo a terrível angústia duma esperança negativa. As tuas cartas deram-lhe o que ela não tinha – a persuasão de que a amas... E, contudo, eu creio que a matas... mas não a vences; abres-lhe a sepultura, isso sim... creio-o de todo o meu coração, mas não consegues dar-lhe no crime um momento de paz.

– Deixa-me tentar...

– Tenta...

– Eu hei-de fazer aquela mulher feliz... Fujo com ela... Meu amigo, deixa-me dizer-te tudo... as palavras estão a querer fugir-me para o coração... parece que me és um homem suspeito...

– Não me digas nada... Quero ignorar tudo... Pela minha honra te juro, que sou deste este instante indiferente aos teus projectos. Realiza-os como quiseres... não hei-de tolher-te um só. Que me importa o teu destino ou o dela? Tentei fazer a felicidade de ambos pelo esquecimento. Vejo que não posso; e tudo o que eu fizer de hoje em diante é uma inconveniência, uma tolice, um zelo ridículo...

– Não... Poderia ser demasiado zelo, menos ridículo.

– É, creio até que o foi já. É o mesmo... eu hei-de ir até ao fim da vida com a explicação dos meus actos reservada para mim, e o *ridículo* deles para todos. Amanhã ou depois vou para o Porto. Cá ficas, meu caro Amaral; triunfa, se puderes; mas... aí vai um conselho... seja o meu último acesso de pedantismo. Quando o teu triunfo dependa de uma fuga, não faças tal. A baronesa de Amares já não pode ser para ti o que foi a costureira da rua dos Arménios. Passado o tempo da sofreguidão, hás-de arrepender-te. Entre o que foi e o que é, está o homem que a tem, o artista de Lordelo, aquele homem de boné e jaqueta, o seu possuidor de seis anos. A imaginação arrefecida far-te-á ver na mulher, mais ligada a ti do que nunca pelos vínculos do crime, um corpo poluído, uma alma baixa que, depois de ser tua, deixou cair o corpo nos braços de um tal homem. Será horrível então a tua vida; e a vida dela não há palavra que a prognostique...

– Amando-a eu sempre?

– Que dizes tu, Amaral? o que é amar sempre! Queres desfazer o pacto infernal que entra em todas as alianças da vida?! Quem é que amou *sempre*?! Que vens tu dizer-me, depois de esquecê-la seis anos? Não se ama longo tempo mulher que se esqueceu uma vez. Permitisse ela a satisfação da tua vontade, sem grande sacrifício teu, poderias amá-la enquanto ela ajunta à beleza o prestígio da opulência; mais tarde esquecê-la-ias...

viria um fácil obstáculo pretextar um desenlace; porém, se ela é tua, inteiramente tua, dependente de ti, escondendo-se contigo da ignomínia, exigindo tanto maiores carícias tuas, quanto é grande o sacrifício que te faz da sua virtude, então, meu amigo, desgraçado passo, e perdição para ambos...

– Pois não é um amor infinito isto que eu sinto? – atalhou Guilherme, comprimindo a fronte com as mãos, e esperando a resposta da consciência, e não do amigo.

O poeta, passados instantes, tocou-lhe no ombro.

– Olha... – disse ele – faz todos os esforços para alcançar o que desejas, mas não lhe proponhas a fuga. Augusta é mulher. Poderei ter-me enganado, julgando-a superior às mulheres... Talvez consigas... E, se não conseguires, pode ser que o tempo te inspire uma resolução.

– Já ta disse.

– A do suicídio? Th não te suicidas, Amaral. Certos homens não podem encravar a roda da fortuna, quando querem. O porvir não é teu, porque há em ti a índole extraordinária dos homens, cujo destino é um mistério. Dentro dum ano podes ser um amante feroso, um céptico desesperado, um ateu, um varão apostólico, um avaro, um dissipador. Uma resolução somente se demora em ti o tempo necessário para que uma outra adquira a força de a desvanecer. A desgraça não te vence, nem a felicidade te deslumbra... Pode ser que amanhã acordes com um programa de vida nova planizado num sonho. A paixão por Augusta – chamemos-lhe paixão, e eu creio bem que é paixão – parecer-te-á pueril, e as consequências dela funestíssimas. Ver-te-ás com ela em Paris, sujeito, preso, algemado, e a consciência a dizer-te que é ferocidade quebrar as algemas. Virá, ao lado desta imagem, a da tua liberdade, o barato gozo do crime barato, a facilidade com que se desfazem ligações em que à honra só entra como palavra de forma, e não é forçoso ampará-la com lágrimas, com amargurados remorsos, e com o enojo de todos os dias, o terrível enojo que faz da honra uma cruz de ferro. Disse tudo o que devia dizer. Por outras palavras, mas com o mesmo intuito, é isto o que tenho dito à baronesa. A minha missão acabou para ambos.

É certo que o literato foi pedir à baronesa de Amares as suas ordens e despedir-se.

Ainda ela ignorava o duelo, e as consequências tristes, a respeito da sua reputação.

O ferido, duas vezes infame, desfigurara a; causa do desafio, querendo fatuamente desairar o nome duma senhora respeitada. A intriga aceitou-lhe de boa vontade a explicação, e gloriou-se de enredar uma pessoa, cuja virtude vexava muitas pessoas.

O barão tudo sabia. Inimigos agiotas, que ele prejudicara, emprestando ao estado quantias que outros lhe *judaizavam* com enorme onzena, seguraram pelos cabelos a vingança. Cartas anónimas, ou avisos hipocritamente benévolos, fizeram-lhe saber que, por causa de sua mulher, se matavam homens cara a cara.

Soube-o, e calou-se- Encontrou o amigo de Amaral em sua casa, e esperou que este, em presença da baronesa, dissesse o seguinte:

– A estas horas em Lisboa fala-se de um desafio. A calúnia já tomou a seu cargo explicá-lo. Sendo natural que a sua voz aqui chegue, antecipo-me a ser verdadeiro, e, para sê-lo, esqueço algumas conveniências que conviria respeitar noutra ocasião.

«A história é curta. Ao pé de mim falou-se antes de ontem em desfavor de um homem que foi e é meu amigo. A injúria parecia ser-me feita, porque era eu ali havido como íntimo amigo desse homem. Insultei o detractor, e fui ontem desafiado. Antes de nos batermos, é Guilherme do Amaral que aparece reclamando os direitos que eu lhe usurpava. Feriu o adversário, não o matou, e bom foi que o não matasse; mas teria feito um grande serviço à moral pública metendo-lhe a bala na língua. Quaisquer que sejam, devem-se a este homem os comentários torpes que correm, e tarde ou cedo virão visitá-lo,

senhor barão.

Augusta que parecia ouvir tranquilamente o relatório do poeta, voltou-se risonha para o barão, e disse:

– Não podemos já viver sossegados aqui, Francisco... Paciência. Se quer deixar Lisboa, vamos para a nossa quinta de Amares. Tenho, há muito este pensamento, e hoje é um desejo e uma necessidade. Ver-nos-emos depois mais vezes, meu amigo. Vossa senhoria vai para o Porto, e nós vamos viver a dez léguas do Porto. Queres, meu primo?

– Faz-se a tua vontade, Augusta; mas eu quero que saibas que me não faz moossa o que se diz. Eu hoje tive uma carta sem nome, e um aviso dum colega que se faz meu amigo. A carta está aqui, mas não é para se ver. O que eles quiserem...

– Que diz a carta? – interpelou Augusta.

– Mentiras e patifarias, que, se eu conhecesse o autor, tirava-lhe os fígados... A carta não se mostra. Ora agora, se queres deixar Lisboa, deixemos; eu trato de arranjar os meus negócios, e isto em menos de quinze dias está pronto...

– Começa desde já a preparar a nossa saída – tornou Augusta.

– E então... – disse o poeta – lá nos veremos. Eu retiro amanhã para o Porto.

– O senhor porque não espera pela gente, e vamos todos? – acudiu o barão.

– Porque devo necessariamente sair amanhã.

O barão foi chamado, e saiu.

– Há um forte motivo de retirar-se – redarguiu Augusta. – Teve algum desgosto grande?

– Não, minha senhora: por ora são pequenos, porém quero que não passem do que são os desgostos.

– Guilherme também vai?

– Não vai. Guilherme vem pedir-lhe perdão, e naturalmente quer ser absolvido...

– Parece-me uma ironia o que diz.

– Uma ironia, minha senhora! Pois vossa excelência ignora que Amaral a procura para convencê-la duma tremenda paixão?!

– E não o despersuadiu?

– Com que argumentos, se vossa excelência é o pior argumento que eu tenho contra mim?!

– Eu!

– Vossa excelência, sim, com todo o seu valor, com tantas qualidades boas que ele não pode esquecer... Sinto-me inclinado a acreditá-lo; mas a protegê-lo não, minha senhora.

– Que é protegê-lo?

– A sua inocência parece-me sobreposse!... é advogar a causa de um... mas certíssimo de que advogaria a causa de ambos...

– Estranho-o...

– É preocupação essa sua estranheza, minha senhora. O meu carácter é igual, e inalterável. Sou o que fui, e serei o que sou. A ele disse-lhe que vossa excelência o amava...

– Disse!? Jesus, que imprudência, e que... falsidade!

– Nem uma, nem outra coisa. Imprudência seria enganá-lo. Amaral seria capaz de a vir aqui interrogar, e vossa excelência poderia repeli-lo.

– Decerto e antes disso.

– Mas, perdão... Amaral não se repele assim... As conseqüências da repulsa seriam um escândalo trágico... É capaz de suicidar-se na sua presença.

– Oh meu Deus! tomara-me eu longe daqui...

– Não lhe foge, senhora baronesa.

– Pois é forçoso que eu não possa evitá-lo? – exclamou ela com exaltação colérica.

– Quer um parecer, minha amiga? Dou-lho, e rejeite-o se lhe desagradar. Ofereça-lhe a amizade de irmã que vossa excelência queria que o céu lhe inspirasse. Deste modo é possível entreter as ilusões de ambos. Refrigere-lhe o acesso de febre que pode enlouquecê-lo. Rogue-lhe com veemência, suplique-lhe que lhe não amargure ainda mais o cálice que, há seis anos, lhe deu. Deixe falar o coração: diga-lhe tudo que sente, porque tudo o que vossa excelência sente é nobre, e pode ser dito. Consiga compadecê-lo, e salvar-se-ão ambos.

– E será bastante?

– É, se a minha amiga entrar neste melindroso acto, segura de si, e firme no propósito de não recordar o passado, de não queixar-se de ingratidões recebidas, de não responsabilizá-lo da sua desgraça. A generosidade do perdão há-de comovê-lo; a humildade da súplica há-de refrear-lhe os ímpetos do amor-próprio; a santidade dela há-de abalar-lhe o espírito, obrigando-o a respeitá-la na sua perigosa posição de senhora casada; enfim, rebatido o orgulho, lisonjeado o coração com a oferta da amizade, comovido aos rogos, virá depois a piedade, e por fim o domínio da razão, graças ao arrefecimento dos primeiros ardores. Isto custa, minha amiga: não se executam com ânimo frio estes planos, e vossa excelência precisa de reprimir-se antes de reprimi-lo. O que a atemoriza não é tanto o arrebatamento de Guilherme como a sua própria perplexidade... vejo-o nas suas lágrimas, e diz-mo a experiência: pois tome a cruz, gema, e vergue debaixo do peso dela, sofra uma grande dor, que é mais suportável que o vexame duma pequena ignomínia, quando o crime não seca a fonte das lágrimas, apagando na consciência a luz dos deveres.

O poeta com os olhos húmidos abraçou Augusta, e querendo desdar o abraço que ela recebera com transporte, sentiu-se mais estreitamente cingido.

– Não me deixe!... – balbuciou ela abafada de soluços.

– Quero eu deixá-la, por ventura?... não minha amiga, eu cheguei a estimá-la quanto se pode: e se a minha afeição tocou o extremo do amor do seu descanso e da sua felicidade... jamais se extinguirá. Tenho de ser sempre seu amigo, qualquer que seja a boa ou má fortuna que a siga.

A baronesa, cada vez mais opressa, sentiu uma agonia que lhe abafava a respiração. Sentou-se quase desfalecida, e pediu ao poeta que abrisse uma janela do quarto.

Aberta a janela, Augusta correu lá. a respirar, encostando-se ao ombro do amigo. Estivera assim alguns instantes, quando, lançando a vista para a fachada posterior das casas fronteiras, viu através duma vidraça... Guilherme do Amaral.

Fitou os olhos penetrantes na fisionomia ainda suspeita, e o poeta seguiu este movimento.

– É ele!... – murmurou ela; porém, uma chama súbita lhe purpureou a face, e convulsiva encostou-se ao peitoril da janela. Ao rubor sucedeu instantânea lividez. O poeta quis afastá-la dali, receando o que já não pôde obstar. Augusta, quando quis retirar-se, já não pôde. Correu-lhe da frente e ao longo da face um suor frio. Amareleceram-lhe os lábios, e cintaram-se-lhe de roxo as pálpebras. A não sustê-la o poeta, cairia.

.....

Vieram para junto do leito as criadas da baronesa, a qual apenas abrira os olhos perguntara pelo poeta.

Sáira, e sáira para sempre. Até hoje, 7 de Janeiro de 1857, nunca mais se viram. Mas a baronesa encontrara na algibeira do seu avental um bilhete de visita, escrito a lápis no reverso. Dizia assim:
«Adeus, minha pobre amiga. Conheço neste instante que era mais que seu amigo. Jamais perguntarei ao meu coração que sentimento era este. Adeus.»

XIX

O demónio é um amigo serviçal, se simpatiza com os seus camaradas deste mundo.

Quem não pasma, vendo como se ajeita a boa fortuna aos maus desejos de Pedro e Sancho, que espezinham a moral, a honra, a lei e o dever, e vivem folgados e venturosos como se a felicidade lhes fosse galardão de boas qualidades!?

Sem coadjuvação dum demónio extremoso, Beltrão toparia na estrada do vício, ao menos, as escarpas que se encontram na virtude. Sem intervenção do anjo das trevas, o filósofo cristão não pode conciliar a justiça divina às consequências dos actos humanos.

Há nisto assunto para discorrer muito; porém o meu fito é explicar por apadrinhamento diabólico o encontrar Guilherme do Amaral um terceiro andar devoluto à rua paralela à da baronesa de Amares.

Havia duas horas que ele era inquilino do seu terceiro andar, quando viu Augusta encostada ao ombro do poeta. Este encosto, familiar em demasia irritou-o.

Imaginou-se atraído, e deu-se uma pronta explicação do zelo farisaico e singular do falso amigo. Também andava nisto o demónio. Esta injuriosa suspeita desvaneceu-a o olhar perscrutador de Augusta, e o acidente que se lhe seguiu.

Esperou muito tempo a reaparição do poeta; viu, porém uma criada fechar a janela, que não mais se abriu.

À noite, Amaral viu luzes através dos transparentes.

Mais tarde ergueram-se os transparentes, e um vulto de mulher encostou-se a uma vidraça. Esteve aí imóvel alguns minutos. Amaral estava às escuras; e para que Augusta, se era ela porventura, soubesse que ele a contemplava, correu subtilmente a vidraça. O vulto porém fugiu ao ruído da janela que se abria. Era decerto a baronesa. Em seguida, caiu o transparente, e as portadas interiores fecharam-se.

Amaral saiu. O estômago fizera-lhe sentir que as suas leis não podem impunemente ser ab-rogadas pelos delírios do coração. Do Hotel Bragança, residência sua, Guilherme foi oito dias sucessivos passear na saleta, cuja janela dizia para um saguão do palacete. A janela dos transparentes nunca mais se abriu, nem de dia nem de noite.

Dava que cismar a Guilherme a desapareição do poeta. Buscou-o no teatro, nos cafés, nos passeios, e por fim disfarçadamente colheu dum criado do barão que o literato saíra de Lisboa. Com esta última notícia coincidiu uma carta do enigmático jornalista, datada no Porto.

Dizia-lhe que, rigoroso consigo mesmo, e cômico da importância ridiculamente austera que quisera dar-se, resolvera deixar franco e desimpedido o campo às tentativas do seu amigo. Acrescentava que não queria perder a amizade de Augusta, zelando-a como se zela uma irmã; que não queria perder a amizade de Guilherme, enfatiando-o com a teoria dos deveres, em cuja prática nem um, nem o outro tinham grande fé, se as paixões dominam.

Amaral ponderou quase nada as reflexões frias do escritor público, e respondeu-lhe com mais frieza e rebuço.

Entretanto a baronesa de Amares sofria mais do que pode imaginar-se.

O bilhete do literato, menos misterioso do que ela o imaginara, traduziu-o ela dum modo indigno da sinceridade com que ele entrara em todas as suas confidências.

É certo que o leal amigo desde esse dia ficou valendo menos no seu conceito, e essas quatro linhas imprudentes fizeram-lhe crer que o poeta, defendendo-a e aconselhando-a contra a perseguição de Amaral, reservava para si uma esperança

criminosa que não ousava manifestar-lhe.

Grande calúnia, e bem merecida paga aos que andam por este mundo desmanchando o que se acha bem arranjado no melhor dos mundos possíveis!

O que ele queria dizer no bilhete – se o devemos acreditar, e, se me deveis acreditar a mim, por lho ter ouvido – era alguma coisa muito diferente do que a baronesa imaginou. O pobre rapaz, alma de poeta e poeta sempre, apesar da acerba experiência, teimara em querer divinizar sobre a terra alguma coisa. Era amigo dela como raros homens seriam amantes; e sentiu que era quanto pode ser-se amigo, quando, colocado entre Amaral e Augusta, entendeu que era impossível distanciá-los, sem figurar desagradavelmente para ambos. Retirou-se, desamparou o posto insustentável da honra, convencido de que a baronesa sucumbiria sem grande violência. Era uma ilusão ida para o abismo de todas as outras. As linhas do bilhete, que a baronesa dias depois achou na algibeira do avental, eram a elegia dessa ilusão.

Foi mal julgado o honrado moço, e Augusta não foi com melhor juízo julgada por ele. Vê-lo-emos.

Estas explicações são impertinentes; mas a mim custava-me muito que se dissesse do jornalista o que um poeta disse de outro em circunstâncias aparentemente análogas:

*...Se arrojado fala,
Ocasões dará, donde se veja
Que não é zelo o selo, mas pura inveja.*

Se o poeta amasse Augusta, seria um homem com o quase todos; mas a consideração, com que vai à imortalidade nesta crónica, seria um diploma falso.

Amar é desejar a completa ventura do que se ama?

É resguardá-la dos maus ares que possam molestar-lhe a virtude?

É mostrar-lha as serpentes que se escondem debaixo das moitas floridas?

É arrancá-la à força dos braços duma linda quimera, e dá-la aos da realidade, menos dolorosa que o desengano da mentira?

Se amar é isto, o poeta amava a baronesa de Amares. E por isso, se o leitor, depois daquele bilhete, tinha suspenso o seu juízo, rogo-lhe, com a humildade própria de quem prega uma verdade, lhe restitua a grata opinião de que necessariamente, à vista deste romance, quinhoariam todos os poetas.

Vamos agora falar de coisas grandes e tremebundas. O cavalheiro minhoto, ferido no desafio com Amaral, achou que a sua honra precisava duma qualquer desforra, logo que conseguiu fechar o rombo que a bala lhe fizera no braço.

Planizou esperar Guilherme, e correr-lhe uma estocada. A execução do plano era fácil; mas faltava-lhe uma bagatela para executá-lo, que era a coragem. Imaginou ele ser possível a ponta do estoque emperrar num botão, no relógio, em qualquer empecilho, que desse ao agredido tempo de desfechar-lhe uma pistola sobre a cabeça. Esta hipótese modificou-lhe o plano, e fê-lo recorrer a outro menos arriscado.

Resolveu comprar assassinos. Encontrou-os chãos e abonados para a empresa. Fez espionar os passos de Amaral, e soube que ele entrava e saía todas as noites duma casa, junto ao cais do Sodré.

Uma noite, pois, Guilherme do Amaral, depois de contemplar duas horas as janelas de Augusta, saiu meditando um esforço de desesperado para chegar à presença dela.

Ao passar debaixo dum arco escuro, que corta a rua do Alecrim, viu dois vultos. Passou por eles sem reparo, e dera alguns passos quando sentiu uma forte pancada na cabeça, e logo uma dor aguda como de punhalada nas costas. Perdeu os sentidos e caiu.

Os sicários fugiram impunemente, não obstante os gritos de socorro dum praticante de farmácia que presenciara da porta da botica o rápido conflito. Vieram patrulhas que rodearam o ferido, e, para prenderem alguém, prenderam o primeiro homem que encontraram. Este homem era o barão de Amares, que passava para sua casa, e foi levado à botica onde fora conduzido Guilherme.

Não faltou ali quem conhecesse o capitalista; e os soldados, receosos de serem castigados pelo seu estremado zelo, pediram mil perdões ao barão.

Amaral estava gravemente ferido. Queria saber o regedor quem era o sujeito para o conduzir à sua família. Amaral não respondia, nem recuperava o alento.

O barão de Amares disse:

– Eu sei quem é este sujeito. Eu mando aqui já os meus criados para o levarem a minha casa.

O barão, enquanto dois criados saíram com uma cadeira de braços para conduzir Guilherme, entrou no quarto de sua mulher e disse-lhe:

– Augusta, faz preparar depressa uma cama, que vamos ter um hóspede em perigo de vida.

– Quem?

– É preciso pagar uma dívida, minha prima. O senhor Guilherme do Amaral tratou-me muito bem em sua casa, quando eu me quis matar; agora é necessário mostrar-se a gente agradecida, e pagar-lhe na mesma moeda.

– Pois ele está ferido?! – exclamou a baronesa.

– E parece que muito ferido. Foram agora dois criados buscá-lo à botica, onde foi levado por uma patrulha, que me prendeu por suspeito.

– E quem o feriu? – bradou ela lançando ao marido um olhar de terrível desconfiança.

– Eu sei lá quem o feriu, menina! Ele melhor o saberá... Ora vamos, vai dar as tuas ordens e trata-o como ele me tratou. Chamem-se cirurgiões já, já. Quero que lhe não falte nada.

Guilherme do Amaral pouco depois era lançado sobre uma cama. Vieram os facultativos, e repartiram os seus cuidados entre os dois doentes. Ao lado do ferido, escondida nas cortinas do leito, estava uma senhora desmaiada nos braços duma criada.

Amaral abriu os olhos, quando lhe rapavam o cabelo para lhe curarem a profunda ferida da cabeça. Viu em redor de si gente desconhecida. Perguntou a quem devia agradecer o favor de o levantarem da rua. Um médico disse-lhe que estava em casa do senhor barão de Amares.

– Como?! exclamou Guilherme, sentando-se no leito com ímpeto que os assistentes reprimiram.

O barão saiu detrás das pessoas próximas do leito, e disse:

– É verdade, senhor Amaral, eu tomei a liberdade de o trazer para minha casa, onde vossa excelência terá os cuidados que lhe dariam na sua.

Amaral reconheceu-o. Balbuciu uma resposta, cortada pelos vágados causados pela perda de sangue, e, mais ainda, pela comoção moral.

A polícia, informada do acontecimento, e sabendo que o ferido não era qualquer que se deixasse curar ou morrer à vontade, apareceu em casa do barão, duas horas depois do sucesso.

Amaral custosamente podia responder às perguntas.

Disse que não conhecera os vultos, nem podia formular em acusação simples suspeitas. Instou a autoridade solícita pela revelação das suspeitas, e Amaral proferiu o nome do covarde, que se batera com ele.

Enquanto os partazanas, aguazis, beleguins e toda a importante chusma de furões

administrativos farejam a pista duvidosa dos assassinos, sentemo-nos junto ao leito de Amaral.

Os cirurgiões acabam de pensar-lhe o grave ferimento da punhalada nas costas, e retiram do quarto recomendando todo o cuidado em não fazer bulha. Guilherme está febril, e parece agora dormir, agitado por sonhos maus, e logo desperta, estrebucha, murmura palavras ininteligíveis, geme e descai na letargia.

É meia-noite. O cirurgião recomendou à enfermeira que velasse cuidadosamente o aparelho da ferida, e foi deitar-se na antecâmara. Se o doente acordasse sobressaltado, recomendou ele que o chamassem.

O silêncio é quebrado pela respiração profunda e cavernosa de Guilherme. A criada, quando o vê agitar-se, sacudindo de si a roupa com as mãos, corre a submeter os lençóis. Amaral pede água. A enfermeira vai perguntar ao cirurgião se pode dar-lhe, e vê a baronesa encostada ao alizar da porta que separa este doutro quarto.

– Vossa excelência estava aqui?! – disse ela.

– Poderei dar-lhe água?

– Podes; vai buscá-la que eu fico aqui.

Augusta dá dois passos dentro do quarto, vacila, e encosta-se ao toucador, trémula e como transida de medo. Amaral dá um novo repelão à coberta, pedindo água, e braceja de modo que desata uma ligadura que dava laçada num dos ombros. Os parches caem e deixam ver os panos tingidos de sangue.

Augusta corre impetuosamente ao leito, como se a impelisse uma força estranha. Toma as extremidades da ligadura e quer atá-las no ombro. Amaral crava os olhos nela, afasta da testa os cabelos empastados do suor, e permanece, enquanto a ligadura é atada, na imobilidade do êxtase.

Augusta vai retirar-se, sentindo-se em risco de desfalecer, quando sente a mão apertada pela mão abrasadora do doente. Exerce em vão um débil esforço para fugir.

– Não fuja... – disse com voz sombria Guilherme. Entrava a criada. O esforço de Augusta redobrou, e a mão que a sustinha caiu como insensível.

A baronesa, quase desfalecida, não pôde sair do quarto: vai sentar-se aos pés do leito, e as lágrimas que uma dolorosa coragem estancara, descem-lhe dos olhos copiosas.

Amaral bebe a água com sofreguidão. Fita os olhos pávidos na aterrada enfermeira e recai no torpor febricitante.

Pouco depois acorda gemendo.

A baronesa faz chamar o cirurgião e retira-se. Este escuta a respiração do doente, trémula e irregular como de estertor. Vê-se-lhe no semblante a sombra da dúvida terrível.

É o barão que entra agora, e consulta o facultativo.

– Receio que algum vaso importante da respiração esteja ofendido. Há noventa e nove probabilidades contra – disse ele.

Foi mais longo o relatório dos receios do cirurgião. O sensível dono da casa, sem entendê-lo, concluiu que Amaral estava perigoso. Queria logo invocar uma junta de médicos. O assistente, ferido no amor-próprio, disse que muita gente reunida à beira dum moribundo não lhe dava vida. O barão retirou-se desanimado. Quis procurar sua mulher; porém era triste a notícia que lhe levava. Recolheu-se ao seu quarto, e disse no silêncio da sua nobre alma: – Se eu não tivesse casado com minha desgraçada prima, este acontecimento não teria lugar.

Pois o barão sabia que Amaral fora ferido de morte por dois assassinos comprados pelo detractor de sua mulher? Pergunta racional.

Sabia. Uma hora antes recebera ele no seu escritório uma carta do administrador

do bairro. Dizia-lhe que os assassinos foram presos no *Largo das Duas Igrejas*. Interrogados, responderam que tinham sido ou haviam de ser pagos daquele serviço por um cavaleiro, cujo nome era justamente suspeito a Guilherme do Amaral. O barão estava, pois, no caso de atribuir ao seu irreflectido casamento a cadeia de infortúnios que principiava pela morte do homem que sua mulher amara, e amava e amaria sempre. O barão sabia-o. À grandeza de coração associava a penetração do espírito.

Entretanto a baronesa não saía do quarto imediato ao do enfermo. De cinco em cinco minutos vinha pé ante pé escutar-lhe a respiração. De madrugada a enfermeira adormecera, pondo a cabeça entre os joelhos. A lamparina apagava-se; Augusta entrou no quarto para renová-la; e como Amaral dormia serenamente, encostou-se à cabeceira do leito, encoberta com o cortinado. Contemplou-o longo tempo, estremecia ao menor ruído remoto na casa, achegava-se à parede a cada ligeira convulsão do febricitante.

Soaram as nove pancadas das *Avé-Marias*. Augusta ajoelhou de mãos postas, orou, e chorou tão perto do leito, que lhe chegava à face o hálito quente de Guilherme. E ficou assim, largo espaço, com o rosto encostado às mãos e os olhos cheios de lágrimas, embevecidos nas faces cavadas daquele homem – o homem da sua alma, a paixão incurável de toda a sua vida – ali moribundo, talvez morto, horas, instantes depois!...

Amaral delirando, disse palavras roucas e sufocadas.

A enfermeira despertou estremunhada, e, vendo a baronesa naquela postura de quem reza, exclamou:

– Morreu?!

Augusta fez-lhe um gesto de silêncio. A criada pasmou de ver assim sua ama banhada em lágrimas. Excepto o barão, naquela casa todos ignoravam quem fosse Guilherme.

O delírio prosseguia, e as frases saíam algumas vezes claras. Augusta ouviu estas:

Olha, Augusta, que fonte de água tão pura... Bebamos, e depois vamos colher flores do monte para coroar a fronte cadavérica do que primeiro morrer... Manda selar os cavalos, e vamos passear, Augusta... Recolhe este sangue das minhas feridas... Cada gota do meu sangue é uma lágrima de menos que os meus olhos hão-de chorar por ti... Fugamos para o sagrada de um cemitério, e os mortos se compadecerão de nós... Cravaram-me um punhal no coração, mas não puderam matar a tua imagem. Augusta... quando o sol se escondia no mar, o último raio que dava à terra iluminava a tua face angélica... Meu saudoso Caudal, meu paraíso... lá está sepultada a minha felicidade...

Augusta, como se o coração lhe estalasse no peito, gemia o som desse interno despedaçar-se. Ergueu-se arrebatada, levou as mãos à frente, deixou-se cair nos braços da criada, e prorrompeu num choro, que junto aos gritos da outra, acordaram o cirurgião, e quebraram o delírio do doente.

– Que é? morreu? – exclamou o assistente

– Que tem esta senhora? – interrogou ele aproximando-lhe a luz da face – Desmaiada!... pela segunda vez!... Este sujeito é parente da senhora baronesa?

– Eu não sei... – disse a criada.

O barão, cuja insónia fora tormentosa, entra neste momento.

– Sua senhora – disse o facultativo – está neste estado. Queira fazer-lhe aspirar algum sal.

– Isto passa – disse o barão com um desalento digno de piedade. Ajudou a transportar Augusta ao seu quarto, deitou-a no leito, viu-a recuperar os sentidos, e

quando ela ia abrir os olhos, retirou-se sem ruído, para esconder as lágrimas.

XX

Dizem que eu desacredito o barão de Amares, denunciando a bondade sandia, se não é antes a miserável aquiescência dum marido que procede tão ao invés da praxe estabelecida. Negam fé à possibilidade moral dum marido assim, e pensam que eu estou criando aqui um tipo original, com as pretensões vaidosas de tranquilizar as consciências de alguns cônjuges que ostensivamente não são menos virtuosos que o meu barão. Acrescentam que eu estiro tanto o arco da virtude, que estalam as sedas: donde resulta que a magnanimidade do marido de Augusta se muda para tolerância ignóbil; e o que eu faço, com a intenção de captar a simpatia a favor do barão, desafia o riso sincero em menoscabo dele.

E o leitor, que é decerto o mais honesto de todos os leitores, o que pensa a este respeito? Se é marido, perdoe-me a inconveniência da pergunta, que encerra virtualmente uma hipótese menos lisonjeira para a sua impecável companheira. Se está em riscos de o ser, também me não serve a sua resposta, porque o senhor necessariamente vai dizer-me que a sua noiva é uma pessoa divina, do que eu estou sinceramente capacitado, e não quero de modo algum pô-la em confronto com os lapsos das pessoas humanas.

Divina, e ainda humana, *quantum satis*, é um impossível absoluto (concedo-lhe o mais que posso) achar-se o meu prezado leitor colocado por ela em circunstâncias idênticas do paciente Francisco de Lordelo. Em honra do sexo mimoso em particular, e da humanidade em geral, devo confessar que houve uma só Augusta e um só Francisco, conquanto os Guilhermes sejam numerosos, e até me palpita que o leitor, se não é um, a boa vontade devemos agradecer-lha.

Augusta há uma só; porque não sabemos onde está a outra que fizesse do seu coração a urna das cinzas dum amor desgraçado, e cedesse o resto, quero dizer o corpo, como penhor de gratidão, valioso para quem lho recebeu, mas não para ela, que esperou seis anos resgatá-lo pela morte, e completar a ânsia da sua alma na superabundância do amor infinito.

Há um só Francisco, porque não conheço o outro que aceitou o corpo sem alma da mulher que se fez, como em contrato de casamento, reserva do coração, reserva das suas tristezas, e inviolabilidade nos sentimentos que seu marido em vão queria entender.

Mas o que sobretudo distingue – diz a critica – este marido dos outros, é a *imbecilidade*. A boa sociedade não cria alarves destes. Embora por cá se aceitem mulheres na condição da costureira, e até em condição pior, os aceitantes não transigem com as cláusulas tácitas ou expressas. Caso elas se desmandem do seu dever, um marido, que não respeita precedências e é legítimo dono da sua propriedade, dá ao diabo o romantismo da mulher, e, se a não esfaqueia à laia do herói de Shakespeare, ao menos fecha-lhe as janelas, suspende-lhe as relações com a modista, inventa pretextos para não ter camarote no teatro, faz-se ateu para a não levar à missa, calunia as famílias que o visitam para que sua mulher lhes não pague a visita, faz orçamento da carestia dos géneros para não dar chá aos hóspedes: enfim, um marido esperto e experto, antes de chegar ao extremo de fazer frases trágicas com a suspeita consorte, tem muitos subterfúgios decentes com que possa esquivar-se ao desgosto de ser derrotado mais cedo, podendo sê-lo um pouco mais tarde. De acordo.

O cronista destas coisas, se não pode depor como autor ou réu em semelhantes pleitos, graças a Deus, admite a veracidade da explicação, e faz votos porque a prática de semelhante método continue a lisonjear a sagacidade dos maridos, e a provar a paciência das mulheres. O autor, outrossim, compreende quão amarga seria a vigilância

desses bons maridos, quase sempre beneméritos dos necrológicos e epitáfios, se a desgraça lhes tivesse insuflado no peito um coração capaz de sentir a ignomínia de tal espionagem. Recebam eles pois os cordiais parabéns da sua esperteza, e esfreguem as mãos no júbilo de calafetarem as suas portas à imoralidade que lhe fareja a virtude... *virtude?! pois então o que é senão virtude?!*

Mas não sirva a desigualdade dos dons providenciais de remontar a soberba dos mais favorecidos.

Não mofem do barão de Amares, porque entrou no quarto de Amaral, e encontrou sua mulher desmaiada, porque a transportou à sua cama, e vendo-a recuperar os sentidos, retirou a tempo de a não acusar com o seu silêncio.

Respeitem esse homem, que é um desgraçado. Não o capitulem de estúpido, por ser bom. Lembrem-se que a sociedade está corroída até à medula de herpes mais ascosos, de vergonhas mais repulsivas. Concedam ao barão de Amares a preeminência entre os maridos que esgotam à surdina o cálice da desonra, com rosto prazenteiro, contanto que a sociedade os não veja. Concedam-lhe à alma os brios irritáveis que outros fingem ter na cabeça. Julguem-no pobre de espírito, ou alma de lama, que eu, em nome dele que não quer mal aos seus detractores, desejo para todos os maridos uma esposa que saiba respeitá-los como a baronesa de Amares respeitava o homem que não ousa perguntar-lhe porque desmaia na presença do seu antigo amante.

O defeito capital deste romance são as nesgas explicativas críticas e filosóficas que eu, cerzidor de mau gosto, entalho aqui e acolá como quem não tem imaginativas de peripécias inopinadas, farfalhudas e estupendíssimas!

Estão enganados a este respeito. Eu sou capaz de os deixar com o fôlego em meio no fim deste capítulo! Tenho aqui ao pé de mim seiscentos volumes de letras e reticências, seara feracíssima onde eu colhi muita papoula, e o leitor de olfacto subtil aspirou sorvos de entusiasmo que lhe embriagaram a fantasia. Sou muito versado nestes expositores, e sei de quatro lances de mão-cheia que arrepiam os cabelos à gente. Reservo-os – e aí vai o segredo – reservo-os para o final, onde espero que haja sangue, muito sangue, muita mulher perdida, muito suicídio, mosquitos por corda, os meninos órfãos a cavalo, coisas do arco-da-velha, das quais coisas, e doutras que omito para não ficar inferior ao programa, depende a minha reputação, e direi mais – a minha imortalidade.

Entretanto prossigamos o ronzeiro andamento dos sucessos.

O cirurgião de Amaral, recompondo o aparelho doze horas depois do ferimento, parecia animado de boas esperanças. Veio o médico e confirmou-as. O ferro resvalara ao longo das costelas, lacerando apenas os músculos intercostais, e a inserção de outros de menor importância. A febre diminuía com admirável decremento. O golpe da cabeça tocara ligeiramente o osso, e os bordos da chaga apresentavam sintomas de pronta cicatrização.

Durante o dia imediato Guilherme do Amaral foi constantemente procurado pelos seus antigos conhecidos de Lisboa, pelos amigos obsequiosos do barão, e pelos agentes de polícia, que prosseguiam em suas solícitas averiguações acerca do cavalheiro minhoto, que desaparecera. Amaral guardava a este respeito uma admirável reserva. Apenas disse, quando as instâncias o incomodavam:

– Eu não requeiro à justiça a minha desafronta.

Deve notar-se que o barão evitou quanto pôde achar-se com Guilherme sem testemunhas, e Guilherme desejava também não vê-lo só. Augusta informava-se das melhoras de Amaral, sem sair do seu quarto. A criada, testemunha do lance que a delatou, não perdia ocasião de levar-lhe a boa nova, e, pela diligência com que o fazia, dava a conhecer com quanto agrado se incumbiria de qualquer mensagem.

Ainda há almas boas.

Ao descair da tarde recrudescou a febre do enfermo. Reviveram as suspeitas terríveis da cirurgia com mais temor. Veio o médico, que lhe abonara de manhã a cura, e julgou que ainda não fora chegado o ensejo de acertar uma vez. Chegou logo a triste nova ao quarto de Augusta, e a pobre senhora abraçou-se a uma Virgem da Conceição, com a imensa fé dos desesperados. Assim a vira o barão, entrando no quarto. Surpreendida, mas não conturbada, a baronesa estendeu a mão a seu marido, e disse:

– Está pior? já sei.

– Eu logo vi que as muitas visitas lhe fariam mal... Mas pode ser que passe o crêscimo.

– É bem desgraçado! – exclamou Augusta com agonia.

– Não é feliz, não... Deve bem pouco à fortuna o pobre rapaz... – disse o barão, encostando os cotovelos ao toucador, e apoiando a face nas mãos.

– Somos nós a causa da sua morte... – tornou ela, reprimindo a impaciência da aflição que precisava responsabilizar alguém, ainda que fosse um inocente.

O barão sentiu-se vergar debaixo do peso da acusação que ele próprio se fizera; ainda assim ele sabia que a sua culpa tinha defesa; quis defender-se, mas receou agravar a angústia de sua prima.

– Somos bem desgraçados todos três... – tornou Augusta.

– Se eu morresse... – murmurou ele – éramos todos felizes...

E Augusta sentiu neste momento o remorso da intenção injusta das suas queixas.

– A tua morte, Francisco, não transtornava a minha sorte desgraçada... – disse ela.

– Quem sabe?!

– É preciso que nos vejamos todos morrer vagarosamente... Deixa-me dizer-te... não fizeste bem trazendo Guilherme para esta casa.

– Pois eu cuidei que fazia o meu dever, e o que tu farias nas minhas circunstâncias...

– O que eu fazia podia ser uma grande loucura...

– Pois eu, minha prima, ainda me não arrependi de trazer para nossa casa um homem que me teve, na sua, em tratamento duma ferida mortal. Ele consentiu que tu fosses a minha enfermeira, e eu não levo a mal que sejas também a enfermeira dele. Se morrer, não morre sem conhecer que tu não és sua inimiga, e eu queria que ele conhecesse que o fabricante de Lordelo tem boa alma, embora não tenha educação nem nascimento. Diz-me o coração que esse homem não é capaz de ofender a honra de quem o trouxe para sua casa, e lhe faz o que faria a um irmão. Deus me não dê o prazer de o ver bom, se eu tenho medo que tu me faças arrepender, minha prima. Se eu me engano, então não há nada certo neste mundo... é tudo falsidade e traição... Eu sei que me não amas, mas tanto faz ofender a minha honra como a tua... se me ofendesses, não queria sentir o que tu sentirás... porque sou teu amigo, e não me lembro de que sou teu marido...

O pobre homem tinha a face coberta de lágrimas. Augusta achou-se insensivelmente nos braços dele.

Ouviram-se gemidos de Guilherme, e o barão saiu.

Horas depois, o cirurgião reanimado com o sono tranquilo do enfermo foi deitar-se, asseverando outra vez que não desesperava da salvação de Amaral.

A baronesa, quando o silêncio era profundo em toda a casa, entrou no quarto, onde apenas se ouvia o estridor da enfermeira adormecida. Foi junto do leito pé ante pé; e, não ouvindo a respiração de Guilherme, assustou-se, e tomou-lhe o pulso convulsivamente.

Sentou-se ao lado da cama, tão perto que se encostou à roupa que exalava o

fartum ácido da febre.

Difícil seria explicar o semblante feliz de Augusta! Se não era a esperança de o ver salvo, agourada pelo sereno sono que ele dormia, poderá pensar-se que era o júbilo de se ver ali, face a face sem testemunhas, sem que ele a visse, contemplando-lhe uma a uma as linhas do pálido rosto, onde ela imprimira tantos ósculos de amor agradecido? Nem respirava! Tão Intima, tão absorvida estava naquele gozo, que lhe trazia aos olhos as poucas lágrimas felizes do coração!

Este enlevo durara uma hora fugitiva.

Amaral estremeceu. Augusta ergueu-se para sair, e, pensando que ele reatara o sono cortado, sentou-se outra vez, Guilherme não dormia. De repente voltou-se para o lado dela, não podendo suportar a dor da espádua ferida, e viu-a erguer-se aceleradamente.

–Augusta! – disse ele, fitando-a com suplicante gesto.

– Não se mova, que desata as ligaduras... – balbuciou ela denunciando o contrafeito sossego com o tremor da voz.

– Deixa-me morrer, Augusta... – replicou ele, alongando os braços em postura de quem implora.

– Não há-de morrer... – tornou ela, chegando-se maquinalmente ao alcance da mão que diligenciava tocar-lhe.

– Que situação esta! – murmurou ele.

– Não fale... por quem e... o cirurgião proibiu que lhe falassem.

– Pois sim, não falarei, mas não me fujas... Se queres que eu viva, não me desampares... Deixa-me convencer que a minha Augusta... a *minha!*

Esta última palavra perturbou-lhe a radiosa serenidade do gesto. Dir-se-ia que os olhos lhe recuaram nas pálpebras, e a crusta negra dos lábios se contraíra queimada pelo ligeiro sorriso que voou neles.

A baronesa não pôde sofrer aquele olhar de profunda agonia. Baixou os olhos, secos de lágrimas, e disse em si: «Porque não fugi eu?»

Guilherme não desviava da face dela a sombria vista. Se descerrasse os lábios às ideias que se lhe atropelavam na cabeça vulcânica, terríveis palavras ouviria a infeliz! No rosto, quem pudesse mirá-lo de ânimo frio, ver-lhe-ia o revérbero do incêndio que lá ia dentro. A piedade, porém, se não foi o amor, se não foi a consciência da sua situação, tolheu-lhe o som das expressões sarcásticas que lhe acudiram ao primeiro assalto.

– Perdoemo-nos ambos... – disse ele, recaindo na extenuação.

Augusta levantou para ele a vista lagrimosa.

– Não chores... – tornou Guilherme. – Se é a minha morte que te magoa, crê, Augusta, que o céu se compadece de mim.

– Não morrerá... por Deus!... tenha esperanças...

– Esperanças!... Se é o amor perdido, o nosso amor perdido para sempre... que tu choras... é inútil chorar... acabou-se tudo... ontem.

Isto foi dito em convulsivo sobressalto. O rubor do sangue encarnou-lhe o rosto, e a luz frouxa do quarto parecia ofender-lhe os olhos, que se fecharam. Ficou letárgico, imóvel, sem sinal de vida mais que a débil, mas impetuosa circulação do pulso.

Augusta encostou o ouvido aos lábios dele, e esteve curvada alguns minutos, com o cotovelo tão perto do ombro de Amaral, que a sua primeira lágrima lhe caiu na face, e as outras escondeu-as na travesseira em que ele tinha a cabeça.

Atemorizada com a celeridade da respiração, Augusta quis chamar o facultativo, mas Amaral descerrando levemente as pálpebras, vendo-a tão junto dele, sentindo-lhe a respiração suave como um refrigério, tomou-lhe a mão quase sem poder resistir ao mais pequeno impulso que ela fizesse para tirar-lha.

– Eu vou chamar o cirurgião... – disse ela.

– Não vás...

– Está outra vez com a febre...

– Estou bem... estou bem, Augusta... Deixa-me tratar-te assim... Ainda não pude...

– Cale-se por piedade...

– Por piedade comigo mesmo?... não quero tê-la...

– Por piedade de mim... de mim...

– Mas o silêncio mata-me mais depressa, Augusta... Eu não sei se torno a ver-te... neste mundo... No outro sim... lá és minha, sempre minha... ou a bem-aventurança não existe para os desgraçados do mundo... como eu... e como... És tu feliz?

– Feliz, meu Deus!...

– Se não és feliz, posso dizer o que tenho no coração... a bem-aventurança existe para os desgraçados, como eu, e como tu... Mas eu preciso dizer-te, neste mundo, alguma coisa mais que um *adeus* até à eternidade... Pedi-te perdão... negaste-mo...

Não, Guilherme, não neguei... Perdoei... perdoei... juro pelas dores de Maria Santíssima...

– Não precisas jurar, filha... Se me perdoaste, deixa-me agradecer-te, como posso, a felicidade que me deste neste instante... beijo a tua mão, que não fica desonrada por este beijo... é de gratidão... por teres perdoado ao infeliz que tens em tua casa, no teu leito, velado por teu... marido... *Marido*... sim... é atroz!... mas o coração sucumbe ao reconhecimento... Pede-me também perdão a mim, Augusta... Não peças... eu perdoo sem rogos, a ti, Augusta, casada... tu, casada!... a minha providência, o meu amor, a minha filha, a minha vítima, a minha... infeliz Augusta!... Não chores assim... Eu não quero magoar-te... Ânimo, e perdão... e paciência... Eras venturosa se eu morresse... Sei que desejas a morte... porque sei que me amas... que me não esqueceste nunca... Tenho disso uma certeza amarga... Devia tê-la antes que mo dissessem... Pois que outro homem podias tu amar!... Quem te deu essa alma, Augusta? Quem te encheu o coração de amor e de fel? Fui eu... Também tu me fizeste o homem de hoje... Não te senti alguns anos no coração; mas tu estavas cá. Devias aparecer-me, logo que as vergonhas da minha vida me deixassem livre a sensibilidade nobre... Não posso... senta-te aí... e espera...

– Descansa, Guilherme... pelo que eu tenho sofrido te rogo que não fales... Amanhã, eu prometo vir amanhã aqui muitas vezes... Então me dirás tudo que tiveres no coração... e eu tudo aceitarei.

– Não tens nada a rejeitar, nem a aceitar, Augusta... O que eu te disser é do passado. O futuro para nós acabou, desde que os braços do teu marido ajudaram a lançar-me nesta cama... Entrei num asilo sagrado da honra... da honra que mata o coração... Oh! a morte, a morte, felizmente... Isto acabou quando devia acabar... Eu te reconheço, Providência Divina!...

– Jesus! oh Guilherme, não te exaltes assim... Faz um esforço para estares tranquilo... Dá-me a tua vida como a darias a uma irmã querida... Deixa-me ter a glória de que te faço sentir o desejo de viver...

– É o contrário, Augusta... de morrer, sim... Pois a minha vida o que seria de hoje em diante? Se te amasse menos, seria um sacrifício menos tormentoso, renunciar-te, perder-te... de todo... sacrificar-te ao respeito com que devo poupar-te, mulher casada...

– Mas tu não crês que é felicidade existir unida à virtude? temos ainda tantos recursos, Guilherme! Serás o amigo desta casa, e acharás aqui a mesma amiga carinhosa do Candal...

– Por Deus! não profiras essa palavra... É quando eu sinto entrar-me no coração a morte... com todas as lembranças da minha negra vida desde que lá te deixei...

desamparada do teu verdugo...

– Verdugo, não...

– Sim, verdugo deste suplício que sofres há cinco anos, e sofrerás... até à morte...

– Eu estou resignada, Amaral... e espero ser feliz... contigo...

– Comigo?! na eternidade...

– Aqui... e lá, Guilherme... sem que a consciência me acuse da culpa aos olhos de

Deus...

– Mas de ignomínia aos olhos da sociedade?

– Também não... veras que não, meu querido amigo...

A enfermeira, que fruía até então as delícias ressonantes do mais imperturbável sono, acordou estremunhada, ergueu-se esfregando os olhos rebeldes, e cambaleou até ao leito, junto ao qual a baronesa sem querer esconder-se ao pasmo da criada, conservava ainda a sua mão na de Guilherme.

A criada recuou vexada do seu indiscreto reparo, e quis corrigir a sua imprudência saindo cabisbaixa do quarto.

A impressão, porém, que recebera, não lhe alvoroçou tanto o espírito eternamente opiado, que ela não conseguisse, na antecâmara, afinar o primeiro ronco pelo diapasão do último.

XXI

Deram Amaral livre de perigo no dia imediato. Os facultativos, porém, saíram do quarto dele para entrarem no da dona da casa, conduzidos pelo assustado barão.

Augusta, depois de três dias e três noites de vigília, atribulada de receios e comoções, caíra, enfim, sob o peso da imensa amargura. A sua doença oferecia os sintomas de todas as doenças agudas. Capitularam-na de febre tifóide.

O barão não desamparava o leito de sua mulher. Rodearam-no logo as suas amigas, e entre tantas uma só lhe era grata ali, porque só uma lhe saberia refrigerar o coração ansiado no fogo que lhe vinha à face.

Os intervalos em que as deixavam sozinhas eram curtos. A baronesa podia apenas, descerrando as pálpebras, e humedecendo os lábios com a língua roxa, perguntar a D. Maria dos Anjos por Guilherme.

D. Maria dos Anjos era a amiga dilecta de Augusta. Estas duas mulheres deviam encontrar-se. Maria, cuja história o leitor poderá ver, se quiser, num romance que vem à luz com o título *Lágrimas abençoadas*, abria o seu coração à confiança das desgraçadas que fizeram da desgraça um título de nobreza, distinta entre as mulheres virtuosas à sombra duma posteridade sem nuvens. Maria dos Anjos, então feliz, fora um raro modelo de resignação no infortúnio, e aprendera lá palavras de amor e alívio, que nunca encontraram as dores rebeldes. Onde suspeitava uma pena, denunciada por lágrimas furtivas, ia com afagos e doçuras sondar o segredo dela, e não havia coração pertinaz que se lhe não mostrasse, numa ferida impossível ao bálsamo do seu condão consolador.

Era esta a amiga da baronesa. Conheceram-se, e amaram-se, logo que Augusta lhe foi suspeita de mulher infeliz. Mais se amaram ainda, ou mais Maria dos Anjos se insinuou na sua intimidade, quando, nos salões de Lisboa, soaram rumores bastante injuriosos aos precedentes de Augusta, antes de sair do porto.

Nesse dia a baronesa contou-lhe a sua vida minuciosa e verdadeira, como se Deus, testemunha de todos os instantes dela, estivesse ali para desmentir-lhe uma falsidade. Maria pagou angelicamente esta confiança: ouvia-a chorando, e desoprimia-a desafiando-lhe lágrimas com as suas. Falava-lhe muito em Guilherme, liberalizando-lhe ocasiões de desafogo; acompanhava-a nos amargurados enlevos com que ela fantasiava a sua felicidade perdida; e, depois que o espírito descia do raptó doloroso, Maria brandamente lhe invocava a razão com palavras unidas de amor divino, e paciência evangélica. Viveram anos assim, até que Amaral apareceu em Lisboa.

Estas poucas linhas bastam para esboçar o carácter da mulher que tem a face encostada ao travesseiro da baronesa de Amares.

Augusta sente que lhe apertam a mão, e fita os olhos turvos na sua amiga, que lhe diz:

– Está livre de perigo, e muito animado; pediu-me que viesse ao pé de ti, que te pedisse pela bem-aventurança de tua mãe que dominasses a tua alma quanto é preciso para a felicidade dele.

– E eu posso? – balbuciou ela. – O meu mal também é do corpo... Já nada posso sobre o espírito... Se morrer, é aí que está a felicidade de ambos... de todos... Vivendo, não.

– Mas, Augusta... – replicou Maria – não querias tu que ele fosse teu amigo como irmão?

– Se queria.... mas ele disse-me esta noite que apenas... Não posso, Maria!...

– Que apenas pudesse sair de tua casa, pagaria com lágrimas a hospitalidade, e

não tornaria a ver-te...

– Mais... mais...

– Bem sei: disse-te que não podia ser testemunha impassível da autoridade que teu marido...

– Isso, isso... matou-me!...

– Olha, filha... ele disse-me agora o contrário...

– Que te disse?

– Quer ser teu irmão, quer ser tudo o que tu quiseses que ele seja...

– Não pode... – murmurou a baronesa tiritando na alternativa do frio febricitante – Não pode... nem eu... Jesus me valha!... Vai vê-lo, vai, por quem és... Eu queria viver... diz-lhe que não morro... que não quero morrer sem vê-lo feliz.

Maria dos Anjos, entrando no quarto de Guilherme, respondeu com um sorriso esperançoso ao olhar interrogador do enfermo. Estava ao pé dele Álvaro da Silveira, marido de Maria, testemunha do duelo.

O diálogo em que estavam continuou na presença da carinhosa confidente de ambos.

Dizia Silveira em voz recatada:

– O que sobretudo me espanta é o procedimento do barão! Vão lá dizer, depois disto, que as grandes almas são inflamadas somente pelas grandes inteligências! Eu sei que a baronesa não exerce sobre ele a autoridade que faz estupidamente servil um homem sem dignidade. Conheço bastante O coração humano, e não posso crer que o barão procure por este modo afastar o perigo que se lhe afigura eminente! É maravilhoso este homem.

– Eu penso – disse Amaral – que o contacto de Augusta faz prodígios, Não é ele, é ela que os faz. Não se sabe o que é magnetismo, nem o traspasse de vida entre duas almas sem algum traço de semelhança; mas eu creio no fenómeno; e respeito a virtude de Augusta no heroísmo deste homem.

– E não seria a Providência? – atalhou Maria dos Anjos.

– A Providência em tudo... – tornou Amaral – Tem-se mostrado bem patente a Providência, minha cara senhora. Conduziu-me agora pelos perigos da desonra, atirou-me ao fundo do abismo, para que eu de lá a visse em cima, prometendo-me a salvação... Pois sim, eu aceito a Providência da religião, aceito a fatalidade dos que não têm Deus, nem precisam dessa palavra para explicar as infernais inconsequências deste mundo... Como queiram... Aceito tudo.

– Não penses assim! – interrompeu Álvaro. – Faz que te seja útil a desgraça, Guilherme, aliviando o coração dum peso de remorso...

– Eu não tenho remorsos... – disse ele serenamente. – O mal que fiz é incomparável ao mal que tenho recebido. Augusta pode pedir-me contas da sua felicidade; e eu amando-a com a paixão que me pune, desde hoje em diante não posso dizer-lhe a ela que me receba o coração arrependido em desconto das suas lágrimas. É muito sofrer para uma culpa das que não pesam na balança da lei, nem na consciência...

«Que fiz eu? A minha mocidade devoraram-me as ilusões; vivi fora deste mundo; consumi-me no fogo vivo da imaginação; atirei-me alguma vez sobre a lama da terra, e encontrei reputações das que eu já não podia manchar. São estes os crimes que eu expio? Oh! a vossa Providência, meus amigos, é caprichosamente pueril! Depois que desamparei Augusta, sabeis o que a minha vida foi lá por fora, desde que uma mulher que eu queria fazer minha me perguntou se eu queria ser o pai do filho que lhe estremecia no seio? E depois... quanto custa ser cínico? quantas afrontas se recebem até fazer de ferro o coração?

– E não veio a Providência por fim?! – tornou Maria.

– Veio – disse Amaral com branda afabilidade – veio... reconheço-a em vossa excelência, que está aqui ao pé do leito dum enfermo, ensinando-o a erguer as mãos para agradecer a Deus uma cadeia de infortúnios que o hão-de prender à sepultura...

– É uma ironia... – atalhou a amiga de Augusta – Se meu marido lhe contasse os seus padecimentos, e a minha amiga lhe contasse os meus!...

– Provar-me-iam que a desgraça é o quinhão de muitos neste cruel festim da vida...

– Não é só isso; provar-lhe-íamos que há muitos que venceram a desgraça, com o corpo entregue à dor e o coração em Deus.

– E então, Amaral – acrescentou Silveira – confessa-se a Providência, curva-se o joelho, e o crente agradecido não se envergonha de dizer ao homem do mundo endurecido pela ciência ou pela desgraça: «Sê virtuoso e serás feliz.»

– Pois bem... – tornou Amaral – eu serei virtuoso... e esperarei a felicidade, em que não creio... Mas tirem-me daqui... é necessário que eu comece já destruindo, cortando as ligações que me aproximam desta desgraçada mulher...

– Mas isso é matá-la... – interrompeu Maria.

– Pois eu fico pertencendo a esta família? – redarguiu Guilherme com um triste sorriso – como imagina vossa excelência que pode sustentar-se esta falsa posição?

– Pois não me prometeu viver para ela como irmão?

– Não nos enganemos; mas enganemo-la a ela se é preciso, Maria – ocorreu Álvaro da Silveira. – Guilherme quer salvá-la das impressões que lhe causou: é necessário iludi-la; dê-se-lhe o impossível como esperança: e depois veremos como tu convertes essa esperança em remédio.

Foram interrompidos por contínuas visitas, e recados.

Os agouros da medicina lograram felizmente os seus sacerdotes. Não era tifo, nem alguma das duzentas moléstias gregas, o acesso febril da baronesa.

No dia seguinte fez crise, e a convalescença foi tão rápida como a impaciência da enferma.

Os facultativos, instados por Amaral, concederam-lhe licença de transportar-se em sege dum casa para a outra. A baronesa, sabendo a intenção, sentiu-se reanimada das força que perdera na última entrevista – a daquela noite, em que saíra febril do quarto de Guilherme – e sem reflectir nos resultados dum nova visita, sem prevenir o encontro do seu marido no quarto, entrou, quando Amaral, experimentando forças, passeava encostado a Álvaro da Silveira.

A baronesa, confrangindo quanto pôde a veemência com que entrara, simulou quietação, saudando e felicitando Guilherme da rapidez da sua cura.

– Da cura, não, minha senhora! – disse Amaral. – Isto por ora é esforço quase impotente que eu tiro da minha fraqueza. Um homem faz do corpo o que muitas vezes faz da alma... E vossa excelência já fora do leito?!

– Recei que saísse desta casa sem eu poder dar-lhe os parabéns... vim vê-lo... e dizer-lhe adeus... depois recolher-me outra vez à cama.

A affectação traiu-se. As lágrimas rebentaram espontâneas, quando ela proferiu as palavras: *dizer-lhe adeus*. Silveira, avisado por um gesto de Guilherme, saiu do quarto.

– Porque choras tu, Augusta? – disse ele.

– Vem cá, minha filha, vem, que te quero convencer de que as tuas lágrimas me caem no coração. Não façamos acusações um ao outro. Chegamos ambos a um extremo de infortúnio tal, que nos é preciso consolarmo-nos com a compaixão. Tu pediste-me que fosse teu irmão. Serei teu irmão, serei tudo o que deve ser um desgraçado para outro; mas não chores assim, que me fazes perder a coragem do sacrifício. Fraco sou eu; as paixões do dever não podem tanto em mim como as do coração. Ajuda-me tu,

Augusta, que és mais forte que eu; ajuda-me a ser um homem digno da hospitalidade que me deste; dá-me os nobres sentimentos que deste a teu marido, a este nobre desgraçado que dá lições de dignidade aos que poderiam zombar da virtude... Não é preciso que me digas que te respeite; a mim ser-me-ia impossível hoje tentar despenhar-te do teu segundo altar de virtude. O primeiro era na rua dos Arménios. O malvado que foi lá roubar-te ao coração desse homem para te dar uma alma superior à dele, e fazer impossível a felicidade de ambos hoje, esse malvado tocara o último grau de crueldade tentando destruir uma obra providencial, uma obra de lágrimas de seis anos...

Augusta queria interrompê-lo por meio de gestos, pois que os soluços compressores lhe abafaram a voz. Amaral prosseguiu:

– Conversemos, minha amiga, iludamos o coração com uma intimidade serena. Estamos ambos perdidos, se não fizermos uma violência desesperada para mentir a nós mesmos. Estás segura de que teu, marido se não ofende por vires aqui?

– Estou; meu... marido... não está em casa.

– Não é isso o que pergunto, Augusta... Eu respeito teu marido em casa e fora de casa. Pode estar a mil léguas de sua mulher, que eu falar-te-ei como se ele fosse testemunha.

– Oh Guilherme! – exclamou a baronesa com transporte – como o teu coração é nobre! que tão injusta fui contigo!...

– Quando foste injusta, minha amiga?

– Não respondendo às tuas cartas...

– Não devias responder... As minhas cartas queriam santificar o crime, propunham-te como acção nobre o desprezo dos deveres...

– Não, não digas tal... As tuas cartas, Guilherme, não me ofendiam o coração, cravavam-me nele o espinho do remorso... remorso, sim...

– De me haver esquecido?

– Esquecido, não! Enquanto arrastasse esta vida amargurada, sem esperanças de encontrar perdão na minha consciência...

– Acusava-te a consciência, Augusta? De quê?

– Por quem és, pelo amor de Deus não queiras que eu deixe falar o coração... Eu não posso contar-te com serenidade a minha vida...

– Se eu sei a tua vida, que me queres tu contar?

– O que sabes tu da minha vida, Guilherme? O que te contou um amigo? A minha história não se conta... é uma cadeia sucessiva de torturas em silêncio... A memória do que tenho sofrido conservo-a no coração, dói-me como se me estivessem sempre raspando uma chaga incurável, é uma dor esta que não tem palavras, nem semelhante neste mundo... Deixa-me agora respirar, Guilherme...

«Ninguém nos ouve, senão Deus, e Deus há-de perdoar-me a fraqueza de consolar-me chorando. Eu não confiei quanto devia na tua generosa alma. Senti que me deste um grande amor, que devia acreditá-lo eterno, e não tive a resignação de esperar que a nuvem negra da desgraça passasse. Fiz-te a injúria de julgar-te ingrato, cheguei a desejar-te a morte, pedi com sacrílega ânsia ao Senhor que me não privasse do filho que um dia receberia da mão de sua mãe um punhal para vingá-la... Tu perdoas-me, Guilherme? Descontas por este crime tudo que sofri, e tudo o que hei-de sofrer?

Na sua febril exaltação, Augusta caiu de joelhos aos pés de Amaral, resistindo ao impulso que a levantava.

– Não. Guilherme, não me erguerei doa teus pés sem que me perdoes – continuou ela convulsiva, e quase exaurida de alento. – Não é a amante que te pede perdão, é a mulher cristã, que não pode sufocar o grito da consciência com a ideia do desamparo em que me deixaste...

– Augusta, eu já te perdoei... – balbuciou Amaral – Bem sabes que são raras as lágrimas nos meus olhos. Vê-as, que vem nelas tudo o que há bom no meu coração. Por Deus sossega, minha filha. Não aumentes os infortúnios da nossa situação. Esqueçamos tudo, esse passado atroz, igual ao presente, igual ao futuro... esquecimento para um, e a valentia do desespero para os outros...

– Esquecimento não, Guilherme! – atalhou a baronesa com aflita tranquilidade. – Vês que estou tranquila? Hei-de estar sempre, de hoje em diante, ao pé de ti. Ergueste-me de sobre a consciência o peso do remorso. Sinto-me agora com forças para o sacrifício, posso santificar-me ao teu lado, aceitar com benevolência todas as afrontas da sociedade, vencer-me a mim mesma, e merecer a tua piedade sem desmerecer a do céu. Queres consolar-me, meu querido amigo? Responde-me sem violentar a tua língua à mentira. Nunca te lembraste de mim durante seis anos? Não respondes? pois não, não respondas, foi imprudente a minha pergunta; mas que queres? tu em todas as cartas que me escreveste do Porto e de Lisboa em nenhuma dizes que tiveste lá fora uma lágrima para a infeliz Augusta, ou uma oração para a alma duma amiga.

– Eu respondo, Augusta... Nos momentos em que me via rodeado de vergonhas ou desgraças, vinha a tua imagem, como um fantasma, dizer-me que a expiação neste mundo é uma realidade. Já vês que a ideia do crime seguia-me através das delícias que eu buscava, e das infâmias que elas me custavam. Lembrava-me de ti, Augusta; mas esta lembrança nascia-me do coração como nasce a saudade, e de repente se convertia em tribulação de remorso. Afugentava de meus olhos a tua imagem. Via-te sempre chorando como na última noite em que te dei um adeus mudo, um infame adeus, que a tua agonia adivinhava. Foi a perdição! O inferno estava nesse amor maldito que aquela mulher me cravou no coração com um punhal envenenado!...

– Guilherme! – interrompeu Augusta, sustendo-lhe a precipitação das ideias – Eu não quero isto assim... Falemos com serena intimidade... disseste-o tu, não podemos nem devemos falar doutro modo... Deixemos essa mulher, desamparada do céu e da honra. É pena que possa chamar-se tua prima. Não era digna de ti; foi a Providência que te fez proveitosa a ignomínia dessa miserável para que a tentação de a fazeres tua mulher te não vencesse... Nada perdeste.

– Perdi-te, Augusta...

– Também não. Aqui tens a tua amiga do Candal, envelhecida pelo sofrimento, mas uma amiga quer-se assim. Pode a minha amizade ser-te um bem?

– Será a minha salvação.

– O que precisas tu não é a paz do espírito?

«Hei-de dar-ta. Estás outra vez na minha alma como estiveste. Tenho rogado à Virgem que me dê um sinal no coração de que é possível ser eu tua irmã... e posso... as minhas orações são ouvidas, porque são humildes...

– Que imensa fé!

– A desgraça, filho, foi a desgraça que me aproximou de Deus, e também foi o exemplo da nossa amiga, daquela alma celeste que passou horas ao teu lado...

– Maria dos Anjos?

– Sim: a mulher que deve a imensa ventura que tem à grande humildade com que sofreu, e pediu melhores dias ao Senhor. Eu também pedi, e ei-los aqui. Começam hoje... Tu também pedirás, e então hás-de vir ao encontro da felicidade que eu posso dar-te.

– Que pedirei eu, Augusta?! – redarguiu Guilherme com angustiado desconforto.

– Eu não creio senão na tua virtude... Nascestes boa, a sociedade não pôde contaminar-te, morreras virtuosa; mas, por ti... quantos monstros, quantas ignomínias da criação nos dá a Providência ou o acaso?

– O que é o acaso, Guilherme!? Não fales assim, não? Começo a recear que o meu sonho se desvaneça. Deixa-me crer, deixa-me ser a mestra do teu coração, assim como o foste do meu espírito. Verás que é preciso agradecer a Deus a felicidade que posso dar-te...

– Porque não hei-de eu poder iludir-me! – exclamou Guilherme, tirando pelos cabelos com ímpeto, e cobrindo o rosto com as mãos.

– Pois, porventura, engano-te eu, filho! Ora escuta-me... Tu ficas em Lisboa...

– Não, Augusta!

– Não?! queres dizer que não posso nada em tua vontade?

– Poupa-me a esse tormento...

– *Tormento*, meu Deus!... Não fiques, pois... vai, vai... – redarguiu ela banhada em lágrimas, que de repente lhe turvaram o brilho entusiasta dos olhos, que até ali pareciam rir de esperança e ventura.

– É que eu não sou hoje para ti o homem que fui, Augusta!... – bradou Guilherme. – Não me escutes mais! Foge de mim! Eu sinto que sou réprobo, porque não compreendo a felicidade que me prometes. Já não tenho o coração que buscas em mim. Fizeram-me um malvado, que não pode conter muito tempo na alma uma ideia nobre. Sou capaz de atraiçoar-te, de perder-te, anjo! Não me escutes, esquece o que te disse... Esta paixão é ainda o suplício da minha culpa. Despenhei-te, e não posso erguer-te. Queres tirar-me do meu abismo, santa, e eu, maldito da honra e da compaixão, quero arrastar-te perfidamente comigo... Quero entrar no segredo da tua virtude, e não posso. Foi-me fechado o teu paraíso, e a santidade dos teus desejos não basta para remir a culpa dum expulso, odioso a si próprio.

– Ó Guilherme, tu deliras?! por Deus, não fales assim, que ultrajas a tua boa alma...

A baronesa queria em vão arrancar-lhe as mãos da face. Amaral ergueu-se arrebatadamente, e vacilou, fraco e extenuado, sem poder dar um passo. Lançou-se sobre um canapé, aspirando profundos sorvos de ar, que lhe faziam arquejar o peito. Corria-lhe ao longo da testa um suor copioso e frio. Ofegante de cansaço, pendeu a cabeça quase esvaída sobre o ombro de Augusta, que sublime de carinho e aflição lhe seguia os menores movimentos.

Na sala próxima, a criada oficiosa da baronesa, disse com previdente fim:

– Chegou o senhor barão.

Augusta, se ouvira, não fizera sinal de retirar-se. Guilherme tentou erguer-se, e ela susteve-o.

– Então retira-te – murmurou ele.

– Não te deixo assim – redarguiu Augusta.

– Está aí teu marido... por quem és... por mim te peço que evites um desgosto que vem piorar o meu estado.

A baronesa, quando já os passos de seu marido soavam perto, saiu do quarto. Levava na mão, que enxugara o rosto de Guilherme, o calor dos lábios que lha beijaram.

Esse beijo coou-lhe no coração um sentimento, misto de todas as doçuras do céu, e de todas as amarguras das paixões terrenas. Havia nele o impulso mágico, a onnipotência do princípio mau que faz estremecer o edifício da virtude, erguido no coração de vinte e sete anos.

.....

O barão de Amares passeava na antecâmara, indeciso se devia entrar no quarto

onde Guilherme estava só.

Amaral, esforçando-se quanto pôde, abriu a porta e disse:

– Tem o senhor barão a bondade de me ouvir cinco minutos?

O barão entrou tão enleado e confuso, que lhe custou a achar a consciência da sua pessoa naquele aperto.

Amaral ofereceu-lhe a mão, sentou-se ao pé dele no canapé, e, cruzando os braços, esteve alguns instantes com a cabeça inclinada sobre o peito, aumentando assim o embaraço do barão.

– Então... já não há nada que temer do seu ferimento? – disse este. – Os médicos dão-no curado dentro de quinze dias, senhor Amaral...

– Eu creio que muito antes desse prazo estarei restabelecido, senhor barão. A convalescença das feridas é ligeira. Sinto-me já com forças para lhe agradecer a caritativa hospitalidade que me deu...

– Está bom, está bom... – atalhou o barão esfregando as mãos – não falemos nisso.

– Pois em que deverei eu falar-lhe, senhor? Nisto e que eu preciso falar, e, se o senhor barão não precisa que eu lhe lembre a boa acção que praticou para se galardoar de a ter feito... eu é que necessito desempenhar a minha alma duma dívida, porque não posso pagar-lha senão assim; Vossa excelência...

– Deixemo-nos de *excelências* senhor Amaral – atalhou o barão, sacudindo os braços, e franzindo a testa. – Se me quer bem, não me trate assim, que me está fazendo mal. Chame-me Francisco, eu sou Francisco, bem sabe quem eu era, e, nos sentimentos e no coração, sou o mesmo homem que fui.

– Um homem com uma grande alma, um homem capaz de fazer sentir às almas endurecidas o entusiasmo da admiração...

Amaral apertava-lhe com nervoso transporte a mão, e o honrado Francisco, sem saber porquê, tinha os olhos rasos de lágrimas. Guilherme prosseguiu com energia:

– Eu não o conheci, senhor... Foi necessário que a riqueza o colocasse na altura onde as virtudes são vistas. A sua probidade, como artista, nunca sairia da obscuridade. Eu, e todos os miseráveis como eu, só admiramos a virtude que nos chama os olhos, rodeada de brilhantes atractivos, e quase sempre a explicamos como astúcia, como vaidade, como hipocrisia. Os merecimentos do homem pobre, se eles nos chegam a impressionar, explicamo-los como necessidade forçada; dizemos que é a pobreza que faz a virtude do pobre, e não damos nada por ela, no momento em que o pobre possa, enriquecendo-se, concorrer connosco ao mercado dos vícios.

«Direi, com vergonha, que o não conheci, senhor barão; com vergonha, repito, porque devia conhecê-lo. Eu teria sido o homem virtuoso que o senhor é hoje, se respeitasse então o seu amor a Augusta... Não me prive de falar. Conheci a dolorosa impressão que lhe causei agora; mas ninguém nos escuta; estamos sós, sem a máscara das conveniências. o seu coração é bom e singelo para me exigir artifícios e rodeios que neste instante abafariam minha alma, que precisa respirar.

«Devia respeitar o seu amor a Augusta, porque havia aí muito mais que amor... Era a afeição que encerra todos os amores. Era o irmão que protegia, o pai que estremecia, o amante que adorava, o esposo que se habituara a sê-lo desde menino, desde que o pão do seu trabalho era repartido com a pobre mãe de sua prima... Quer retirar-se, senhor barão?

O barão erguera-se de repente, mudado o semblante, e abalado pela veemência dolorosa, pela toada impressiva das palavras de Guilherme.

– Desculpe-me... – disse ele – mas eu não posso ouvi-lo... dê-me licença que eu saia... ou falemos em outra coisa.

– Causam-lhe ódio as minhas palavras, senhor barão?

– Não senhor, não é ódio... eu só soube o que era ódio uma vez na minha vida... Mas de que servem essas tristes lembranças? o passado, passado.

– Pois então escute-me, por quem é... Deixe-me gozar os instantes mais tristemente deliciosos da minha vida. Eu sinto-me bom enquanto lhe falo assim. Faça-me o sacrifício de me ouvir... senão, eu levo desta casa um peso sobre o coração, que pode ser a causa da minha morte, ou da minha demência.

O barão, quase forçado pela mão do interlocutor, sentou-se, não erguendo para ele a vista embaciada de lágrimas. Amaral prosseguiu:

– Foi um arrojo de nobreza, senhor barão, a sua tentativa contra a minha vida. Eu não merecia a morte, porque Deus sabe que eu amava muito Augusta, e pelo amor dela perdoar-lhe-ia a morte, se eu tivesse tempo de conhecer a causa dela. O homem que amava Augusta, roubada por mim a um porvir de paz e felicidade, tal homem devia ser absolvido do seu crime, matando-me.

– Por quem é... – atalhou o barão – por quem é não me fale nessa desgraçada loucura. Eu tenho medo de endourecer, pensando que era a estas horas um matador, se não fosse ela...

– O matador fui eu... eu é que tive sobre mim a responsabilidade dum homicídio! O senhor tentou contra a sua vida, voltou para si a arma que devia matar-me, caiu ensanguentado na terra, sem pronunciar uma palavra contra ela, nem contra mim... Eu sou um grande miserável ao pé de si, senhor! A minha vida está cheia de infâmias, que o mundo invejou e aplaudiu; e a sua é um complexo de heroísmos... que eu tive, até há pouco, a vilania de não querer compreender. O digno dessa mulher, santificada pela amargura, era o senhor... só o senhor... Eu roubei-lha pura, inocente, dócil à mão do verdugo. Entreguei-lha mártir, pungida de remorsos, envergonhada da sua consciência; mas... era assim que o senhor devia aceitá-la para que se fizesse o milagre do seu amor... Foi um acaso que lhe deu esta opulência? Não foi, não. Está em tudo isto o dedo da Providência; era necessário que eu viesse aqui trazido pela mão da desgraça, coberto de sangue, erguido da lama das ruas, para abrir os olhos em casa do barão de Amares, que apresentou aos olhos de sua mulher um perverso punido, não por ele, nem por ela, que o acolhem ambos, que lhe dão um agasalho de irmãos, e que devem por fim julgá-lo bastante castigado neste mundo.

– Senhor Guilherme... basta, que me está afligindo muito. Se me deve algum benefício, pague-mo, pela sua honra lhe peço, calando-se...

O barão, assim falando, maquinalmente abriu os braços a Guilherme, que não ousara dar essa efusão ao veemente desejo que lhe pedia. Reinou um silêncio de sublime poesia nesse abraço. O barão, por um instinto infalível das almas nobres, conheceu que Amaral era digno dele.

Guilherme estava extenuado de sentir e falar. Fora muito rijo o abalo, e a sua debilidade não pudera resistir-lhe. Fizeram-se-lhe desmaiadas como cera as faces, e as pálpebras, trémulas como a luz que lhe feria os olhos turvos, desceram sobre as manchas cor de violeta que lhe orlavam as órbitas.

O barão lançou Amaral sobre a cama, e tocou a campainha. Amaral fez-lhe um sinal significativo de silêncio. Era tarde para impedir a entrada de Augusta, que foi espavorida, como se o marido ali não estivesse, quase encostar a face aos lábios de Amaral.

O barão ia retirar-se, sem atentar no ímpeto de sua mulher, quando Guilherme, aliviado do instantâneo vágado, se sentou no leito, passou as mãos pelos olhos, soltou um profundo suspiro, e murmurou:

– Hã-de ouvir-me ambos. Isto passou, senhor barão. Não é nada, minha senhora.

– Pois que foi?! – disse a baronesa.

– É a cabeça que não pode com o coração... – respondeu Guilherme vagarosamente. –Eu bem sabia que um devia matar a outra. A demência... é terrível pressentimento este!... a demência virá rematar a minha negra vida?! Pode ser que sim... A luta é de matar, e eu sou fraco... Quando é preciso ser bom... devo sucumbir...

– Que mistério! – exclamou Augusta.

– Mistério, não, minha senhora... Aqui é tudo claro como a luz... do inferno.

– Senhor Guilherme, que tem? – replicou ela vendo brilhar nos olhos de Amaral o espasmo lúcido, que denuncia a loucura.

– O que eu tenho mais que ninguém, meus amigos, é a graça do céu, se é graça do céu esta necessidade de chorar. Acreditará alguém o que eu estou sendo!? O homem, santo Deus, o que e o homem!

As ideias de Guilherme vinham tumultuosas, e desatadas. Sem dúvida um acesso febril era a causa dessa desordem que a consternada Augusta, e o barão perturbado, julgaram demência.

Ao cabo dalguns minutos Amaral recaiu prostrado sem acordo.

Enquanto os médicos não vieram, o barão repetiu como podia, a sua mulher, a cena que precedera o delíquio de Guilherme.

Augusta ouviu-o, adivinhando o que seu marido não sabia repetir. Permaneceu muda e pensativa um momento: depois, ajoelhou ao pé do leito, e disse com ansioso fervor: «Meu Deus! sede misericordioso comigo! tirai-me deste mundo!»

XXII

Há-de ser por força fastidioso o romance que se esmerar em ser a fiel pintura das coisas como elas acontecem. Virão cenas repetidas, monotonia, aridez, frieza, abrimentos de boca, enfim todos os dissabores que andam apensos à vida como ela realmente é.

Fica aí um estirado capítulo, cheio de sucessos, não direi triviais – porque é de crer, e eu sinceramente desejo, que o meu leitor ou leitora os não tenha experimentado em sua casa – mas trivialmente contados. Aconteceram assim; Guilherme do Amaral assim os contou ao poeta; a baronesa de Amares assim os contou a Maria dos Anjos; e desta, e do poeta, assim os ouviu este vosso servo.

Ao poeta foi assim que Amaral contou o resto da sua história em casa do barão de Amares. Imagine o leitor que os tem, outra vez, na *Águia de Ouro*, que tem sido, neste e no anterior romance, o quartel general de operações do meu herói. Amaral chegara de Lisboa quinze dias depois de anunciar ao barão a sua saída. O literato procurou-o, e, com tanta reserva e tão justo despeito por causa do ingrato procedimento de ambos, que não proferiu o nome de Augusta.

– Não me falas na baronesa! É-te de todo indiferente?! – disse Amaral maravilhado, depois que o jornalista, esgotados os ditos comuns de quem nada tem que dizer, parecia querer retirar-se.

– Não me é indiferente a baronesa – disse o poeta. – Prova de que a respeito muito, é evitar eu quanto posso o recordá-la. Essa mulher mostrou-se-me por fim ingrata e mulher, como não é permitido serem aquelas que viram ao pé de si, na desgraça, um coração condoído e respeitador.

– Porque te queixas?

– Eu não me queixo, pasmo do silêncio dessa senhora, desde que eu saí de Lisboa.

– E escreveste-lhe tu?!

– Não; e escrevia-lhe eu, quando nas suas melancolias me fazia duas vezes por semana o seu confidente?! Era, portanto, uma amizade de reflexo, que ela me tinha... Assim que o meu amigo Amaral se aproximou, a minha presença era um estorvo, e eu, que tinha sido testemunha das amarguras, não podia sê-lo dos contentamentos...

– Que contentamentos?! Ignoras tudo...

– E quero tudo ignorar, Guilherme. Eu entendi Augusta, e era ela a única face de mulher que me faltava ver... Augusta disse-me muitas vezes que levaria o heroísmo da resistência até à morte. Quis-me convencer, e quase o consegui, da inutilidade das tuas tentativas. Deu-se ares duma fortaleza que era mais orgulho que virtude. Quando te viu, sentiu o derradeiro abalo à sua fraqueza, que soubera esconder de mim e de si com o artifício de palavras grandes e solenes. Previu a queda, e quis desviar-me da sua presença, tinha pejo de sucumbir à minha vista. E fez bem... concedo-lhe por isso a virtude do pudor, que é a primeira de todas.

– Mas tu – interrompeu Amaral – estás infamando a pobre mulher!... Augusta está ilibada como a deixaste; a virtude da paciência na tortura está hoje, se é possível, mais acrisolada, mais perto do céu, onde irá repousar brevemente. Eu não sei o que houve entre ti e ela para assim se cortarem as vossas relações. Fosse o que fosse, a mim parece-me que a ouço suplicar-me que te conte a história das suas últimas lágrimas para que lhe restituas a tua estima. Queres tu ouvi-la por delicadeza? Desejas que a infeliz senhora se reabilite na tua consciência, e te mereça mais piedade que desdém?

O jornalista, comovido à entonação dolorosa com que Amaral proferiu estas palavras, ouviu a história que o leitor já sabe até à entrevista com o barão, rematada pelo

episódio de Augusta, ajoelhada ao pé do leito.

Guilherme continuou assim:

– Quando recuperei os sentidos e vi Augusta, pedi-lhe que na manhã do dia seguinte me concedesse a sua sege para eu ser conduzido ao *Hotel de Bragança*, onde completaria a minha convalescença.

Augusta contrariou a minha resolução; fez até intervir o marido pedindo-me que não arriscasse a cura. Desgostou-me ver o pobre homem obedecer tão submisso aos rogos de sua mulher. Respeitava-o tanto, que me pesava vê-lo expor-se assim aos apodos dos seus inimigos. A minha história com Augusta era pública depois do duelo. Álvaro da Silveira repetia-me os ditos mofadores com que a sociedade recompensava o honrado proceder do barão com o antigo amante de sua mulher. Ela, porém, ameaçava uma demência!... Por fim as suas lágrimas eram das que a consolação azeda mais.

Resolvi, portanto, sair sem me despedir. Álvaro proporcionou-me a salda, numa madrugada. Deixei a Augusta uma carta; na carta de Augusta incluí palavras de reconhecimento a seu marido. Saí com o coração despedaçado... Dir-se-ia que era assim preciso lacerá-lo, e dos pedaços formar um novo coração para a virtude.

Eu supunha que a sege me conduzia ao *Hotel de Bragança*, e achei-me em casa de Álvaro da Silveira. Foi uma feliz surpresa! Em casa destes virtuosos esposos respirava-se a ventura, o aroma dos anjos, um ar vital de consolação e amor do céu, que eu não saberei dizer-te o que era, nem o sentir suavíssimo que me dava. Hás-de crê-lo!? eu ouvi muitas vezes por acaso, num santuário, o murmúrio das orações dum homem de trinta e cinco anos! Um homem, cujo princípio de vida na sociedade, foi a libertinagem estrondosa! A minha alma abalou-se... não sei que tempo se demorará esta comoção; é cedo para eu me elevar à altura de virtude que ela poderia dar-me; por enquanto apenas sinto que a religião é muito necessária aos infelizes... e mais nada.

Maria dos Anjos disse-me uma vez, quando o meu restabelecimento estava ultimado, se eu queria ver Augusta. Respondi-lhe que sim, na presença dela, contanto que uma tal visita não fosse a ocultas do marido.

Esta resposta foi bem acolhida da baronesa; marcou-se o dia do nosso último encontro, Augusta veio; pronunciou poucas palavras; estava convulsa e febril. Chorou sempre.

Fez uma despedida precipitada, e lançou sobre a minha cadeira esta carta. Lê, meu amigo.

O poeta leu mentalmente a seguinte carta:

«Agora que tudo acabou para nós, filho da minha alma, posso dizer-te que me salvaste. Eu cuidei que a força da virtude estava em mim, e a força que sinto deste-ma tu. Julguei-me forte; puniu-me Deus abaixando a minha soberba até me deixar esmagar por ti, se quisesses fazer de mim uma criminosa mulher. Orei muito, chorei muito depois que te vi ao pé de mim, Guilherme. Pensava eu que do céu me viria a fortaleza, que serias tu o fraco e eu a mulher digna da sua posição e gloriosa do seu martírio. Enganou-me a minha fé, e terrível foi esta ilusão! Parece-me que fugiram da minha alma todas as crenças. Se não estou, a estas horas, entregue à tua vontade, coberta do opróbrio com que o mundo galardoa as paixões desta força em infelizes como eu, a ti o devo, Guilherme. Não mo agradeça a sociedade, nem meu marido, nem a religião... o triunfo é teu; se há glória em suspender pelos cabelos uma mulher que vai alegremente despenhar-se, essa glória tem-na, meu irmão, meu benfeitor!

Não torno a ver-te! Agora, sim, a perdição está consumada! Faltava-me esta agonia final... daqui à da morte está o tempo rápido e longamente atormentado como são os dias de quem sentiu entrar-lhe no coração o gelo do túmulo. Amanhã estarei

resignada!... ninguém me ouvirá um gemido... já não posso chorar mais. Será a resignação de quem se lança nos braços da morte com os olhos postos na justiça divina. Vou deste mundo muito criminosa. Não poderei repousar no seio de minha santa mãe... daquela pobre mulher, para cujo enterro me deste uma esmola, Guilherme.

Para onde vais tu? Qual mulher será a que vai merecer o teu grande coração? Que lágrimas dignas dele cicatrizarão as chagas que eu abri! Eras feliz se me encontrasses morta, Guilherme! Eu não teria sido, como me disseste, a tua expiação. Poderias chorar-me quando a tua hora de remorso te visitasse; mas permita o céu que as dores do resto da minha vida e as passadas tenham na presença de Deus o merecimento da tua felicidade.

Tu és um homem por quem devem pedir todas as pessoas ouvidas no céu! Almas como a tua, vêm cumprir a este mundo uma dolorosa condenação. Os teus crimes, e ainda as tuas faltas, serão sempre seguidas de punição que a tua própria consciência te inflige. A sociedade cuida que te castiga, e tu bebes voluntariamente o veneno das tuas próprias dores.

Vês como te falo, Guilherme? Começo a sentir benefícios do céu. Pedi muito a Maria Santíssima que me deixasse acabar esta carta, como se a estivesse escrevendo a um irmão querido que não devo ver mais sobre a terra. Que lhe diria eu? A eternidade não é uma mentira, meu irmão. Sejamos ambos atribulados pela mesma saudade, ofereçamos ao Senhor as nossas penas, estejamos abraçados em espírito até ao fim desta tortura, e depois... veremos o que é chorar, e sofrer, e esperar com paciência... lá... no céu!... Adeus.»

– E não a viste mais, depois desta carta? – perguntou o jornalista.

– Não. Maria dos Anjos, visitando-a todos os dias, nunca me falou dela; apenas dava como causa das suas visitas quotidianas estar a sua amiga de cama. Mas Álvaro disse-me que a baronesa premeditava entrar num convento do Porto, com consentimento de seu marido, e Maria dos Anjos trabalhava em destruir um plano, cuja execução o público explicaria dum modo desagradável ao seu bom nome, visto que o convento nunca se julga o refúgio duma senhora honesta, se ela é, casada. Eu pedi a Álvaro que animasse as instâncias de sua mulher em despersuadir Augusta duma tamanha ingratidão às bondades de seu marido. Escrevi-lhe até, quando me disseram que era inabalável a resolução, porque entrava nela o escrúpulo religioso de dar penas ao marido com as suas incessantes lágrimas. Não respondeu à minha carta. Lendo-a, disse a Maria dos Anjos: «Farei o que ele quiser: hoje é consolação para mim receber da mão dele o meu cálice de amargura.

«Saí de Lisboa apressadamente, quando Álvaro me disse que o barão de Amares, vencido finalmente pelos continuados desgostos, não podendo já testemunhar os irremediáveis padecimentos de sua mulher, tencionava sair de Portugal, a pretexto de viajar, esperando morrer lá fora onde a saudade o matasse.

«Era capaz de cumprir a sua palavra o infeliz Francisco; seria até capaz dum suicídio, longe de Augusta, para que se não imputasse a causa aos misteriosos amores de sua mulher, principalmente depois que eu entrei em sua casa.

«Saí pois de Lisboa, meu amigo. Não sei mais nada. Aqui me tens outra vez, rodando na minha órbita. É uma bela existência a minha, não achas?

– Deixa-me fazer-te uma pergunta, que é a chave do romance que podia escrever-se da tua vida. Augusta... não sei como hei-de fazer-te a pergunta...

– Sei eu: queres perguntar-me se Augusta é digna da alta opinião com que me encareceste a sua virtude de mulher casada?

– É isso.

– Se sabes a minha história – tornou Amaral – porque te não respondes? Estás de ânimo frio, e podes melhor que eu avaliar o quilate da virtude da baronesa.

– Penso que me enganei... – disse com um sorriso de equivocada intenção o poeta.

– Que te enganaste?! quando?

– Quando rebaixei todas as mulheres, aferindo-as no padrão de Augusta, que eu coloquei acima de todas. Sinceridade, Amaral... Tu vencias, se quisesses.

– Não sei. A luta não existiu desde que a vi ao pé de mim, contemplando-me ferido. Até então bem sabes qual foi a resistência, e as torturas que lhe custara. Depois não me perguntes se venceria, porque eu acho até infame a ideia do combate. O que posso dizer-te é que Augusta me beijou as mãos com arrebatada ternura, quando eu lhe disse que a ausência do seu marido não consentia mais liberdade às minhas palavras. A mulher que faz isto é capaz de morrer, amando sem deixar ver a face criminosa do seu amor.

– Mas... – redarguiu o literato – será diminuir-lhe o mérito, concedendo-te a ti a melhor parte na vitória que ela alcançou sobre a sua paixão?

– Não quero que o mérito de Augusta seja cerceado para aumento do meu: todavia se posso ter com ela uma parte na glória, será essa a única palma honrosa da minha vida. Lembrar-me-ei sempre que, tendo-a infelicitado, não a levei ao extremo da desgraça... podendo...

– Talvez levá-la... – atalhou o poeta. – essa justamente a minha opinião. Enganei-me... é onde bate o ponto. Foi o corolário que eu tirei de todos os meus estudos, em que muitas vezes gastei a sensibilidade do coração; e estes estudos querem-se feitos somente com a cabeça. Augusta foi salva pelos brios de Guilherme do Amaral. Se te não prostram ferido na rua, se o barão te não paga a hospitalidade que lhe deras, Augusta sucumbia ao amor, ou à morte. Entre mártir e adúltera não saberia manter o meio termo, o extremo heroísmo, que é a dor com a paciência, a luta entre o dever e a paixão. Eu sou sempre o mesmo homem rasgadamente franco, Amaral. Augusta hoje deve ter para ti um valor tanto mais subido, quanto o teu amor-próprio precisava dessa vitória. Como homem de brios, voltaste contra ela as forças da vaidade irritadas; como homem de brios, retiraste, quando sem declarar-se vencida, suplicava com lágrimas a tua misericórdia. Ela é ainda grande, é distinta do vulgar, mas tu és maior, és sublime. Em resumo: está tudo acabado, não é assim?

– Tudo acabado, não... Ainda vivemos todos.

– E o teu destino, agora?

– É o destino dos homens no último quartel da existência... vou esperar a morte debaixo do tecto onde meus pais morreram tranquilos, cheios de consoladoras memórias. Salvei dos meus naufrágios um resto de poesia que me povoará de imagens doces o ermo. Hei-de buscar no trabalho entorpecer a agitação da alma. Espero do tempo, não digo outra primavera, mas os confortos que podem gozar-se no inverno da vida. Hoje posso considerar-me quase pobre. É escusada a hipocrisia, porque não quero enganar alguém. A minha casa, que foi grande, está tão empenhada, que apenas tenho o estritamente necessário para viver com decência. Foi providencial esta ruína. Felizes os que podem reconstruir o coração sobre as relíquias dum grande património dissipado sem utilidade dos infelizes. A única esmola que fiz foram as migalhas que dei para o enterro duma pobre, cuja filha associei à minha desgraça.

A conversação prosseguiu neste tom, em que o jornalista ouvia pasmado o seu amigo, quando o barão de Bouças se fez anunciar.

O leitor ainda tem de memória o barão de Bouças, o tutor daquela Eulália dos cento e cinquenta contos, extremoso amigo de Amaral.

Lembra-lhe perfeitamente as trapalhadas daquela fastienta descrição dum baile em

que a filha do visconde da Carvalhosa disputou à africana a primazia.

Menos lhe terá esquecido a impressão momentânea que Amaral causou na rica herdeira.

Pois em verdade foi profunda essa impressão. Eulália não podia compreender a causa da repentina ausência de Amaral e do poeta. O tutor, que lhe dava largas para semelhantes revelações, soube que a sua pupila amava Guilherme. Deu-lhe esperanças, aplaudindo-lhe a inclinação e informou-se do viver de Amaral em Lisboa.

O tempo não desvaneceu a impressão de Eulália. O jornalista era muitas vezes interrogado por ela acerca de Guilherme. Foi ela a primeira que soube da sua chegada; e com o consentimento do barão mandou, em seu nome e de sua tia, cumprimentá-lo à hospedaria.

Veio depois o barão de Bouças. Insinuou-se pelas mais encruzilhadas veredas até chegar a uma proposta de casamento. Guilherme respondeu delicadamente que não podia fazer a felicidade de mulher alguma, porque estava pobre; e não podia também receber a felicidade da riqueza de alguma mulher.

O barão, em último recurso, tratou o casamento por meios mais lisonjeiros para Amaral, dizendo-lhe que seria ele muito cavalheiro recompensando o grande amor que soubera inspirar à sua pupila. Amaral replicou ainda que o seu amor tinha o fatal condão de fazer desgraçadas as mulheres que lho aceitavam, e a suprema honra dum homem assim fadado era fugir às infelizes que lhe faziam a esmola do seu coração.

Imaginava o jornalista que o seu amigo estava ainda debaixo do domínio dos romances. Não ousava ferir a independência de Amaral, fazendo a apologia dos cento e cinquenta contos; mas esperava que a reflexão viesse destruir o romanticismo, que lhe impunha tamanho sacrifício, relegando-o tão de súbito aos prazeres da sociedade que os seus poucos bens de fortuna já não podiam haver. Nesta prosaica suposição, indigna dele, instigava o barão de Bouças à continuação das suas tentativas, e por seu lado induzia Guilherme a sair do seu quarto, onde, desde que chegara, passava as horas livres sopitado em letárgica tristeza.

Grande foi o espanto de ambos, quando Guilherme do Amaral, sem corresponder aos cumprimentos dos seus amigos do Porto, partiu inesperadamente para a Beira-Alta!

Na véspera, porém, da partida alguém o viu no cemitério do *Repouso* com os braços cruzados diante duma lápida, os olhos cheios de lágrimas, e o rosto assombrado de sofrimento acerbo.

Viram-no também com os olhos fitos na casa onde morou Augusta na rua dos Arménios; e os moradores da casa do Candal disseram, que um homem triste, vestido de preto, pedira licença para que deixassem visitá-la por alguns minutos. Acrescentaram que saíra tão sufocado, que mal se lhe entenderam as palavras de agradecimento.

Estas dores são das que se não descrevem. Os que tiverem experimentado tais agonias, privilégio amargo dos corações distintos pelo sentimento da saudade, escusam que se lhes descreva Amaral nesses momentos.

Ora, os que não as experimentaram, esses não me entenderiam.

CONCLUSÃO

O autor conheceu, e é amigo do literato que bastantemente contribuiu para o arranjo desta crônica.

Faz em Agosto três anos que nos encontramos, ao fim da tarde, num aprazível passeio por aqueles formosos sítios do Candal.

Por lá nos demorámos, já de noite, e só voltámos saudosos do fugitivo gozo duma conversação espiritual quando a lua se escondeu no mar, e os prados e as florestas escureceram.

O assunto da conversação foram Guilherme do Amaral e Augusta. A história lá ficou interrompida no ponto em que se encontram o romance ONDE ESTÁ A FELICIDADE? com o HOMEM DE BRIOS.

No mesmo local, e às mesmas horas do dia seguinte, o meu amigo contou-me o seguimento e o remate deste verdadeiro conto.

Reproduzirei de memória as últimas páginas que ouvi do literato, pouco mais ou menos. Disse ele, por fim:

– Guilherme do Amaral, algumas semanas depois que saiu precipitadamente do Porto, escreveu-me. A longa carta do meu infeliz amigo denunciava profunda melancolia. A página menos triste, era como um hino à esperança da morte próxima. Nesta expectativa parecia estar o único repouso do espírito desvairado de Guilherme. O que mais que tudo me espantou, foi, nessa página em que chamava a morte abençoada, as ideias religiosas do meu amigo. Dizia-me que lera três vezes, com ânsia de desgraçado, a IMITAÇÃO DE CRISTO. Que olhara em redor de si procurando o claustro, e amaldiçoara a sociedade ímpia que destruíra a guarida aos infelizes que ela fazia. No livro de Gerson, dizia ele que encontrara as palavras consoladoras de sua mãe, quais muitas vezes lhas repetira ela. Em ar de superstição continuava ele dizendo que encontrara este livro, que fora de sua mãe, entre os centenaes de volumes dos seus romances, não o tendo ele lá deixado, nem sabendo quem. o pusesse ali. Terminava por aconselhar-me este livro dos anjos, quando a filosofia dos homens não remediasse as minhas tribulações.

«Eu entendo cabalmente esta exaltada fé. Por força devia florir a planta da religião nas profundas solidões da alma de Guilherme. É impossível o vácuo em certos corações. Se as fontes da terra só lhes vertem fel, o infeliz foge com o coração a enchê-lo das correntes do céu. O infortúnio é a tremenda lição dos crentes, se ele é a consequência do crime. O malvado tarde conhece que é desgraçado por expiação; mas o homem de boa alma, degenerado à feição dos vícios da sociedade que o educou, esse tal reconhece-se o holocausto das suas próprias culpas, e lança-se com extremosa fé aos braços de Deus. Tenho encontrado muitos exemplos destas conversões que assombram e ofendem os espíritos pequenos. Tenho chamado à razão alguns filósofos saturados do racionalismo ímpio, e deplorável ignorância do coração humano. Ninguém aceita a instantânea conversão dum ateu para Deus, sem zombaria, sem injúria, sem sarcasmo.

«Eu compreendi, pois, Guilherme do Amaral. Nunca ele me pareceu tão digno de amigos, e tão visível na face boa de sua alma. A perversidade, meu amigo, é a obduração inteira da alma, é o cinismo sem reabilitação, é o ir ao fim da vida experimentar paroxismos horríveis, que são talvez as dores dum adeus violento aos gozos sórdidos, às paixões infames.

«Vamos ao conto – prosseguiu o poeta – eu sou pecante em divagações moralizadoras, quando creio que mas acolhem sem fastio. É o reumatismo das almas velhas este falar em forma de máximas. Ora vamos lá, sem interrupções, porque eu

tenho de ler-te uma carta, e é quase noite.

«Não respondi à carta de Guilherme. Parti imediatamente para a Beira-Alta.

«Recebeu-me nos braços, e chorava como criança. Eu tinha cá dentro este mole coração, que já agora há-de morrer assim, e chorei também. Pois se eu via tio desfigurado o meu pobre Guilherme, que havia de eu fazer senão chorar?! Tinha a barba toda, e estava da cor dum morto. A luz dos olhos, que dardejavam lume, apagara-se deixando uma névoa como a da torcida da lâmpada que se apagou embaciando os vidros com o fumo. Eu não atinava com o que era bom dizer-se a um homem assim! Guilherme conheceu o meu assombro, e disse-me que eu estava recebendo a impressão que ele recebia defronte dum espelho. – Julga da alma – continuou ele – pelo que vês no corpo. Foi Deus que te aqui mandou; e olha, meu amigo, a tua vinda não me surpreendeu. Há pouco abri ao acaso a minha IMITAÇÃO DE CRISTO, e li estas palavras: *Espera um pouco*. Fechei o livro para sentir as comoções da incerteza no que devia esperar. Lembraste-me tu. Há dias que me soam nos ouvidos da alma as tuas palavras proferidas em várias épocas desde 1844. Tens vivido espiritualmente comigo. Não me é difícil crer hoje em todas as maravilhas do magnetismo. Talvez que a minha dor possa ir a distância comover uma alma generosa; e, como eu só posso contar com a tua, só tu podias vir ao meu chamamento.

«Amaral falou longo tempo, sem deixar-se interromper. Dois meses de solidão explicavam a corrente impetuosa das palavras, em que, a meu grande pesar, conheci desapego, desconexão, e não sei que destempero de mau agouro.

«Contou-me a sua vida, desde que me deixara. Chegou a casa: abriu portas que não se abriam havia oito anos; entrou nos vastos salões, onde recebeu uma impressão de medo; foi ao quarto de sua mãe, cujo ambiente rescendia ainda o cheiro acre do cadáver dela, que dali saíra ao mesmo tempo que as janelas se fecharam oito anos ao ar e à luz. Fez-lhe terror tudo isto. Caiu num letargo de constrição de alma e viu-se solitário, sem irmã, sem amigo, sem uma alma que o acompanhasse naquele suplício.

«Esteve quase a abandonar a casa, e fugir sem destino. Os caseiros, que habitavam uma casa contígua à dele, eram as únicas pessoas que vieram, primeiro, saudar a boa vinda do fidalgo. Viram-no, e tiveram medo dele. Cumpriam a tremer as suas ordens, dadas sempre de modo que mal se percebiam. Traziam-lhe o comer às horas, e quase sempre retiravam intacto um quando traziam o outro.

«Sabida a chegada de Amaral, vieram das cercanias alguns parentes visitá-lo. Amaral negava-se; apenas recebia a convivência do capelão, que vinha em dias santificados, dizer missa em sua casa. O povo, que se aglomerava na capela, não tirava os olhos dele, que estava ajoelhado a um canto do coro. Uns diziam que o fidalgo era um santo; outros benzendo-se, diziam que o demónio andava nele em guerra com o anjo custódio; outros, finalmente, diziam que o fidalgo era lobisomem, opinião esta que maior voga teve, porque o próprio caseiro a confirmava jurando que, a horas mortas, ouvia grande estrupício de galope no lajedo da calçada que lhe passava à porta.

«Amaral dava aso às inocentes conjecturas do caseiro, saindo a cavalo de noite, e recolhendo-se ao arraiar do sol. Passeava longas horas num salão, e algumas vezes corria o teclado dissonante dum velho cravo em que sua mãe já não tocara nos últimos anos da sua vida. Algumas notas tristes, no meio daquele sepulcral silêncio, o que faziam era exacerbar-lhe a angústia. Ia à livraria. Folheava um romance, depunha-o com impaciente fastio; escrevia algumas linhas num álbum; abria outro livro, e outro, e outro, sem apego, até que uma vez abriu a IMITAÇÃO DE CRISTO, e leu:

«Filho, eu sou o Senhor, sou o conforto no dia da tribulação.

«Vem a mim no afogo da tua angústia.

«Tarde te chegas a orar, por isso não sentes ainda a consolação celeste.

«Buscas consolações em ti, buscas consolações no mundo antes de as pedires a mim».

«E continuou até ao cabo a leitura do tocante capítulo.

«Assim me contou ele, com o livro providencial na mão, a história da sua nova consciência, e como lhe nasceu o desejo da morte, o morrer tranquilo que a sua religião lhe prometia; disse tudo que o ascetismo sabe dizer em bem dos infelizes; mas como já te disse, não coordenava a suas ideias, destruía a teoria da imortalidade da alma com outra firmada no aniquilamento absoluto, sujeitando-as ambas ao bem incomparável da morte.

«Quis distraí-lo. Pedia-lhe que me acompanhasse a Viseu, a S. Pedro do Sul, a Lamego, ao rico país do Douro. Dava-me esperanças de ir, e nunca fixava o dia. Quando conheci a impertinência dos meus pedidos, absteve-me de falar nisto. Lia-lhe algumas horas de cada dia livros de filosofia do século XVIII que ele nunca abrisse. Ou me não ouvia, ou rejeitava as ideias. Ouvindo-me ler um dos capítulos do *Epírito de Helvetius*, arrancou-me o livro das mãos, e queimou-o, dizendo: «Já ouvi ler este livro à sociedade, desde a mulher de catorze anos até ao velho corrompido de oitenta. Sei-o de cor; tenho-o reimpresso no coração com letras de fogo.» Continuou assim numa apóstrofe desordenada. Peguei da *Sagesse de Scharron*; arrebatou-mo também, dizendo: «a verdadeira sabedoria é esta» e fez-me ler alguns capítulos da IMITAÇÃO. Não queria outro livro. Custou-me muito a vencer-lhe um ímpeto de queimar uma vez toda a sua biblioteca. Receei que ele endoidecesse.

«Um terrível incidente veio agravar a vacilante razão do meu amigo. Foi uma carta da baronesa de Amares, entregue por um portador que viera de Lisboa com esse fim. Entregada a carta, o portador voltou pelo mesmo trilho, e não esperou resposta. A luz é escassa – prosseguiu o poeta – mas eu quase que a sei de cor. Agora leio-ta e amanhã dar-te-ei uma cópia, porque eu sei que vais escrever um livro, que há-de ser recebido como coisa de imaginação, e tu se quiseses capacitar incrédulos, terás na tua pasta 4 documentos persuasivos. Ora ouve lá:

«Já sinto a morte, Guilherme. A bem-vinda do Senhor tomou posse da tua amiga. Começo a ser feliz, devo dar-te quinhão das minhas alegrias. Alguma vez o Altíssimo devia permitir por sua infinita bondade que eu pudesse dizer ao meu companheiro de desgraça que sou feliz, que compreendo a alegria dos justos, que me sinto convencida de ter pago, sofrendo muito, o mal que fiz. Isto há-de chegar ao teu bom coração, Guilherme. Tu gozas comigo; não podem ser-te indiferentes os bens que o céu concedeu à tua pobre Augusta, que tanto sofreu, que tão oprimida foi, que tanto tem pedido ao Senhor a tua felicidade!

«Fui ouvida, meu amigo. Estou tísica; dizem os médicos que é estar tísica sentir-se a gente desfalecer, consumir como a ténue nuvem que se desfaz sem estrondo; ver pouco a pouco debilitar-se a luz da vida, escurecer o que nos rodeia, alumiar-se o outro mundo da esperança... agonizar sem dor... É isto morrer tísica, meu amigo? Não, não; parece-me que há aqui uma transfiguração de que o corpo se não sente. Emagreço, estou cadavérica, não posso transportar-me sozinha do leito para uma cadeira; mas não me dói nada, ainda vejo as flores, ainda sinto o perfume delas, toco-as, e sinto a frescura das folhinhas. A minha alma está cheia de vida, reconhece tudo, lembra-se de tudo, vê o que não via, descortina-me o futuro, o infinito, que eu não sei dizer-te o que é, como o vejo, e onde é que o mundo tem imagens com que possa comparar-to?

«Aqui estou eu agora a escrever-te sentada na minha cama, gozando a luz azulada que se coa dos transparentes. É uma atmosfera ideal esta! Lembra-me tanto o meu pequenino quarto do piano no Candal! Se soubesses que prazer, misturado de amargura, eu senti quando encontrei uns transparentes semelhantes aos que lá tinha no meu

Candal, no nosso paraíso, donde nos expulsou o anjo de Deus!... de Deus?... não! não digamos de Deus, que é blasfêmia... E seria! quem sabe dizer como se executam os planos da Providência?!

«Estou a escrever-te, meu irmão, e não sei onde estás. Ter-te-á o Senhor chamado a si? Estarás tu esperando a tua amiga no lugar que a misericórdia divina reserva para os grandes desgraçados? Tu estás vivo, filho. Se tivesses morrido, o meu coração tinha-mo dito, e eu pedia com muito fervor o meu trespassse... Hás-de ler a minha carta, *este adeus até logo*, esta expansão da alma que vai sair do mundo abençoando tudo, dores, alegrias, amigos, inimigos, tudo, tudo, porque eu sou muito feliz, e devo à desventura de oito anos este paladar que me faz tão doce o que os sempre ditosos chamam fel de morte.

«E então, meu Guilherme, como tens tu vivido? onde estás no momento em que recebes esta carta? Tu choras? Pedes ao Senhor que te deixe sentir um júbilo igual ao meu. Não chores, porque eu tenho a certeza de que nos vamos encontrar. Não é da febre esta visão. O meu pulso bate regular. O coração arfa com o resto de sangue que tenho; é porque a morte está nele; mas a alma está tão banhada de luz, tão tranquila, tão amorosa de Deus e de ti! Olha, filho, sabes o que eu penso agora? É que não houve crime no nosso amor; não houve, não; se fosse crime amar-te tanto, eu não sentia isto que sinto por ti, agora que estou tão perto do meu fim, que tenho a consciência, tão pura como aos doze anos, quando eu ia vestir de grinaldas de flores aquela cruz que está no alto do *Monte dos Judeus*... Lembra-me tudo!... Uma vez sentei-me, fatigada de brincar, numa pedra, e vinha passando a cavalo uma senhora inglesa muito doente, e muito triste. Parou ao pé de mim, pediu-me umas boninas que eu tinha em ramalhete, e eu dei-lhas muito contente, e perguntei-lhe se ela estava doentinha. Disse-me que sim, que estava muito doente, que ia colher flores no céu que me daria em troca das minhas flores. Perguntei-lhe como eram as flores do céu; e ela, sorrindo com os seus lábios de anjo, disse-me que eram as orações dos bem-aventurados pelas pessoas que nesta vida arrastavam sobre espinhos uma vida aflita. E eu não a entendi então; e nem isto me lembrou senão agora! Será ela que pediu por mim, Guilherme? Eu vou também colher para ti as flores do céu, porque não és feliz, pois não, meu amigo?

«Entrou agora aqui meu pobre marido. Disse-me com muito carinho que não escrevesse tanto, e eu disse-lhe que me estava despedindo de meu irmão. Ele chorou, e saiu. Valha-me Deus! que lágrimas são estas? porque me choram? A nossa amiga Maria dos Anjos está sempre a furtar-se aos meus olhos. Parece que antes querem ver-me sofrer! Há pessoas que compreendem bem superficialmente a desgraça alheia! Como têm sempre alguma esperança que as prende à terra, custa-lhes a conceber a felicidade dos que morrem com alegria na alma!

«Eu ouço uma voz a dizer-me que tu desejas morrer, Guilherme. Era bom que eu me não enganasse! Então sim, esta carta enchia o teu coração de luz, rodeava o teu leito de imagens vestidas da cor do céu, fulgurantes como a luz das estrelas... O que eu vejo, meu filho! Não sinto da vida senão o amor que me prende a ti, e a amizade de meu primo, da minha amiga; mas como é este sentimento? Parece-me que vos estou amando a todos num outro mundo, com o coração na terra, a alma no céu e os olhos em Deus, que me deslumbra, que me arrebatava!...

«E adeus, Guilherme! Tenho muitos pensamentos, mas não sei... não posso escrever-tos... São talvez a linguagem percursora da outra vida... Agora começam as lágrimas a cair-me a fio, e não vejo o que escrevo. Doem-me todas as fibras do corpo. Que é isto, meu Deus? Será um castigo? Olha, Guilherme, já sei o que é... Pago o meu último tributo de amargura, porque estive escrevendo ao meu querido irmão, que ainda fica algemado às amarguras da vida. Sofro por ti, filho, não é por mim. Aumente-me o Senhor, em teu alívio, os meus sofrimentos. E adeus... Espera... esquecia-me dizer-te

que deixo em poder de Maria dos Anjos um legado para ti... É o teu retrato, e um ramo de flores. Não posso mais.»

«Esta carta – prosseguiu o literato – fez o abalo que tu imaginas no pobre Guilherme. A sua primeira ideia foi partir para Lisboa, e eu não me opunha à sua vontade impetuosa; até queria segui-lo. De repente, porém, Amaral queixa-se de que lhe cravaram na cabeça um ferro em fogo vivo. Corre desesperado a casa, e eu não sabia o que fazer-lhe, e só a duas léguas de distância havia um inábil curandeiro. Depois de algumas horas de frenesi, Amaral fica prostrado e adormece. Quando acordou disse desvarios imperceptíveis, trocava os nomes dos objectos, e fitava em mim olhos de embriagado, espasmódicos e arraiados de betas sanguíneas. Realizava-se o terrível prognóstico. Perguntei-lhe se sentia forças para a jornada a Lisboa; não me respondeu. Instei neste estímulo, único para avaliar o seu estado, e balbuciou alguns trechos desligados da IMITAÇÃO DE CRISTO.

«Para abreviarmos, meu amigo, pois que são horas de recolhermos cada um ao coração reconcentrado as dolorosas recordações destas biografias, devo dizer-te que deixei há dois meses Guilherme do Amaral entregue a uns parentes de Viseu, que o levaram para sua casa.

– Em que estado? – perguntei eu.

– Demente. E num destes dias deve aqui estar no Porto de passagem para o hospital de doidos.

– E a baronesa de Amares? essa já eu vi nos jornais...

– Que morreu faz hoje quinze dias. Erguera-se do leito encostada a Maria dos Anjos. Descera ao jardim por conselho dos médicos. Quando atravessava o patim viu subir a escadaria do lado da rua um criado com as gazetas para o escritório do barão. Disse a Maria dos Anjos que pedisse os jornais, e lhe lesse alguma coisa. Na secção noticiosa, a amiga de Augusta pronunciou a palavra indicativa DEMÊNCIA, e continuou: *Consta de uma carta de Viseu que se acha ali em casa do excelentíssimo senhor *** em deplorável estado de loucura um cavalheiro muito conhecido e estimado em Lisboa...* Aqui, Maria dos Anjos susteve-se; mas o jornal fremia tremulando-lhe nas mãos. A baronesa tirou-lhe com veemente energia o jornal, e viu: *o senhor Guilherme do Amaral...*

«E não leu mais. Entre o papel e os olhos dir-se-ia que descera súbito a mortalha que lhe era enfim trazida pela mão do anjo da misericórdia.

«Maria dos Anjos tomou-a nos braços. Chamou gente. Conduziram-na desacordada ao leito. Dum lado a amiga banhada de lágrimas, e do outro o barão alheado e convulsivo, sustiveram-na até que o médico, tomando-lhe o pulso, voltou-se para o barão, e disse: «Podem deixá-la encostar-se aos travesseiros... Todas as posições são indiferentes a um cadáver!»

Eu queria fazer mil perguntas ao poeta, mas ele delicadamente me preveniu que o incomodava muito a continuação deste assunto.

Procurei-o dias depois, e soube que ele, saindo para o Brasil na véspera, sem poder despedir-se, me deixara um maço de papéis. Eram os apontamentos dos dois romances, que salvos os nomes e as localidades, fielmente coordenei para cevar a curiosidade gélida dos meus leitores felizes, e apresentar aos infelizes alguns sócios de infortúnio desconhecidos talvez.

Em suplemento ao conteúdo constante do manuscrito, devo dizer que o barão de Amares.. vive hoje na quinta donde tirou o título, educando o filho adoptivo de sua mulher, aquele enfeitado que o literato colheu na roda. Francisco tem repartido a maior parte dos seus haveres pelos estabelecimentos pios, e é o pai de todos os órfãos, e o benfeitor de todas as viúvas desvalidas que se acolhem à sua caridade.

Guilherme do Amaral não recuperou o juízo. Vive, rodeado de vigilantes cuidados, numa casa de campo nos subúrbios de Lisboa. O dono desta casa, e dos criados que a servem, é o barão de Amares.

O literato é escritor público no Brasil; e parece que em dois anos de trabalho não arranjou ainda o valor dum preto velho.

Doutra muita gente, que por aí figura nessas páginas, não especializaremos senão D. Margarida Carvalhosa, que está engordando brutalmente; e – o que mais é – as sandices, que diz, avolumam-se em maravilhosa harmonia com o corpo.

Nota das edições desta obra

1ª edição – Porto – 1856 – Editor: Rodrigo José de Oliveira Guimarães.

2ª edição – Porto – 1862 – Em casa de Cruz Coutinho.

3ª edição – Porto – 1869 – Em casa de Cruz Coutinho.

4ª edição – Lisboa – sem data (1891?) – colecção Pedro Correia (Travessa da Queimada).

5ª edição – Lisboa – 1905 – Parceria A. M. Pereira.

6ª edição – Lisboa – 1917 – Parceria A. M. Pereira.

7ª edição – Lisboa – 1924 – Parceria A. M. Pereira.

8ª edição – Lisboa – 1960 – Parceria A. M. Pereira.

9ª edição – Lisboa – 1967 – Parceria A. M. Pereira.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da 5ª edição.
Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
